

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIOS E PROCESSOS AUDIOVISUAIS

Mariane Roccelo

O fascismo nas redes sociais:

Como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas

São Paulo
2021

MARIANE ROCCELO

**O fascismo das redes sociais:
Como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e
as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas**

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências pelo programa
de Meios e Processos Audiovisuais.

Orientador: Prof. Ciro Juvenal Marcondes
Filho.

Co-orientação: Eugênio Bucci

São Paulo

2021

Nome: ROCCELO, Mariane

Título: O fascismo das redes sociais: Como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas.

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo programa de Meios e Processos Audiovisuais.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

É impossível mensurar todas as mudanças que aconteceram desde que o professor Ciro Marcondes Filho me aprovou para esse programa de mestrado. O projeto, que inicialmente era sobre a cobertura de assuntos de segurança pública pelos jornais brasileiros (tema trabalhado magistralmente por ele anos atrás), foi substituído por um tema que se mostrou mais importante durante as eleições presidenciais de 2018 – que levantou o tapete do Brasil para deixar à mostra uma extrema-direita que muitos não conheciam. O professor Ciro acompanhou a substituição do projeto sem qualquer incômodo e desde o início me avisou que era um tema ousado para um mestrado. A mudança fez o tema descolar um pouco do que o professor estava pesquisando na época, mas isso nunca seria um problema. Uma das maiores habilidades dele era conseguir nos fazer pensar e refletir sobre o mundo em qualquer assunto, mesmo quando o resultado da conversa era discordar do que ele estava falando. Conversar com o Ciro significava que mesmo quando a conclusão era que não concordávamos, ele conseguia tirar algo novo e nos fazia sair do diálogo melhores do que havíamos entrado. Depois das aulas de graduação, iniciação científica e mestrado, na minha memória, o Ciro representa um amante da liberdade de pensar. Por conseguir utilizar sabiamente todo o conhecimento acumulado em décadas de pesquisa, ele se tornou um desbravador de novas terras cheio de ferramentas potentes quando o assunto era a comunicação (habilidade que manteve até quando a doença se agravou). Ter a oportunidade de conhecer um outro lado do Ciro no mestrado, bem diferente do professor que me deu aula na graduação, foi uma sorte. Ele era um orientador que ia além da frieza e da vaidade acadêmica e conseguia conversar com os orientandos de um jeito leve, descontraído e até engraçado durante os cafés e almoços com o Filocom. Sinto-me extremamente privilegiada por ter a oportunidade de fazer parte da última leva de orientandos do professor. Ao mesmo tempo, gostaria de ter tido mais tempo para conhecer o Ciro das conversas dos cafés, que conheci pouco, mas o suficiente para saber que era uma pessoa incrível.

Ao longo desse mestrado conturbado, também tive a sorte de reencontrar, depois da graduação, o professor Eugênio Bucci, que primeiro me abriu um caminho novo e fundamental para o tema quando descobri a pesquisa dele sobre redes sociais. Depois, me aproximei do trabalho dele como monitora e lembrei como

algumas das melhores aulas que já assisti foram dele (é possível assistir às mesmas aulas por semestres seguidos e ainda assim aprender um milhão de coisas novas a cada exposição). Por último, quando o Ciro já não estava por aqui e apareceram outros problemas na minha vida pessoal, tive a segunda sorte de ter o Eugênio por perto, que me ajudou a passar por meses difíceis sem deixar a peteca cair. Esse mestrado jamais sairia se não fosse por ele e toda companhia e orientação ao longo dos últimos meses.

Os agradecimentos também vão para o Mateus Netzel, que além de ficar do meu lado ao longo dos últimos 4 anos, leu e revisou esse texto algumas vezes até ele poder ser considerado finalizado. Também agradeço minha mãe, Martha, que a quem todo agradecimento do mundo nunca vai ser suficiente. Agradeço ainda os anos de estudos desde 2014 junto ao CPECC (Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais), que foi fundamental para manter os estudos nos meses sem orientação.

Por último e mais importante, agradeço ao meu querido Lennon, amigo adotado há 13 anos (quando me apaixonei à primeira vista pelo cachorro mais carinhoso que já conheci). Perdê-lo em um momento como esse foi como uma rasteira da vida em um ano em que já estava difícil ficar em pé. Só tenho a agradecer pelos anos de amizade e por tê-lo ao meu lado, literalmente, durante a redação da maior parte dessa dissertação.

RESUMO

ROCCELO, M. **O fascismo das redes sociais: Como o desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação de massa e as plataformas sociais estimulam comportamentos fascistas**. 2021. 136 f. Tese (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A dissertação procura identificar e localizar a permanência de traços fascistas no corpo social e nos meios de comunicação dentro do Estado capitalista. Levando em consideração que a principal característica do fascismo é a existência de um suposto inimigo da nação, o recorte escolhido considera duas totalidades que estão relacionadas a essa ideia: o aparelho punitivo e os meios de comunicação de massa. O foco temporal analisa ambas totalidades até as duas primeiras décadas do século XXI, quando ocorre a popularização das redes sociais. No primeiro momento, o conceito de fascismo é definido e analisado dentro das totalidades estudadas, assim como as origens de comportamentos que se aproximam dele. O objetivo é levantar os aspectos reiterativos e as determinações que garantem a permanência dessa ideologia. Num segundo momento, são estudados os desdobramentos dessas determinações nas comunicações, com destaque para as redes sociais, a fim de verificar padrões reiterativos no corpo social dentro e fora da internet. A metodologia utiliza uma bibliografia das áreas de ciência política, comunicação e criminologia para encontrar as camadas subpostas das relações sociais estudadas. O objetivo é romper com uma visão imediatista dessas relações e descobrir, as determinações que garantem comportamentos fascistas reiterativos nas redes sociais.

Palavras-chave: fascismo; redes sociais; internet; neoliberalismo; algoritmos.

ABSTRACT

ROCCELO, M. **The fascism of the social networks: How the technological development, the mass media and the social platforms stimulate fascist behaviours in the internet.** 2021. 136 f. Tese (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This dissertation tries to identify and locate the permanence of fascist traits in the social body and media within the capitalist state. Taking into account that the main characteristic of fascism is the existence of a supposed enemy of the nation, the chosen section considers two totalities that are related to this idea: the punitive system and the mass media. The temporal focus analyzes both totalities until the first two decades of the 21st century, when social networks became popular. At first, the concept of fascism is defined and analyzed within the studied totalities, as well as the origins of behaviors that approach this ideology. The objective is to raise the reiterative aspects and determinations that guarantee the permanence of fascism. In a second moment, the focus is the consequences of these determinations in communications, with emphasis on social networks, in order to verify repetitive patterns in the social body inside and outside the internet. The methodology uses a bibliography from political science, communication and criminology to find the underlayed layers of the studied social relations. The objective is to break with an immediate vision of these relationships and discover the determinations that guarantee repetitive fascist behaviors on social networks.

Keywords: fascism; social networks, internet, neoliberalism, algorithms.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Definindo Fascismo	15
2.1. O autoritarismo	15
2.2. A democracia	17
2.3. O fascismo	19
2.3.1. Permanência do fascismo	23
3. Totalidades	24
3.1. A origem e formação do inimigo no sistema punitivo	27
3.1.1. As origens do inimigo do Estado	27
3.1.3. O criminoso é transformado em bode expiatório	34
3.1.4. Análise do filme Tropa de Elite	41
3.2. A indústria da propaganda e os meios de comunicação de massa	49
3.2.1. Origens	51
3.2.2. A propaganda em função da criação do Inimigo do Estado	64
4. O fetiche da mercadoria	68
4.1. A expansão da lógica do consumo	68
4.2. As mudanças da relação entre público e propaganda	81
4.2.1. Espaço para reflexão	86
4.3. O telepaço público e a instância da imagem ao vivo	89
4.4. Os padrões de pensamento	97
4.5. Neoliberalismo	99
5. Imediaticidade	105
5.1. A estrutura das redes sociais	106
5.2. Análise de notícias falsas de alta circulação nas redes sociais	113
6. Conclusão	124
6.1. Apropriação e instrumentalização das deficiências do capitalismo	124
6.2. Construção do inimigo do Estado	125
6.3. Meios de massa que debilitam a comunicação saudável	126
6.4. Propaganda nazista e redes sociais	126
6.5. Sujeito pós-traumático	128
6.6. Nota sobre a regulamentação da internet	129
APÊNDICE	131
REFERÊNCIAS	132

1. Introdução

No dia 30 de maio de 2020, um pequeno grupo de extrema-direita chamado '300 do Brasil' realizou um ato em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília, segurando tochas e vestindo máscaras brancas. O principal alvo do grupo era o ministro e relator do inquérito das fake news¹, Alexandre de Moraes. Liderado pela ativista Sara Winter, no local estava presente uma maioria de homens brancos que gritava frases, como “viemos cobrar, o STF não vai nos calar” e “careca, drogado, Alexandre descarado”, enquanto sons de marcha, berrantes e fogos de artifício ecoavam ao fundo.

(imagem 1)



(imagem 1) Frame do vídeo “300 DO BRASIL' FAZ ATO EM FRENTE AO STF COM TOCHAS E GRITOS CONTRA MORAES”, disponibilizado pelo UOL. O ato aconteceu no dia 30 de maio de 2020, em frente ao Supremo Tribunal Federal, em Brasília (DF). De acordo com a página do UOL no Youtube, o evento aconteceu depois de a principal porta-voz do grupo, Sara Winter, “ter sido alvo de mandado de busca e apreensão relacionado ao

¹ O Inquérito (INQ) 4781 foi aberto em 14 março de 2019 pelo Supremo Tribunal Federal com objetivo de promover a “investigação de notícias fraudulentas (fake news), falsas comunicações de crimes, denúncias caluniosas, ameaças e demais infrações revestidas de animus caluniandi, diffamandi ou injuriandi, que atingem a honorabilidade e a segurança do Supremo Tribunal Federal, de seus membros; bem como de seus familiares, quando houver relação com a dignidade dos Ministros, inclusive o vazamento de informações e documentos sigilosos, com o intuito de atribuir e/ou insinuar a prática de atos ilícitos por membros da Suprema Corte, por parte daqueles que tem o dever legal de preservar o sigilo; e a verificação da existência de esquemas de financiamento e divulgação em massa nas redes sociais, com o intuito de lesar ou expor a perigo de lesão a independência do Poder Judiciário e ao Estado de Direito”. Disponível em <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/mandado27maio.pdf>

inquérito das fake news". Em outra página do UOL², o veículo informa que no local havia "poucas dezenas de pessoas".

As tochas, máscaras e palavras de ordem escolhidas faziam alusão a atos recentes de grupos da supremacia branca dos EUA e a manifestações da extrema-direita alemã do início do século XX, durante a ascensão do nazismo – em particular a que ficou conhecida como "noite das tochas"³.

(imagem 2)



(imagem 2) Cena dos protestos da direita nacionalista dos Estados Unidos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Charlottesville, Virgínia, em resposta às grandes manifestações do grupo antirracista e antiviolença policial Black Lives Matter, que aconteceram no mesmo ano. No ato, os supremacistas cantaram trechos de canções nazistas, com frases, como "sangue e terra", que evocavam o lema nazista "blut und boden", de acordo com o site da CNN.⁴

² "Liderado por alvo do STF, grupo faz ato com tochas e máscaras contra Moraes" - Do UOL São Paulo. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/31/grupo-300-protesto-supremo.htm>

³ Manifestação que aconteceu em 1939, na Alemanha, em celebração ao aniversário do partido nazista Nacional Socialismo.

⁴ WAGNER, Meg. 'Blood and soil': Protesters chant Nazi slogan in Charlottesville. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/08/12/us/charlottesville-unite-the-right-rally/index.html>

(imagem 3)



(imagem 4)



As imagens 3 e 4 são cenas do vídeo de arquivo disponibilizado pelo canal do YouTube da produtora British Pathé, que existiu de 1910 até 1970. A gravação aconteceu em 1939, durante a celebração em homenagem ao aniversário do partido nazista Nacional Socialismo. O evento ficou conhecido como "noite das tochas"⁵.

As reações ao ato do coletivo da extrema-direita brasileira foram diversas: algumas pessoas ficaram horrorizadas ao ver uma manifestação com referências tão claras ao nazismo acontecendo no Brasil, outras com medo, outras preocupadas, e teve quem achasse tudo um grande circo estrelado por palhaços conservadores. Além disso, na manifestação, os que se autodenominam "300 do Brasil", uma referência à batalha entre Esparta e o Império Persa, não chegavam a somar 30

⁵ Vídeo completo disponível em:
<https://www.britishpathe.com/video/germany-aka-torchlight-procession-in-berlin>

integrantes. Para um país que há uma década era apresentado para o mundo como exemplo de ascensão econômica vinculada a políticas de melhorias sociais⁶, pode ser difícil encarar a existência de um grupo organizado e ativo disposto a desfilar abertamente em defesa de ideais conservadores e nazistas com apoio de uma parcela de políticos eleitos, incluindo o próprio presidente. Em 2021, ainda não é possível saber se em algum momento esses grupos colocarão em prática o que prometem, mas atos como esse aconteceram outras vezes nos últimos anos, com destaque para o ocorrido no dia 7 de setembro no DF e na Avenida Paulista (SP), que pediu abertamente pautas antidemocráticas⁷. O fato é que a palavra **fascismo**, que por décadas se manteve distante do dia a dia do brasileiro, voltou à tona com as eleições presidenciais de 2018 e desde então aparece periodicamente no noticiário. Paralelamente, grupos extremistas como os de Sara Winter se proliferam nas redes sociais. Entretanto, o uso da palavra fascismo nem sempre é exato. Há quem a use como sinônimo de autoritarismo ou ditadura, e há quem a use como um termo pejorativo de significado aberto, quase como um xingamento válido para qualquer coisa que desagrade.

Esta dissertação define o significado de fascismo e analisa a sua permanência em duas totalidades⁸: o aparelho punitivo e a indústria da comunicação, com foco nas redes sociais. Ambas foram selecionadas por alcançarem a maior parte da população brasileira e estarem relacionadas diretamente à formação da opinião pública e do corpo social em temas relacionados ao fascismo. Apesar de terem raízes e formatos diferentes, no que tange à permanência do fascismo, essas totalidades se aproximam por meio de uma série de semelhanças de discurso e comportamento. Ao analisar o impacto do fascismo no Brasil e a criação da ideia de um inimigo da nação, a proximidade dos discursos dos meios de comunicação de massa e do sistema de justiça merecem destaque. Também é importante considerar que quase 20%⁹ das residências do país não tinham acesso à internet até 2020,

⁶ Como a famosa capa da revista Time, de setembro de 2009, apresentando o Cristo Redentor do Rio de Janeiro, decolando do chão como um foguete e o título "Brazil Takes Off". Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil_takes_off.jpg

⁷ G1 em 7 de setembro de 2021- "Bolsonaro ataca Alexandre de Moraes e diz que não cumprirá mais decisões do ministro do STF". Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-e-diz-que-ministro-tem-tempo-para-se-redimir-ou-se-enquadra-ou-pede-para-sair.ghtml>

⁸ De acordo com o conceito de totalidade para Marx, conforme José Paulo Netto (2011), que será apresentado mais tarde nesta dissertação.

⁹ "Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet". Ministério das Comunicações. Disponível em:

percentual que chegava a quase 50% até dois anos antes, o que significa que a formação da opinião pública dessa parcela também foi impactada por fatores que estão fora das redes sociais. As perguntas que tentarei responder, são: (1) quais traços de fascismo são reiterativos nos veículos de comunicação e no sistema de justiça criminal? Para entender como o fascismo se manifesta no dia a dia e no corpo social; (2) Por que a ideologia fascista está em ascensão nas primeiras décadas do século XXI? Para entender os motivos que levaram à eclosão de governos e grupos nacionalistas e conservadores nas duas primeiras décadas do século XXI; (3) As redes sociais estão relacionadas, de alguma forma, com esse movimento? Por quê? Para entender se essa relação existe, como ela existe e os motivos que a mantêm.

A hipótese do trabalho é que há relação entre o fortalecimento do fascismo e a popularização das redes sociais e ambos refletem alguns dos aspectos estruturais do aparelho punitivo brasileiro. Entretanto, esse vínculo pode se manter através de aspectos específicos dos meios de comunicação de massa e das estruturas das plataformas mais populares. O objetivo é identificar se e como essas redes reproduzem o fascismo, procurando entender quais são os pilares que o sustentam cultural e socialmente. Apesar de usar referências das ciências políticas e criminológicas, são apresentados os reflexos dessas relações na comunicação. A metodologia utilizada parte do estudo de uma literatura das áreas de ciência política, história, criminologia e comunicação, além de notícias de veículos brasileiros e internacionais, para, no primeiro momento, definir o objeto fascismo e, em seguida, entender a dinâmica dos comportamentos reiterativos nas totalidades analisadas¹⁰. Por fim, é analisada a forma como esses comportamentos se apresentam nas redes sociais.

Ao longo do texto, o termo ideologia é apresentado vinculado à palavra fascismo, considerando a definição de ideologia apresentada por José Paulo Netto¹¹ a partir da leitura de Marx:

<https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>

¹⁰ NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011.

¹¹ NETTO, José Paulo. Curso aberto de método em Marx realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0mlvPEIRUIE>

Qualquer elaboração intelectual fundamentalmente filosófica que não é capaz de reconhecer os seus condicionalismos sócio-históricos – que se apresenta como produção puramente intelectual, que não expressa as condições históricas e sociais nas quais é reproduzida e, portanto, tanto o autor quanto os partícipes levam a supor que a realidade sócio-histórica deriva da ação intelectual¹².

Portanto, nesse caso, ideologia está relacionada a uma ilusão idealista que gera uma falsa consciência em que o sujeito acredita que aquilo que resulta da ação humana aparece como algo natural, como uma imagem falseada das relações entre ação humana e realidade. Esse movimento é fruto de uma incapacidade de compreender as essências dos processos sociais, resultando em uma leitura desconfigurada e limitada do real.

Essa definição tem origem na tradição hegeliano-marxista e afirma que o “fetichismo da mercadoria”, fruto da produção capitalista, torna-se o principal mecanismo responsável por debilitar a capacidade de compreensão dos processos. De acordo com Slavoj Žižek, com o nascimento do fascismo no início do século XX, essa concepção de ideologia se mostrou insuficiente. Tornou-se necessário considerar que a ideologia também resulta de um processo de “sublimação do racional”¹³, que prioriza o que é mais aceito pelo coletivo em detrimento da razão individual. Dessa forma, esse movimento trabalha por meio do irracional e do alinhamento incondicional aos discursos que se tornam instrumentos de ação:

Ele não procede à maneira da "argumentação racional", mas funciona, ao contrário, como apelo direto ao assujeitamento e ao sacrifício “irracional”/“incondicional”, apelo este legitimado, em última instância, pela própria facticidade de sua “força” performativa. Adorno explica essa condição recusando ao fascismo o caráter de ideologia no sentido estrito de “legitimação racional da ordem existente”: a suposta “ideologia fascista” já não tem a coerência de um campo racional que mereça a análise e a refutação ideológico-críticas, já não é, nem mesmo entre seus promotores, “levada a sério”, seu estatuto é puramente instrumental e, no fundo, apoia-se apenas na coerção externa – a ideologia fascista se reduz, em última instância, a uma mentira pura e simples, em relação à qual nos mantemos à distância e da qual nos servimos como sendo um puro meio de ação¹⁴.

¹² NETTO, José Paulo. Curso aberto de método em Marx realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016.

¹³ ŽIŽEK, Slavoj. Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 25.

¹⁴ Ibid, p. 25 e 26.

Assim, o termo fascismo é apresentado vinculado ao conceito de ideologia por considerar que ele não existe apenas em modelos de governo ou depende de um Estado para se manifestar. Ele se estrutura por meio de concepções irracionais dos processos sociais e tem como instrumento principal os **discursos**. Assim, é possível afirmar que é uma ideologia que se manifesta em diversos comportamentos do corpo social, mesmo em períodos de estabilidade política.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta a definição de fascismo e a relação dessa ideologia com o conceito de autoritarismo. Em seguida, são apresentadas as principais características discursivas, estruturais e como ele se manifesta no comportamento do corpo social. No segundo capítulo, são analisadas duas totalidades – o sistema punitivo e os meios de comunicação de massa – e destacados os pontos de cada uma que se aproximam ou reproduzem a ideologia fascista. O segundo capítulo aborda ainda a origem dos meios de comunicação de massa durante o nazismo alemão no início do século XX e os modelos discursivos criados naquele período que ainda são utilizados. No terceiro capítulo, são apresentadas as formas reiterativas de comportamentos fascistas que se expressam no corpo social e na indústria da comunicação nas primeiras décadas do século XX. No quarto e último capítulo, o foco passa a ser a imediaticidade nas redes sociais, como e por que elas se tornaram os meios de comunicação mais utilizados por grupos fascistas e de extrema-direita, quais os aspectos estruturais dessas plataformas que permitem essa relação e o surgimento do sujeito pós-traumático.

2. Definindo Fascismo

2.1. O autoritarismo

Estudar o que é o fascismo é como ver um corpo com uma doença complexa e tentar diagnosticá-la sabendo que analisar um sintoma isoladamente não é suficiente – é preciso considerar o conjunto, porque doenças diferentes podem ter sintomas parecidos. Da mesma forma, conceitos como fascismo, autoritarismo e violência estatal podem parecer sinônimos, mas para entender as estruturas que garantem a permanência é necessário conhecer os mecanismos responsáveis pela existência de cada um.

Antes de abordar o fascismo, é importante falar sobre autoritarismo, porque todo governo fascista é necessariamente autoritário. Florestan Fernandes¹⁵ mapeou as estruturas de governos autoritários e destacou a diferença entre os conceitos de **poder** e **dominação**. Citando Weber, ele define **poder** como algo ligado à imposição da vontade. Nesse caso, a vontade de quem detém o poder prevalece em relação à vontade da maioria que não o detém – a vontade da maioria, nesse caso, não importa. Já **dominação** está relacionada à obediência do outro – o dominado não apenas cumpre o que o dominante ordena, mas também se alia mentalmente às suas convicções. Assim, o autoritarismo depende de ambos, poder e dominação, para existir e permanecer vivo. No governo autoritário, a capacidade de executar a vontade do chefe de Estado não depende apenas do controle das forças políticas, mas também do alinhamento mental de parte da população.

Considerando essa definição, podemos afirmar que há políticas autoritárias em todo Estado capitalista, tanto em períodos de estabilidade política quanto em regimes ditatoriais. Isso acontece porque todo país que adota esse modelo econômico possui códigos de conduta em forma de legislação que controlam todo tipo de comportamento: tanto os nocivos para a própria população, considerados crimes, quanto relações humanas comuns, como o casamento, a propriedade privada e o que pode ou não ser feito no espaço público. O elemento do autoritarismo aparece quando parte da legislação do Estado capitalista é construída para manter o modelo econômico funcionando e convencer as pessoas que ele é

¹⁵ FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular. 1977.

justo. Essas leis que servem para autoproteção são necessárias para o controle do corpo social¹⁶, mas sozinhas não são suficientes. A população de cada país precisa concordar com a manutenção delas para que sejam de fato eficazes. O problema é que, como explica Florestan, instabilidades e contradições são partes estruturais da economia capitalista e, em períodos de instabilidade política, os aspectos autoritários das leis tendem a se enrijecer.

Hoje, após mais de 200 anos de existência do capitalismo¹⁷, as legislações coexistem com todos os tipos de violência. A desigualdade nunca foi tão monitorada: 1% dos mais ricos do mundo detêm mais que o dobro do que quase toda humanidade¹⁸, enquanto 41 milhões de pessoas passam fome¹⁹. O planeta vive o início de um colapso ambiental²⁰ sem precedentes que atingirá, principalmente, as populações mais vulneráveis. Mas essas ameaças são insuficientes para que as legislações mudem e obriguem as maiores economias do planeta a se reestruturarem e repensem o próprio modelo de produção. Segundo Fernandes²¹, para convencer o corpo social de que há algum sentido em manter um modelo econômico como esse funcionando, é necessário evocar discursos em defesa da ordem e de uma suposta garantia de direitos para evitar que as tensões se transformem em conflitos reais. É nesse cenário que nascem as três faces²² do Estado de Direito:

Democrática: quando a aparência de ausência de conflito se sobressai e as reais ameaças à ordem, como protestos ou processos revolucionários, estão “desqualificados” ou “neutralizados”;

Autoritária: quando aumenta a necessidade de fortalecimento de discursos que sustentam o Estado devido a possíveis ameaças crescentes à ordem vigente,

¹⁶ Corpo social, aqui, significa a rede de relacionamentos sociais de grupos humanos, que pode ser a sociedade civil, partes dela, um sistema institucional etc.

¹⁷ Embora o marco da Revolução Francesa seja reconhecido como início do capitalismo, ele é contestado por muitos cientistas políticos. Pesquisadores, como André Singer, afirmam que o capitalismo, na prática, nasceu junto com a formação imperialismo colonialista na América Latina e a transformação de seres humanos em mercadoria durante a escravidão.

¹⁸ G1. “1% mais ricos do mundo detêm mais do dobro de 6,9 bilhões de pessoas, aponta ONG”.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/19/1percent-mais-ricos-do-mundo-detem-mais-do-dobro-de-69-bilhoes-de-pessoas-aponta-ong.ghtml>

¹⁹ Relatório da ONU. Junho de 2021. “Fome ameaça mais 41 milhões de pessoas no mundo, alerta PMA BR”. Disponível em: [/pt/story/2021/06/1754392](https://pt/story/2021/06/1754392)

²⁰ Major climate changes inevitable and irreversible – IPCC’s starkest warning yet Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2021/aug/09/humans-have-caused-unprecedented-and-irreversible-change-to-climate-scientists-warn>

²¹ FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular. 1977.

²² Resumos feitos a partir dos tópicos levantados por Florestan Fernandes. Ibidem.

como protestos ou processos revolucionários. A forma como esse autoritarismo se expressa atinge de forma desigual as diferentes camadas da sociedade, geralmente sendo mais opressiva sobre as camadas vulneráveis.

Fascista: quando somente o autoritarismo não é suficiente para conter as pulsões sociais de mudanças estruturais na ordem vigente. Ele se implanta dentro do Estado como forma de autopreservação e se expressa através da opressão generalizada.

2.2. A democracia

Segundo a pesquisadora Wendy Brown²³, a característica comum a toda democracia, independentemente do modelo econômico adotado e das instituições políticas vigentes, é a **igualdade política**. Quando há qualquer situação que impede que a igualdade política exista, seja por “exclusões”, “privilégios políticos”, “disparidades sociais ou econômicas”, “acesso desigual ou controlado ao conhecimento” ou “manipulação do sistema eleitoral”, a democracia plena deixa de existir. Além disso, nenhum grupo social pode ter tanto poder a ponto de exercer o monopólio da violência ou da “sistematização da miséria coletiva”. A partir dessa premissa, Brown define os três pilares de qualquer democracia plena: “a **isegoria**, a igualdade sob a lei; a **isopoliteia**, votos igualmente ponderados; e **igual oportunidade de assumir cargos políticos**”. Assim, a existência de um modelo econômico estruturado no acúmulo de capital, na concentração de renda e com uma legislação que tem como objetivo a defesa do modelo econômico, tem como consequência uma série de desigualdades estruturais que impedem que a igualdade política seja garantida para todo o corpo social, assim como a democracia plena.

Cria-se, assim, um paradigma: as leis necessárias para manter o capitalismo vivo são naturalmente anti-democracia plena, uma vez que esse modelo econômico²⁴ não pode garantir a igualdade política. Zizek²⁵ vai além e questiona o conceito de liberdade e igualdade burguesa atrelado à ideia de diminuição do poder do Estado, afirmando que “a liberdade de escolha só funciona realmente se uma

²³ BROWN, Wendy. Nas ruínas do capitalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Editora Politéia. 2019. p. 33.

²⁴ Democracia aqui se refere a todos os formatos de governos democráticos dentro do capitalismo: seja parlamentar, presidencialista etc.

²⁵ ZIZEK, Slavoj. Sobrevivendo no fim dos tempos. Editora Boitempo, 2012, p.251.

complexa rede de condições jurídicas, educacionais, éticas, econômicas e outras estiverem presentes como fundo denso e invisível do exercício de nossa liberdade”. Isso quer dizer que um Estado capitalista só pode ser verdadeiramente democrático se o pilar principal da legislação for estruturado para trabalhar ativamente contra as desigualdades e limitações da igualdade política. Uma democracia plena dentro do capitalismo só seria possível se ela trabalhasse ativamente contra as instabilidades, contradições e desigualdades estruturais do próprio sistema econômico. Isso quer dizer que, no capitalismo, a democracia só será plena se trabalhar contra o próprio capitalismo²⁶. Para o corpo social, em meio à permanência de contradições e instabilidades junto a uma democracia limitada, é inevitável que a população conteste e questione as regras estabelecidas. O resultado desse movimento é uma somatória de conflitos: os estruturais, que existem devido ao modo de produção, e os que nascem a partir da compreensão pelo corpo social da existência dessas contradições e instabilidades. E, como mostrou Florestan, para tentar controlar as tensões, a tendência do Estado capitalista em períodos de crise social é enrijecer e endurecer as políticas autoritárias para conter, a qualquer custo, as tentativas de mudanças estruturais.

A contradição da democracia capitalista está presente até na própria ideia de liberdade. A perspectiva meritocrática de sociedade afirma que, por meio do trabalho e do próprio esforço, todas as oportunidades se tornam alcançáveis. Essa ideia ignora a importância de grande parte dos avanços sociais que o próprio capitalismo alcançou ao longo das décadas (como o direito à educação, à alimentação, à moradia, à segurança, direitos trabalhistas) assim como nega as múltiplas desigualdades presentes em todos os espaços. A função social desse discurso é eximir a responsabilidade dos Estados e dos conglomerados empresariais de garantir e defender os direitos individuais que o próprio liberalismo estabelece, ao mesmo tempo que cria um padrão de vida que precisa ser seguido para que a sobrevivência individual seja possível. Na democracia capitalista, a maior parte da humanidade precisa vender a própria força de trabalho em empregos que não são escolhidos ou criados por ela, e a opção por seguir uma vida fora desse caminho só existe para os muito ricos. Assim, o mundo no capitalismo é destinado aos capazes e aos resistentes que conseguem se adequar à ordem estabelecida. “Aquele que

²⁶ BROWN, Wendy. **Nas ruínas do capitalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. 1ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2019, p. 34 e 35.

não se provê é mandado para os campos de concentração, ou, em todo o caso, ao inferno do trabalho mais humilde ou às favelas”²⁷.

2.3. O fascismo

Um aspecto comum de toda democracia é um corpo social que demanda melhorias e contesta a adoção de políticas autoritárias. Esse fator cria um paradoxo quando coexiste com um modelo econômico incapaz de evitar crises periódicas. O Estado que se estrutura na instabilidade e contradição é o mesmo que gera a demanda por maior estabilidade e melhorias sociais. É a partir dessa contradição que o fascismo floresce:

O fascismo é, em seu aspecto mais elementar, uma revolução conservadora. Uma revolução do desenvolvimento econômico e da indústria moderna, mas uma revolução que, no entanto, mantém ou até reafirma uma sociedade hierárquica tradicional. Uma sociedade moderna e eficiente mas, ao mesmo tempo, controlada por valores hierárquicos, sem classes ou outros antagonismos.

Agora... eles têm um problema aqui, os fascistas. Antagonismo, classe social e outras coisas são inerentes ao capitalismo. Modernização, industrialização, como sabemos, a história do capitalismo significa desintegração de antigas relações estáveis, ou seja, conflitos sociais. A instabilidade é a forma como o capitalismo funciona.

Então, como resolver esse problema? Você precisa gerar uma narrativa ideológica, que explique como as coisas deram errado na sociedade. Não como resultado das tensões internas do desenvolvimento desta sociedade, mas como resultado de um intruso estrangeiro. ‘As coisas iam bem até que os judeus penetrassem no nosso corpo social. O caminho para restaurar o corpo social é eliminando os judeus’.²⁸

Zizek introduz o aspecto principal da ideologia fascista: ela se alimenta do discurso necessário para sobrevivência do capitalismo, que transfere para um bode expiatório a responsabilidade das consequências sociais geradas pelas contradições e instabilidades do próprio sistema. Ela se desenvolve a partir dessa ideia até se descolar da realidade, se sustentando e expandindo por meio da irracionalidade. O

²⁷ ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009., p.50.

²⁸ ZIZEK, Slavoj. **Slavoj Žižek Explains Fascism in 2 Minutes or Less**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wx3MKue1EWQ>>. Acesso em 5.set.2021.

fascismo precisa do irracional porque a própria verdade factual²⁹ e os mecanismos sociais de compreensão do real desmentem os seus discursos.

A lógica fascista projeta a causa de todo mal na figura de um grupo de pessoas ou ideal que assume o papel de inimigo do corpo social. Para o fascista, as mazelas sociais só existem devido à interferência negativa desse bode expiatório, que é mau por essência e desrespeita tudo que o corpo social preza. Ele se apoia em um discurso irracional repetitivo que gradativamente tira do bode expiatório todos os traços de humanidade que possam trazer a sensação de que o fascista e seu inimigo tenham qualquer semelhança. Umberto Eco³⁰ levantou uma série de características desses discursos que permaneceram vivas após o Holocausto – todas relacionadas direta ou indiretamente à ideia de um inimigo da nação:

1. Culto à tradição;
2. Recusa da modernidade;
3. Irracionalismo e culto da “ação pela ação”;
4. Desacordo/crítica como sinônimo de traição;
5. Medo da diferença;
6. Apelo às classes médias frustradas;
7. Nacionalismo;
8. Os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais;
9. A “solução final” via violência – o pacifismo é “conluio com o inimigo”;
10. Elitismo e desprezo pelos fracos.

Esses discursos refletem a ideia de um inimigo menos humano e menos inteligente, ao mesmo tempo que ardiloso e poderoso a ponto de ser uma ameaça global. O bode expiatório representa uma ameaça a partir do momento que existe e, por ser visto como um risco à própria humanidade (na concepção de ser humano fascista), exterminá-lo é o caminho para a autopreservação. Zizek analisa esse mesmo comportamento:

(...) É difícil para a maioria dos seres humanos vencer a repulsa contra a tortura e morte de outros seres humanos. A grande maioria das pessoas é espontaneamente ‘moral’: para elas, matar o outro ser humano é profundamente traumático. Assim, para levá-las a isso, é

²⁹ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

³⁰ ECO, Umberto. “Fascismo Eterno” - Livro adaptado de um seminário do autor. Record. 2018.

preciso uma 'causa sagrada', que faça o mesquinho temor de matar parecer trivial. (...) A maioria precisa ser 'anestesiada' contra a sensibilidade elementar ao sofrimento dos outros. Para isso, é preciso uma causa sagrada³¹.

Roger Griffin explica³² como o fascismo está relacionado às instabilidades políticas e emerge a partir de momentos de crise política e social, quando o “senso de propósito” e o significado da própria existência estão em crise. “A crise é necessária para fazer as sementes do fascismo se espalharem”, afirma, e “a pré-condição para que o fascismo cresça é uma profunda sensação de insatisfação com a ordem atual”. Esses discursos fascistas foram utilizados em diversos momentos de ruptura democrática: no Reich Alemão, no Camboja, nos anos 1960, nas ditaduras militares da América Latina ao longo das décadas de 60, 70 e 80, em Ruanda, em 1994, e nos diversos países que atualmente são liderados por governos da extrema-direita, como Ucrânia e Brasil.

Assim, um modelo econômico incapaz de impedir períodos de crise e instabilidade é o combustível ideal para manutenção e fortalecimento dessa ideologia. Para o sujeito fascista, a lógica de pensamento é algo parecido com: *se cada pessoa é responsável por garantir um mundo melhor e meu mundo está desabando sem eu ter feito nada de errado, **alguém** deve ser o culpado. Se a segurança do mundo depende de ações individuais somadas, esse culpado não será quem age e pensa como eu, mas aqueles que são diferentes e querem um mundo diferente.*

É assim que a ideologia fascista transfere para aqueles que agem e pensam diferente a culpa pelo fracasso da sociedade, e a solução para salvá-la é eliminar a ameaça. Segundo o historiador Jeffrey Herf³³, que estudou o sucesso da propaganda nazista, o trauma social foi fundamental para a ascensão de Hitler na Alemanha. “Quando os nazistas assumiram o poder, encontraram-se senhores de uma sociedade já imbuída de noções prontas a serem mobilizadas para a mais extrema forma de eliminação imaginável”³⁴.

³¹ ZIZEK, Slavoj. Sobrevivendo no fim dos tempos. Editora Boitempo, 2012, p.108.

³² GRIFFIN, Roger. “Faschismus hat eine existentielle Dimension”. Instituto Rosa Luxemburgo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H7XhAR5SxIE&t>

³³ HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014.

³⁴ Ibid p. 25.

Ao longo do século XX, períodos de crises do capitalismo com endurecimento de políticas opressivas foram intercalados por momentos de maior liberdade. Fazendo um panorama rápido desse período, foram duas grandes crises econômicas (de 29 e a crise do petróleo nos anos 70), guerra dos Balcãs, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, guerra do Vietnã, guerra do Golfo, genocídio armênio, Holocausto, ditaduras militares por toda a América Latina, genocídio de Ruanda, guerra da Iugoslávia, além da colonização de diversos países da África por europeus e centenas de conflitos civis menores ao redor do mundo. Nas duas primeiras décadas do século XXI, além das guerras do Iraque e do Afeganistão, em 2008 o mundo entrou em uma das mais graves crises econômicas do capitalismo, que abriu caminho para o nascimento de grupos radicais como Estado Islâmico e o Al Shabab. Nos últimos 20 anos, os países acompanharam uma gradual piora das liberdades democráticas, que se acentuou nos últimos anos com a ascensão de governos de extrema-direita em vários países pelo mundo, como no Brasil em 2018, com Bolsonaro, na Polônia em 2015, com o partido Lei e Justiça (*Prawo i Sprawiedliwość*), e na Hungria em 2014, com o Fidesz – União Cívica Húngara (*Fidesz – Magyar Polgári Szövetség*). No relatório de qualidade da democracia de 2021, realizado pelo V-Dem (varieties of democracy), um instituto de pesquisa sueco que monitora as liberdades democráticas, “25 países, onde vivem 34% da população mundial (2,6 bilhões de pessoas), estiveram em declínio democrático até 2020”. “Vários países do G20, como Brasil, Índia e Turquia, estão entre os 10 principais declínios” e a “a Polônia fica com o duvidoso primeiro lugar enquanto três novas nações se juntam a este grupo: Benin, Bolívia e Maurício”³⁵.

2.3.1. Permanência do fascismo

Ao tentar encontrar o que restou do fascismo na Europa após o Holocausto, os pensadores da Escola de Frankfurt se depararam com uma série de comportamentos intolerantes³⁶, semelhantes àqueles que sustentaram o genocídio judeu, vivos em plena democracia capitalista. Na Europa, por exemplo, uma das

³⁵ V-Dem. Democracy Report 2021. Autocratization Turns Viral. Pág. 7. Disponível em: https://www.v-dem.net/media/filer_public/74/8c/748c68ad-f224-4cd7-87f9-8794add5c60f/dr_2021_updated.pdf

³⁶ ADORNO, Theodor W., FRENKEL-BRUNSWIK, Else, LEVINSON, Daniel e STANFORD, Nevitt. The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series. 1950.

expressões mais fortes da ideologia fascista que permaneceu foi o antissemitismo. Nos anos 50, Theodor Adorno já alertava sobre a permanência dos discursos que dão base para o ódio contra judeus e afirmava que a ideia de que o antissemitismo era anacrônico e não tinha mais capacidade de gerar consequências sociais reais estava errada. Segundo ele, é uma “crença errônea” afirmar que o antissemitismo “só existe onde é expresso abertamente”³⁷. O que o pesquisador afirmava é que o fascismo pode existir até mesmo em ações e comportamentos considerados normais. Por ser uma ideologia, ele pode existir e atingir o corpo social por meio de estímulos a determinados hábitos, formas de pensar, de se comunicar e de compreender o mundo. O que os frankfurtianos descobriram nos anos 50 é que o século XX deu origem a um novo tipo de sujeito autoritário que flerta permanentemente com a ideologia fascista. Esse sujeito é fruto de uma combinação entre “ideias e habilidades típicas da sociedade altamente industrializada com crenças irracionais ou antirracionais”³⁸ geradas pelas lacunas entre o que a democracia capitalista afirma ser e o que de fato ela consegue garantir.

No século XXI, algumas consequências da permanência desse sujeito autoritário foram somadas à expansão do neoliberalismo e uma crescente interferência social, política e econômica dos meios de comunicação de massa, principalmente na internet, por meio das redes sociais. Nos últimos anos, a ascensão de governos de extrema-direita e antidemocráticos foi acompanhada de intensa movimentação de grupos extremistas nas redes sociais. Isso é possível porque há semelhanças estruturais, que serão apresentadas ao longo da dissertação, entre o desenvolvimento dessas plataformas e da expansão do neoliberalismo que dialogam diretamente com os discursos utilizados pela ideologia fascista.

³⁷ Tradução livre do original “They must be freed of the erroneous belief that anti-semitism only exists where it is openly expressed, for it finds nook even in the heart of the noblest humans (...). As long as anti-semitism exists as a constant undercurrent in social life, its influence reaches all groups of the population and it can always be rekindled by suitable propaganda” - ADORNO, Theodor. *The Stars Down to Earth and Other Essays on the Irrational in Culture*. Pág. 183. Routledge; 1ª edição - 1994.

³⁸ HORKHEIMER, Max. *The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series*. - Prefácio, pág. II

3. Totalidades

As instituições sociais são produtos sociohistóricos complexos e com diversas camadas sobrepostas que nem sempre são visíveis a um olhar imediatista³⁹, desatento e obscurecido pela interferência das relações de produção e consumo. Isso acontece porque o corpo social está atrelado às relações de cada período, ele não existe destacado do modo de produção de cada época. “É supérfluo acrescentar que os homens não são livres para escolher as suas forças produtivas – base de toda a sua história –, pois toda força produtiva é uma força adquirida, produto de uma atividade anterior”⁴⁰. As mudanças do corpo social acompanham a evolução das relações de produção. “Adquirindo novas forças produtivas, os homens transformam o seu modo de produção e, ao transformá-lo, alterando a maneira de ganhar a vida, eles transformam todas as suas relações sociais”⁴¹.

Assim, o comportamento do corpo social no capitalismo é moldado pela lógica do consumo:

Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, essas ideias, essas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios⁴².

Após três séculos de existência, a sociedade burguesa – para usar o termo utilizado por Marx – assumiu a forma de uma “totalidade” “complexa” e “macroscópica”⁴³ formada por várias totalidades menores de menor complexidade. Cada uma dessas totalidades menores tem características e particularidades que não operam necessariamente da mesma forma⁴⁴. Elas refletem cada produto

³⁹ Que compreende o objeto apenas pela sua forma externa.

⁴⁰ Citação de Marx por José Paulo Netto em Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011, p. 35.

⁴¹ MARX, Karl. Miséria da Filosofia. Editora Boitempo, 2009, p. 125.

⁴² Ibid., p. 125.

⁴³ NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011, p. 56.

⁴⁴ Daí o problema de utilizar o chamado marxismo “de cartilha”, que Engels criticou em diversos momentos:

“Mas a nossa [de Marx e dele] concepção da história é, sobretudo, um guia para o estudo [...] É necessário voltar a estudar toda a história, devem examinar-se em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as idéias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que lhes correspondem’.

sociohistórico de maneira que, quando consideradas em conjunto, formam a sociedade burguesa.

José Paulo Netto⁴⁵ explica essa relação complexa com o exemplo: o indivíduo representa a menor unidade social. Um grupo de indivíduos que formam a família é uma totalidade mais complexa que a totalidade de cada sujeito e com categorias diferentes das categorias subjetivas de cada pessoa. Acima da família, cada estratificação dentro de cada classe social é uma totalidade mais complexa que a totalidade familiar, e assim por diante: classe social, instituições, Estados, identidades globais. “As tendências operantes em uma totalidade lhe são peculiares e não podem ser transladadas diretamente a outras totalidades”⁴⁶.

Cabe à análise de cada um dos complexos constitutivos das totalidades esclarecer as tendências que operam especificamente em cada uma delas. Mas a totalidade concreta e articulada que é a sociedade burguesa é uma totalidade dinâmica – seu movimento resulta do caráter contraditório de todas as totalidades que compõem a totalidade inclusiva e macroscópica⁴⁷.

Assim, a totalidade macro da sociedade burguesa tem determinações gerais válidas para o todo, mas só pode ser compreendida em toda sua complexidade quando se considera que ela é formada por um conjunto de “totalidades articuladas”. Totalidade, portanto, não é sinônimo de **todo**, mas um “princípio organizador das efetividades da vida social” que se revela de forma não homogênea e repleta de contradições – é assim que o excluído, no capitalismo, é parte da totalidade. Nesse cenário, os padrões sociais podem ser identificados pelo sistema de causalidades que transcendem os agrupamentos menores e não apenas pelas determinações que

(Marx-Engels, 2010, p. 107; itálicos não originais). Citado em NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011.

Acresce, ainda, que, no registro dos manuais, Marx aparece geralmente como um teórico fatorialista – ele teria sido aquele que, na análise da história e da sociedade, situou o “fator econômico” como determinante em relação aos “fatores” sociais, culturais etc. Também Engels, em carta de setembro de 1890, já advertira contra essa deformação: recordando que Marx e ele sustentavam tão somente a tese segundo a qual a produção e a reprodução da vida real apenas em última instância determinavam a história, observava: ‘Nem Marx nem eu jamais afirmamos mais que isto. Se alguém o tergiversa, fazendo do fator econômico o único determinante, converte esta tese numa frase vazia, abstrata, absurda. (Marx-Engels, op. cit., p. 103-104)’. NETTO, José Paulo. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011. Págs. 13 e 14.

⁴⁵ NETTO, José Paulo. Curso aberto de método em Marx realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=0mlvPEIRUIE>

⁴⁶ NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011, p. 56.

⁴⁷ NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. Expressão Popular - 1ª Edição. 2011, p. 56.

se apresentam de forma imediata em cada um deles. “Tais relações nunca são diretas; elas são mediadas não apenas pelos distintos níveis de complexidade, mas, sobretudo, pela estrutura peculiar de cada totalidade”⁴⁸.

A partir dessa ideia, é possível identificar os traços de fascismo ao analisar os padrões de comportamentos sociais reiterativos e algumas das determinações responsáveis por mantê-los em totalidades que têm diferenças estruturais significativas, como o aparelho punitivo e os meios de comunicação de massa. Isso é possível porque essa ideologia está ligada ao modo de produção de toda sociedade burguesa, à totalidade maior, e não às particularidades dos agrupamentos menores.

3.1. A origem e formação do inimigo no sistema punitivo

A primeira totalidade analisada é o sistema punitivo e sua relação com a construção da ideia de inimigo da nação, discurso central da ideologia fascista. Nessa totalidade, o poder de resolução de conflitos é transferido para o Estado, que passa a ter liberdade para interferir em qualquer desavença – das mais simples, como a regularização de um terreno, um divórcio ou a liberdade de comércio, até questões complexas como a decisão de quais práticas devem ou não ser transformadas em tipo penal, ou seja, consideradas crimes. Essa transferência deu ao poder judiciário uma “enorme capacidade de decisão”⁴⁹.

Esse formidável instrumento de verticalização social proporcionou às sociedades europeias uma férrea organização econômica e militar (e a homogeneidade ideológica) indispensáveis para o êxito do genocídio colonialista⁵⁰.

O poder de monopólio da violência que o Estado capitalista detém é naturalmente desigual, ele controla o conflito, por meio do exército e das polícias, e as liberdades individuais, por meio do sistema judiciário, direcionando as leis para a autoproteção. Como mostrou Raúl Zaffaroni, o poder punitivo e regulador não existe separadamente da sociedade, ele é um produto⁵¹ dela que foi moldado ao longo dos

⁴⁸ Ibid, p. 57.

⁴⁹ ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007, p. 31.

⁵⁰ Ibid, p. 31.

⁵¹ Florestan Fernandes se referindo a Engels em FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular. 1977.

últimos séculos e carrega em si as mesmas premissas e hierarquias de poder que regem a economia capitalista. Assim, o sistema punitivo é fruto de um modelo econômico estruturado em uma sociedade de classes desiguais e repleta de contradições, “irrigada por relações autoritárias em todos os níveis de organização, funcionamento e transformação”⁵² (FERNANDES, 1977, p. 12). Por meio dele é que o elemento do autoritarismo é absorvido pela organização do Estado e naturalizado utilizando a própria lógica econômica.

3.1.1. As origens do inimigo do Estado

O primeiro momento que a ideia de inimigo do Estado, central na ideologia fascista, apareceu foi na Antiguidade. No Direito Romano, o estrangeiro era identificado como *hostis alienigena* e considerado naturalmente perigoso. Essa premissa era um dos “eixos troncais” que davam suporte para uma série de justificativas penais daquele Estado, que limitavam os direitos individuais dos considerados *hostis*, e resultavam no seu extermínio:

O estrangeiro (*hostis alienigena*) é o núcleo troncal que abarcará todos os que *incomodam o poder*, os insubordinados, indisciplinados ou simples estrangeiros que, como *estranhos*, são desconhecidos e, como todo desconhecido, inspiram desconfiança e, por conseguinte, tornam-se suspeitos por serem potencialmente perigosos. Não se compreende o estrangeiro porque não é possível comunicar-se com ele, visto que fala uma língua ininteligível: não há comunicação possível com o *hostis*.⁵³

O conceito de *hostis* permaneceu no Estado moderno e ainda hoje está relacionado ao exercício real do poder punitivo. A função desse recurso, hoje, é trazer a ideia de um suposto mal a ser combatido, alimentando uma sensação de guerra permanente que admite a adoção de medidas autoritárias contra a liberdade como caminho para combater o inimigo:

Quando se obscurece o limite entre a guerra e o poder punitivo, introduzindo-se o inimigo na não-guerra, guerra ilimitada ou meia guerra ou como se a queira chamar ou encobrir, ampara-se, sob o

⁵² FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular. 1977, p.12.

⁵³ ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007, p. 22 e 23.

equivoco nome de direito penal, uma guerra que não conhece limites jurídicos⁵⁴.

Se há um inimigo a ser combatido permanentemente, há, também, uma sensação permanente de emergência de combate, que faz com que o corpo social se mantenha em constante estado de alerta. Essa premissa é utilizada para justificar a criação de algumas leis de combate à criminalidade e adoção de medidas de segurança nacional que condenam não apenas atos como comportamentos indesejáveis.

A formação do aparelho punitivo contemporâneo foi acompanhada de diversos períodos de condenação de comportamentos de um grupo social transformado em inimigos do Estado. Durante a Idade Média, a Inquisição marcou o primeiro momento em que o recurso de criar um universo de terror para justificar a repressão foi instrumentalizado. Foi naquele período que as ideias de julgamento, promotor e réu apareceram pela primeira vez. Por meio do discurso de caça às bruxas e do modelo adotado nos julgamentos, o formato de processo penal atual começou a ser estruturado, assim como a figura de inimigo da nação. Durante os processos inquisitoriais, o mecanismo utilizado para a obtenção da verdade dos acusados de bruxaria era o interrogatório. Nele, o **inquisidor** (interrogador/investigador), detentor da **virtude**, questionava o **inquirido** (Investigado/interrogado) a fim de obter uma suposta verdade factual. Para os inquisidores, sustentar o discurso de busca pela verdade era de suma importância e, para mantê-lo, todo esforço empregado era válido. Quando a resposta dada pelo inquirido não parecia clara ou completa para o interrogador, qualquer prática para a obtenção da verdade era aceita, inclusive agressões físicas. Dessa forma, legitimava-se a tortura contra o investigado – a possibilidade do interrogado responder algo apenas para acabar com a violência era ignorada – o foco do julgamento, na prática, era provar a qualquer custo que o réu era um **inimigo**.

Em 1199, por meio de uma bula papal, o Papa Inocêncio III (1160 a 1216) deu início a um longo período de perseguição, tortura e execução de acusados de bruxaria e de “ato criminoso de bulir com o mundo invisível”⁵⁵ utilizando como base a ideia de inimigo do corpo social. Na bula, a responsabilidade de perseguir e combater os hereges foi transferida para os representantes da Igreja, enquanto os

⁵⁴ Ibid, p. 23.

⁵⁵ SAGAN, Carl. “O Mundo Assombrado pelos Demônios”. Companhia das Letras. 2018.

interrogatórios incentivavam os acusados a admitirem o crime a qualquer custo e a indicarem outras bruxas para serem interrogadas. Esse mecanismo foi fundamental para provar que a perseguição fazia sentido e sustentar a ideia de que sempre havia mais inimigos a serem combatidos. Por esse processo, a Inquisição se expandiu até atingir um limite insustentável.

A crônica dos que foram consumidos pelo fogo, somente na cidade alemã de Wurtzburg, e apenas no ano de 1598, apresenta estatísticas e permite que nos confrontemos com um pouco da realidade humana:

‘O intendente do Senado, chamado Gering; a velha senhora Kinler; a mulher gorda do alfaiate; a cozinheira do Sr. Mengerdorf; um estranho; uma mulher estranha; Baunach; senador; o cidadão mais gordo de Wurtzburg; o velho ferreiro da corte; uma velha; uma menina de nove ou dez anos; uma menina mais moça; sua irmãzinha; a mãe das duas meninas acima mencionadas; a filha de Liebler; a filha de Goebel; a menina mais bonita de Wurtzburg; um estudante que sabia outras línguas; dois meninos do Minster, cada um com doze anos; a filhinha do Stepper; a mulher que guardava o portão da ponte; uma velha; o filhinho do intendente do conselho da cidade; a mulher de Knertz; o açougueiro; a filhinha de colo do dr. Schultz; uma menina cega; Schwartz, Cônego em Hartz...’

E assim por diante. Alguns recebiam atenção humanitária especial. ‘A filhinha de Vakenberger foi executada e queimada privadamente’. Houve 28 imolações públicas, cada uma com quatro ou seis vítimas em média, nessa pequena cidade em um único ano. Isso era um microcosmos do que estava acontecendo na Europa⁵⁶

A Inquisição na Europa se alongou até o século XIX e seu fim foi concomitante com a queda da popularidade da execução em público. A violência dos julgamentos exposta para a população em praças e ambientes públicos foi sendo considerada um ato de brutalidade com o passar das décadas. Dessa forma, o Estado se viu obrigado a afastar do olhar do público o destino dado àqueles que iam contra a ordem, dando início a um novo modelo de poder punitivo mais próximo do atual, que afasta a pena e o culpado do olhar do corpo social. "Como não era tolerável continuar matando-os nas praças, foi preciso procurar outras formas de eliminação. A solução encontrada foi o encarceramento em prisões com altas taxas de mortalidade"⁵⁷.

O fim da Inquisição não impediu que aquele modelo de acusação e as estruturas que regeram a perseguição e criminalização de grupos considerados

⁵⁶SAGAN, Carl. "O Mundo Assombrado pelos Demônios". Companhia das Letras. 2018. p. 146.

⁵⁷ZAFFARONI, E. Raúl. "O Inimigo no Direito Penal". Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007, p. 44.

desviantes e perigosos criassem raízes. A necessidade de encontrar um culpado como justificativa para o uso abusivo da violência, o apelo à ideia de um mal maior e a intolerância em relação aos discursos que questionavam a ordem vigente permaneceram.

3.1.2. O sistema punitivo hoje

O aparelho punitivo mantém uma série de discursos em “defesa da ordem”⁵⁸ que tendem a idealizar a capacidade da democracia capitalista de evitar as próprias instabilidades. O sentimento de frustração gerado pelas contradições estruturais faz com que a compreensão da realidade represente uma ameaça permanente para o Estado. Assim, a ideia de inimigo do Estado é resgatada para que o corpo social sinta a necessidade de ser protegido contra a ameaça de um mal maior. Para ele, correr o risco de ser atingido pelo inimigo é uma opção pior do que conviver com as desigualdades estruturais. Dessa forma, ele aceita conviver em meio a múltiplas formas de violência que o capitalismo não é capaz de evitar. Somente no Brasil do século XXI, as várias formas de violência estão presentes nos altos índices de letalidade policial e racismo, de homicídios, de estupros e violência de gênero, de desigualdade social, de extrema-pobreza, subnutrição, analfabetismo funcional etc. Ao redor do mundo, a variedade de violências aumenta. Sem o trabalho de convencimento de que esse sistema punitivo garante a proteção contra um mal maior, seria natural que o conflito e as tensões fossem permanentes. Para garantir o controle do corpo social e impedir que ele se organize e rompa com essas estruturas, o Estado mantém dois discursos que pretendem preencher as lacunas geradas pela incapacidade de garantir aquilo que promete. São eles: (1) o Estado capitalista provém tudo que o cidadão precisa: liberdade, igualdade e fraternidade; (2) ainda assim, nem sempre o cidadão consegue acessar o que lhe é prometido devido a um mal permanente que sempre deve ser combatido: os inimigos do Estado⁵⁹. É por meio dessa relação entre defensores da ordem versus inimigos do Estado que os mecanismos de segregação e intolerância atuam. Esse conflito entre discurso e realidade demanda uma defesa preventiva, mesmo quando não está sob

⁵⁸ ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. Paz e Terra, 2009, p.34.

⁵⁹ Conforme termo utilizado por Raul Zaffaroni em ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. *Coleção Pensamento Criminológico*. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007.

ameaça. A relação estrutural do modelo econômico com a instabilidade social precisa ser obscurecida, e o monopólio da violência assume um papel central nesse contexto. Para garantir a ordem, é preciso transferir a culpa e a responsabilidade do fracasso social para algo ou alguém, para um bode expiatório. Assim, cria-se a sensação de mal permanente causado por um agente externo, que é responsabilizado por destruir não apenas o sistema econômico como também aqueles que o defendem. Ao longo dos últimos séculos e nos diferentes países, muitos foram os grupos apontados como inimigos da ordem: as bruxas, os leprosos, os vadios, os comunistas, os ladrões, os usuários de drogas etc. A linha que divide quem será ou não culpabilizado classifica as pessoas entre “os que são leais à ordem e os que são inconformistas”⁶⁰. Esse mesmo discurso afirma que o modelo econômico e o sistema punitivo são justos para que sua defesa faça sentido. “O capitalismo transformou-se em religião”⁶¹ baseada no credo de que “fora do capitalismo do Estado parlamentar e do liberalismo não existe qualquer humanidade”.

Uma das formas de controle social mais efetivas que o aparelho punitivo encontrou foi a manipulação da sensação de perigo permanente por meio do sistema judiciário e das políticas de segurança pública⁶². A tendência de relacionar o **diferente** à **ameaça** não surgiu com a ascensão da burguesia, mas essa totalidade desenvolveu formas de instrumentalizar essa relação a favor da manutenção do Estado capitalista. Para o controle social efetivo, comportamentos que não interessam ao Estado devem ser criminalizados. Uma evidência desse interesse enviesado do poder punitivo em defesa da ordem econômica está na maioria dos tipos penais dos códigos penais ao redor do mundo, que não se referem a crimes contra a vida, geralmente os mais temidos pelo corpo social. No Brasil, por exemplo, temos 1.688 tipos penais que condenam os mais diversos comportamentos e, entretanto, mais da metade da população carcerária está presa por crimes contra a ordem pública ou patrimônio: 42,92% dos presos cometeram crimes contra o patrimônio (283.732 pessoas), ou seja, contra um **bem financeiro**, e 29,24% pela

⁶⁰ FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular, 1977, p.27.

⁶¹ ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. Paz e Terra, 2009, p. 50.

⁶² ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007.

Lei de Drogas (193.309 pessoas)⁶³, ou contra a **moral pública**. Um código penal com tantos tipos penais traz a ilusão de uma justiça criminal capaz de englobar comportamentos considerados nocivos praticados por todas as classes sociais. Mas, na prática, os atos praticados pelas camadas mais pobres ou marginalizadas é que resultam majoritariamente em condenações a detenção em regime fechado, atuando como uma “regulamentação da própria violação da proibição”:

(...) o governante precisa ter ao seu dispor um número excessivo de leis que, embora fossem públicas, claras e inequívocas, contradiziam-se em parte; com um arcabouço de leis tão complexo que a submissão a uma provoca conflito com a outra, uma reles acusação mostra que quase todos, em qualquer posição, violam alguma lei, e é difícil, senão impossível, provar sua inocência. Isso permite que os agentes de governo pratiquem o ‘shu’, a arte ou tática de escolher que lei importa numa situação específica: o poder é exercido não só pela imposição da lei, mas também pela seleção da lei que será aplicada e pela ausência da interrupção da imposição em razão de outra lei contrária. Em última análise, essa imposição seletiva de leis ocorria ao bel-prazer do governante: dessa maneira, o mistério da vontade do Imperador era transmitido às massas. A lição é absolutamente lacaniana: é a incoerência do Outro (sistema de leis), na contingência que reside seu íntimo, que se localiza o desejo impenetrável do Outro, assim como seu gozo⁶⁴.

No Brasil, a justificativa para privar de liberdade mais de 477 mil pessoas por crimes contra a ordem pública ou patrimônio demanda um processo de desumanização e afastamento da realidade vivida por aquele que é acusado em relação ao restante da sociedade. Se o detento é visto como um semelhante, fica mais difícil aceitar o tratamento dado dentro das cadeias. Das notícias publicadas sobre a situação dos presídios brasileiros nos últimos anos, alguns exemplos são: os detentos têm 35 vezes mais casos de tuberculose do que o restante da população⁶⁵, número que aumentou na última década⁶⁶ e atualmente inclui denúncias de pessoas sendo enviadas para confinamento em alas que deveriam ser fechadas por armazenarem vírus de maior letalidade. Há também uma modalidade brasileira de prisão contêiner, onde presos são mantidos fechados por horas em latões de cerca

⁶³ Dados disponíveis em painel interativo do Infopen, organizado pelo Departamento Penitenciário Nacional: <http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen>

⁶⁴ ZIZEK, Slavoj. Sobrevivendo no fim dos tempos. Editora Boitempo, 2012. p.30

⁶⁵ Em alerta por coronavírus, prisões já enfrentam epidemia de tuberculose. Agência Pública, março de 2020. Disponível em

<https://apublica.org/2020/03/em-alerta-por-coronavirus-prisoas-ja-enfrentam-epidemia-de-tuberculose/>

⁶⁶ Presídios têm 30 vezes mais casos de tuberculose. Fiocruz, março de 2007. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/presidios-tem-30-vezes-mais-casos-de-tuberculose>

de 10 metros quadrados sob o sol e sem acesso a banheiro ou ventilação⁶⁷. Durante a epidemia de covid-19 e a impossibilidade de familiares visitarem os detentos, alguns presídios chegaram a privá-los de alimento, higiene e remédios⁶⁸, com denúncias de pessoas morrendo de fome em alguns estados⁶⁹. Todos esses seres humanos foram torturados sob a tutela do Estado e condenados por leis criadas pelo governo do Brasil e com apoio do corpo social.

Para que esse tipo de punição seja naturalizado, é necessário apagar características do réu que possam aproximar a realidade dele do restante do corpo social, para que as pessoas vejam sentido no confinamento, assim como afirmar que esse sistema deve ser mantido para preservar a segurança do corpo social. O discurso dos acusadores precisa obscurecer os traços de humanidade do condenado que corram o risco de passar a ideia de que o criminoso não é tão diferente.

3.1.3. O criminoso é transformado em bode expiatório

No mundo globalizado, a justificativa penal está relacionada à capacidade do indivíduo de se ajustar dentro da lógica capitalista. Para convencer os ajustados de que os desviantes merecem ser punidos, cria-se “ameaças mais ou menos cósmicas ou apocalípticas que justificam uma guerra e demandam a individualização de um inimigo”⁷⁰. O filósofo René Girard⁷¹ define o ódio canalizado em torno de um inimigo comum como a teoria do bode expiatório. A seleção de pessoas ou grupos como “bodes expiatórios” é a reação popular que canaliza os males sociais em torno de um indivíduo ou grupo de indivíduos, resultado de uma rivalidade crescente entre os homens. Girard afirma que ao serem “contaminados pelo contágio do adversário”, as pessoas passam a relativizar os motivos reais que as afetam diretamente,

⁶⁷ As chocantes histórias dos 'latões', veículos onde presos defecam, sangram e morrem. BBC Brasil, janeiro de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50828076>

⁶⁸ Ao proibir visitas, Estado de SP priva presos de alimento, higiene e até de remédios. Ponte, março de 2020. Disponível em:

<https://ponte.org/ao-proibir-visitas-estado-de-sp-priva-presos-de-alimento-higiene-e-ate-de-remedios/>

⁶⁹ Presos morreram por falta de comida adequada em cadeia do Piauí, aponta relatório do Ministério da Saúde. El País Brasil, abril de 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-02/presos-morreram-por-falta-de-comida-adequada-em-cadeia-do-piaui-aponta-relatorio-do-ministerio-da-saude.html>

⁷⁰ ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007.

⁷¹ GIRARD, René. O Bode Expiatório. Paulus Editora, 2004.

“adotando” o adversário comum. “Chegará um momento em que toda comunidade estará do mesmo lado contra um único indivíduo, do qual, no fim de contas, não se sabe porque foi escolhido”. No Brasil, outro exemplo das consequências da relação entre inimigo do Estado e criminalidade são os números de linchamentos. Um levantamento realizado pelo sociólogo José de Souza Martins apurou que, em média, acontecia um linchamento por dia no país em 2015. Na época em que a pesquisa foi apresentada, a notícia⁷² que repercutia era que Cleidenilson da Silva, um homem de 29 anos, havia sido amarrado nu, de joelhos, em um poste, sendo fotografado e, em seguida, espancado até a morte por moradores do bairro Jardim São Cristóvão, em São Luís (MA), após uma tentativa fracassada de assaltar um bar.

A tendência das massas de apontar comportamentos desviantes, seja de pessoas ou de grupos, e de identificá-los como nocivos e perigosos é estimulada pelo Direito Penal e se expande para além do judiciário. Em *Outsiders*⁷³, Howard Becker mostra a tendência do corpo social de tentar justificar a perseguição do comportamento desviante hipertrofiando a relevância de algum traço existente no indivíduo e o relacionando à periculosidade⁷⁴. São duas as formas comuns de controle e repressão do desvio aceitas pelo corpo social. A primeira são as **sanções formais**, aquelas que têm força de lei e são executadas pelo poder judiciário. A segunda existe nas tradições, as **sanções informais**, que são executadas pelo próprio corpo social. Elas são como regras paralelas, registradas na cultura, cuja violação não está relacionada à comprovação do ato criminoso e sim ao comportamento desviante.

Ambas podem existir ou não de forma alinhada. No caso dos linchamentos, a concepção de criminoso para o corpo social e para a legislação é semelhante. Nesse caso, o assaltante/bandido é o inimigo. Entretanto, esse nem sempre é o

⁷² MARTIN, Maria para o El País Brasil. “Brasil tem um linchamento por dia, não é nada excepcional”. Julho de 2015.

⁷³ BECKER, Howard S. “Outsiders: estudo da sociologia do desvio. Zahar. 2005.

⁷⁴ Uma das origens dessa ideia está presente no pensamento do médico Cesare Lombroso, um dos criadores da criminologia como ciência. Lombroso relacionava e analisava características físicas dos presos e as ligava com crimes cometidos. Com o avanço dos estudos criminológicos, o pensamento lombrosiano deixou de ser considerado uma vez que foi comprovado que esse vínculo entre características físicas e propensão à criminalidade não se comprovou verdadeiro. As ideias de Lombroso são consideradas racistas atualmente, embora encontremos juízes brasileiros que ainda hoje citam Lombroso nas justificativas das condenações.

caso. No Brasil, por exemplo, o artigo 5º da Constituição Federal⁷⁵ garante a liberdade religiosa, no entanto casos de intolerância religiosa acontecem diariamente, principalmente contra religiões de matriz africana. Em 2020, somente no estado do Rio de Janeiro, foram registradas 1.355⁷⁶ denúncias de crimes ligados à intolerância religiosa.

Com o passar dos séculos e os avanços tecnológicos, a estruturação do aparelho punitivo e o discurso defendido por ele receberam apoio de outras instituições da sociedade. Durante o século XX, os meios de comunicação de massa, do rádio à internet, serviram de suporte para ampliar o discurso que rege essa totalidade. Devido à capacidade desses meios de comunicar ideias de um pólo produtor para o grande público, a indústria da comunicação contribuiu significativamente para a imposição de um discurso único.

A globalização foi precedida por uma revolução tecnológica que é, antes de tudo, uma revolução comunicacional. Este formidável avanço permite que se espalhe pelo planeta um discurso único, de características autoritárias, antiliberais, que estimula o exercício do poder punitivo muito mais repressivo e discriminatório, agora em escala mundial.⁷⁷

A evolução do sistema carcerário no continente americano é um caso de sucesso da relação entre meios de comunicação de massa e poder punitivo. As políticas de criminalização e perseguição de produtores, vendedores e usuários de maconha, intensificadas a partir do fim da década de 90, foram acompanhadas de uma campanha ostensiva na televisão, cinema e imprensa. Nos Estados Unidos, a virada do milênio foi recheada de séries e filmes policiais⁷⁸ que retratam oficiais de justiça como heróis combatendo o mal que ameaça a nação; e a personificação desse mal é a massa amorfa dos considerados criminosos. Nessas séries, toda

⁷⁵ “Liberdade religiosa é direito constitucional dos cidadãos”, de 22 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2019/01/liberdade-religiosa-e-direito-constitucional-dos-cidadaos>

⁷⁶ SALLES, Stefano para a CNN Brasil. “RJ teve mais de 1,3 mil crimes que podem estar ligados à intolerância religiosa”, Janeiro de 2021.

⁷⁷ ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007, p. 53

⁷⁸ A lista de séries que utilizaram o discurso da Lei & Ordem é longa: Law & Order, Franquia CSI (Crime Scene Investigation, Miami, NY e Cyber), Criminal Minds, NCIS, Chicago P.D., Chicago Fire, NYPD Blue, Third Watch etc.

violência está relacionada ao **criminoso** que pratica **crimes**: não são pessoas que cometem um furto, um homicídio, um estelionato. Os crimes cometidos, seja um roubo, um sequestro ou um homicídio doloso, são apresentados de forma equivalente – segundo a lógica desses programas, um crime contra a vida é tão perigoso para a cidade quanto um crime contra a ordem pública. A partir do momento que um crime é cometido, independentemente do ato, uma pessoa deixa de ser um cidadão e se torna um criminoso.

No Brasil, os efeitos dessa campanha de perseguição estão evidentes nos altos números de encarcerados e nos índices de homicídios cometidos por policiais. O país acompanhou uma escalada da violência policial, ano após ano, desde a militarização das polícias durante a ditadura militar. Essas taxas vão na contramão da situação vivida pelo país na primeira década do século. De 2003 a 2016, o governo brasileiro promoveu políticas de melhorias sociais com foco nas camadas mais pobres de forma inédita. Nesse período, o Brasil saiu do mapa da fome do mundo em 2014, após 11 anos de implantação do programa de combate à miséria Bolsa Família⁷⁹. Além disso, os índices de pobreza extrema caíram significativamente ao longo de 2003 até 2014, voltando a subir nos dois anos seguintes.

⁷⁹ Senado - Brasil saiu do mapa da fome produzido pela ONU
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2014/09/16/brasil-saiu-do-mapa-da-fome-produzido-pela-onu> .

(imagem 6)



(imagem 6). Gráfico retirado da página:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581771-aumenta-a-pobreza-e-a-extrema-pobreza-no-brasil>

Esses avanços sociais, entretanto, não foram suficientes para romper com políticas de segurança pública autoritárias que reproduzem o racismo e a violência de gênero anteriores à democracia brasileira. Em 2006, almejando uma cadeira no Conselho da ONU, o governo do Brasil implantou a Lei de Drogas⁸⁰, após intensa pressão internacional. Ao adotar legislativamente uma política de guerra às drogas baseada no modelo norte-americano, houve um boom de encarceramentos. A maior crítica feita pelos pesquisadores de Direito Penal é a de que a lei, que classifica o

⁸⁰ Lei Nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Título 1 - Disposições preliminares: "Art. 1º Esta Lei institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e define crimes. Parágrafo único. Para fins desta Lei, consideram-se como drogas as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União.

Art. 2º Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso. Parágrafo único. Pode a União autorizar o plantio, a cultura e a colheita dos vegetais referidos no caput deste artigo, exclusivamente para fins medicinais ou científicos, em local e prazo predeterminados, mediante fiscalização, respeitadas as ressalvas supramencionadas. Disponível em :

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11343.htm

tráfico de maconha como crime hediondo, não determina a quantidade que o suposto vendedor precisa ter em posse para que seja considerado um traficante. Assim, fica a critério da polícia e do juiz estabelecer quais fatores serão considerados na hora de classificar o réu como usuário ou traficante e aplicar a pena. Acontece algo parecido com os julgamentos inquisitoriais: cabe ao inquisidor ajustar a realidade até ela se adequar ao discurso que condena o inquirido. Um dos efeitos da política de guerra às drogas no Brasil foi de, além de se mostrar ineficaz para combater a venda e o consumo de substâncias ilícitas, provocar um aumento expressivo no número de encarcerados – oferecendo dentro das cadeias mais mão de obra para o tráfico, fundamental para sustentar as operações de escala industrial. Foi dentro dos presídios brasileiros que o crime organizado se estruturou e cresceu a ponto de hoje ter representantes e aliados dentro do governo e de instituições públicas, como a Polícia Militar. Paralelamente, essa mão de obra de dentro dos presídios, essencial para manter o comércio ativo, é barata e permanentemente ampliada devido à Lei de Drogas. Hoje, o Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma das corporações que mais cresce⁸¹ no Brasil.

A política de guerra às drogas é o exemplo brasileiro mais explícito de política pública baseada na ideia de inimigo do Estado. Juridicamente, no inquérito policial, ao se incriminar alguém por tráfico de drogas, a “vítima” do crime é “a sociedade”⁸² – não é outro ser humano e nem mesmo algo material. Dos mais de 750 mil presos no país, cerca de 160 mil estão encarcerados por tráfico de drogas, ou seja, cerca de 160 mil pessoas presas por incomodar a sociedade, encaradas como inimigo e torturadas⁸³ com apoio do corpo social.

No mesmo período de implantação dessa política, justificada com o argumento de proteção do corpo social, as taxas de homicídios aumentaram, incluindo os cometidos por policiais. O suposto combate à criminalidade que justificou a prisão de cerca de 700 mil⁸⁴ pessoas somente nos anos de 2017 e 2018 não impediu que o

⁸¹ DE ABREU, Allan. “PCC NA CONTRAMÃO DA CRISE”. Revista Piauí, 13 de outubro de 2020. <https://piaui.folha.uol.com.br/pcc-na-contramao-da-crise/>

⁸² Também pode ser “a coletividade”.

⁸³ 54,9% dos presídios brasileiros estão acima da capacidade máxima de lotação (disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/05/17/populacao-carceraria-diminui-mas-brasil-ainda-registra-superlotacao-nos-presidios-em-meio-a-pandemia.ghtml>). Em um presídio da baixada santista, em SP, uma única cela com vagas e utensílios básicos para 12 pessoas abriga 43 (disponível em <https://ponte.org/em-celas-superlotadas-sete-presos-compartilham-o-mesmo-sabonete/>)

⁸⁴ NASCIMENTO, Luciano, para a Agência Brasil. Brasil tem mais de 773 mil encarcerados, maioria no regime fechado, fevereiro de 2020. Disponível em

país registrasse 123.558⁸⁵ homicídios nesse mesmo período. Quando recortamos os assassinatos cometidos por policiais, de 2006 até 2020, quase 18 mil pessoas⁸⁶ foram executadas pelas mãos de agentes públicos.

Após mais de 20 anos de guerra às drogas, dados dos sistemas carcerários no Brasil e Estados Unidos mostram como o aparelho punitivo tende a se expandir e atingir um maior número de pessoas conforme o discurso que o sustenta se fortalece. Nos EUA, na década de 1950, havia pouco menos de 200 mil pessoas presas. Sessenta anos depois, esse número subiu para mais de 1 milhão e 600 mil presos⁸⁷.

No final da década de 60, os EUA, por meio de suas embaixadas, começam a propagar uma campanha antidrogas em vários países da América Latina, provavelmente com a finalidade de fazê-los incorporar ao processo da legislação antidrogas feita em seu país⁸⁸.

No Brasil, em 1959, havia pouco mais de 32 mil presos no país⁸⁹. Dados do Conselho Nacional de Justiça⁹⁰ de 2020 mostraram que atualmente há cerca de 700 mil presos, são 335 pessoas presas para cada 100 mil habitantes.

O impacto desse discurso do aparelho punitivo nos meios de comunicação se reflete na tendência de assumir as perspectivas da acusação em detrimento dos argumentos da defesa na hora de analisar e retratar a criminalidade. Uma pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), em parceria com o Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD)⁹¹, e publicada em 2021, analisou as relações entre a produção de conteúdo nos veículos de comunicação e as demandas por punição, lei e ordem. O relatório apontou como as produções jornalísticas ressaltam “o sentimento de medo e insegurança da população” e

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-02/brasil-tem-mais-de-773-mil-encarcerados-maioria-no-regime-fechado>

⁸⁵ Atlas da Violência, IPEA. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>

⁸⁶ BUENO, Samira; CERQUEIRA, Daniel; SÉRGIO DE LIMA, Renato. “Sob fogo cruzado II: letalidade da ação policial”. Disponível em:

https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/lima_-_sob_fogo_cruzado_ii_-_letalidade_e_da_acao_policial.pdf

⁸⁷ CULLEN, James. The History of Mass Incarceration - Brennon Center for Justice, 2018.

⁸⁸ DIETER, Vitor Stegemann. A política penal de drogas proibidas nos EUA e Brasil uma breve introdução histórica, 2011, p. 106.

⁸⁹ Fonte: IBGE - Estatísticas do séc. XX

⁹⁰ Fonte: CNJ - Conselho Nacional de Justiça

⁹¹ Relatório Final de Pesquisa Justiça Pesquisa: Mídia, Sistema de Justiça Criminal e Encarceramento: narrativas compartilhadas e influências recíprocas. 2021. Disponível em https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2021/05/Relatorio_Midia-Sistema-de-Justica-Criminal-e-Encarceramento.pdf

reforçam as “políticas e legislações duras por parte do Estado”⁹². A pesquisa descobriu que 74% das matérias jornalísticas sobre violência urbana ouvem apenas fontes de acusação, e constatou que a cobertura tende a reproduzir “massivamente a perspectiva institucional da polícia, tanto civil quanto militar, sem consultar outros atores do sistema de justiça ou da sociedade civil”⁹³. Outro traço encontrado foi o discurso focado no “aspecto individual da violência, sem contextualizar seu fenômeno ou indicar políticas públicas de enfrentamento”.

A ANDI⁹⁴ realizou o monitoramento de violações de direitos em veículos brasileiros de comunicação centrados nos programas conhecidos como “policiaescos”, apontando que tais conteúdos afetam as regras da democracia (ANDI, 2015a). Identificou-se que há uma série de violações por parte desses programas específicos, tais como desrespeito à presunção de inocência, incitação ao crime e à violência, incitação à desobediência às leis ou às decisões judiciais, exposição indevida de pessoa(s), exposição indevida de família(s), discurso de ódio e preconceito de cor/raça/etnia. O caráter violador das narrativas foi definido a partir das legislações nacionais (tais como a Constituição Federal, a Lei de Execução Penal e o Estatuto da Igualdade Racial, entre outros) e das legislações multilaterais (entre as quais a Convenção Americana sobre Direitos Humanos, Convenção sobre os Direitos da Criança, Convenção Internacional sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, Convenção Contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanos ou Degradantes, Declaração Universal dos Direitos Humanos)⁹⁵.

Algumas das características encontradas nesses conteúdos estão relacionadas à abordagem simplificada e simplista dos fatos, um universo discursivo com pouca pluralidade de opiniões e o foco da cobertura apenas nas etapas iniciais do processo, sem acompanhar a complexidade do julgamento. A seguir, são destacados alguns trechos das conclusões encontradas no relatório⁹⁶:

- 74% das matérias ouvem apenas fontes da acusação.
- As notícias são majoritariamente informativas e 64% das matérias não têm identificação de autoria.
- 21% das matérias analisadas reproduzem diretamente notas e releases de órgãos oficiais do sistema de justiça.

⁹² Relatório Final de Pesquisa Justiça Pesquisa: Mídia, Sistema de Justiça Criminal e Encarceramento: narrativas compartilhadas e influências recíprocas. 2021, p. 23.

⁹³ Ibid, p. 25.

⁹⁴ ANDI: Agência de Notícias dos Direitos da Infância.

⁹⁵ Relatório Final de Pesquisa Justiça Pesquisa: Mídia, Sistema de Justiça Criminal e Encarceramento: narrativas compartilhadas e influências recíprocas. 2021. Pág. 23

⁹⁶ Ibid. 2021. Trechos destacados nas páginas 341 até 349.

- 33% das matérias analisadas ouvem mais de uma fonte e 25,1% não ouvem fonte alguma ou não especificam quais as fontes ouvidas.
- A maior parte das matérias analisadas tem uma construção pouco elaborada.
- Predominância da voz das polícias como fonte das notícias sobre fatos criminosos.
- Favorecimento da perspectiva da acusação é 16 vezes mais frequente do que o favorecimento da perspectiva da defesa.
- A cobertura jornalística se concentra majoritariamente em uma etapa muito inicial do processo, na qual ainda não houve amplo exercício do devido contraditório.
- Reforçar um discurso e um imaginário voltado para a responsabilização penal.
- Maior relevância mercadológica da cobertura criminal acusatória, ou seja, notícias sobre culpados tendem a vender mais.
- Matérias sobre crimes violentos costumam utilizar expressões mais depreciativas ou sensacionalistas para descrever o fato e os acusados.

3.1.4. Análise do filme Tropa de Elite

O filme Tropa de Elite (2007), uma das produções audiovisuais brasileiras mais assistidas dentro do país, alcançou 2.421.295⁹⁷ de espectadores formais no ano de lançamento. Mas esse número não conta os outros milhares de informais que assistiram a obra, após ela ser vazada 10 meses antes e exibida gratuitamente até em canais do YouTube. O sucesso da versão ilegal foi tamanho que o diretor José Padilha chegou a ser acusado de ter vazado o filme intencionalmente como estratégia de marketing⁹⁸. No mês do lançamento, o longa já havia sido assistido por 19% dos paulistanos⁹⁹. A grande repercussão fez com que a continuação Tropa de Elite 2, lançada em 2010, batesse recorde de público. Hoje, ela é a quinta maior

⁹⁷ Lista completa com fontes e dados cruzados da Ancine (Agência Nacional de Cinema) em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filmes_brasileiros_com_mais_de_um_milh%C3%A3o_de_espectadores

⁹⁸ Tropa de Elite tem estreia antecipada para sexta-feira” <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL143341-7086,00-TROPA+DE+ELITE+TEM+ESTREIA+A+NTECIPADA+PARA+SEXTAFEIRA.html> |

⁹⁹ “Tropa de Elite já foi visto por 19% dos paulistanos” <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2007/10/334403-tropa-de-elite-ja-foi-visto-por-19-dospaulistanos.shtml>

bilheteria da história do cinema nacional. Dois anos depois do lançamento do primeiro filme, em dezembro de 2009, a emissora Record o transmitiu pela primeira vez em canal aberto”¹⁰⁰. A transmissão marcou 18 pontos de ibope, aproximadamente um milhão de telespectadores, superando a concorrente Rede Globo em horário nobre. A produção, que conta a história de um batalhão do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) combatendo o tráfico de maconha, dialoga diretamente com a perspectiva adotada pelos meios de comunicação de massa brasileiros na cobertura de temas de segurança pública. No filme, é possível encontrar estruturas discursivas, como: tratamento do traficante como inimigo do Estado; instrumentalização da sensação de perigo permanente para justificar a violência contra um grupo social; adoção apenas da perspectiva da acusação; pouca pluralidade de opiniões; concentração na etapa inicial do processo, na qual ainda não há exercício do contraditório; reforço de um discurso e imaginário voltado para a responsabilização penal.

A obra de José Padilha, que inicialmente foi pensada como um documentário sobre o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), foi transformada em ficção após o diretor e a equipe concluírem que não seria possível encontrar uma quantidade suficiente de fontes confiáveis na PM para realizar as filmagens¹⁰¹. O curioso é que a relação com a criminalidade permeou toda a produção. Antes de a edição ser finalizada, o longa foi parar nos noticiários após uma das vans da equipe de filmagem, repleta de carregamento de armas cenográficas, ser roubada. O acontecimento fez com que o custo das filmagens subisse de 4,9 milhões para 10,5 milhões, tornando a obra a maior produção cinematográfica do Brasil naquele ano.

A narrativa de *Tropa de Elite* é feita com o recurso da voz off, a chamada “voz de Deus”, tradicionalmente utilizada em notícias e documentários, que tem como objetivo intensificar a sensação de realidade e aproximar do público o universo discursivo do falante. O Capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura, é retratado como uma mistura de herói e anti-herói que, em vários momentos, age de forma excessivamente violenta. Entretanto, a narrativa é construída de uma forma que sempre abre espaço para que o protagonista justifique o comportamento através

¹⁰⁰ “Com *Tropa de Elite* Record ganha da Globo em Ibope”

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/12/665178-com-tropa-de-elite-record-ganha-da-globono-ibope.shtml>

¹⁰¹ “*Tropa de Elite*, de José Padilha, explica por que a polícia é o que é”

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67237.shtml>

da voz off, naturalizando as atrocidades apresentadas. O argumento que justifica a violência do batalhão nas cenas é a necessidade de combater os traficantes e usuários de maconha, que são tratados como responsáveis por todo mal que atinge o Rio de Janeiro. A produção do filme não se preocupou em assumir apenas a perspectiva do aparelho punitivo, e chegou a incluir na equipe um ex-comandante do BOPE, Rodrigo Pimentel. Assim, o filme retratou a guerra às drogas da mesma forma que a maior parte da imprensa cobre os assuntos de segurança pública. Ao longo do filme, o enredo de *Tropa de Elite* passa três mensagens principais: (1) estudantes de classe média e consumidores de maconha são os principais responsáveis pelo tráfico de drogas e pela violência urbana que destrói o Rio de Janeiro; (2) traficantes e pessoas envolvidas com o comércio ilegal de maconha merecem pena de prisão ou execução; (3) para se tornar um profissional de segurança pública no Brasil, é necessário deixar todos os traços de humanidade de lado.

A diferença da recepção crítica de *Tropa de Elite* no Brasil e no exterior foi significativa. Segundo o crítico de cinema Jay Weissberg, da *Variety*, o diretor José Padilha optou pelo recurso da voz off após a edição final do filme estar quase completa. O uso do recurso foi maciçamente criticado por jornalistas estrangeiros, como Weissberg, que afirmaram se tratar de uma tentativa intencional de direcionar a recepção do grande público em favor das posições assumidas pelo protagonista – posições estas de cunho violento e fascista¹⁰². E como afirma Ismail Xavier¹⁰³, “a montagem será o lugar por excelência da perda de inocência”. O local de recepção e a forma como o corpo social de cada região está habituado a lidar com a violência do Estado teve um impacto significativo na leitura da obra. Após ser nomeado como melhor filme de 2008 pela premiação alemã Urso de Ouro, os olhares internacionais se voltaram para *Tropa de Elite*, que chegou a ser considerado por alguns veículos a maior decepção da história da premiação¹⁰⁴. O olhar estrangeiro focou principalmente nas características fascistas do enredo. As principais questões apontadas foram: (a) naturalização da violência policial – uma vez que a obra a

¹⁰² “Weinstein coin was injected on the basis of the script only, but after editing was over, tyro features helmer Jose Padilha decide d a rewrite was in order, tacking on an omnipresent narration that’s meant to strengthen identification but instead will alienate intelligent viewers”

The Elite Squad: One-note celebration of violence-for-good that plays like a recruitment film for fascist thugs” <http://variety.com/2008/film/markets-festivals/the-elite-squad-1200548140/>

¹⁰³ XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico. Paz e Terra (2017). p. 24.

¹⁰⁴ BRADSHAW, Peter. Elite Squad. The Guardian, Agosto de 2008. Disponível em <https://www.theguardian.com/film/2008/aug/08/worldcinema.thriller>

coloca como necessária para o combate do crime organizado; (b) a escolha pelo uso da narrativa em primeira pessoa através da voz off, que induz o público a assumir o ponto de vista do personagem carregando a narrativa de afeto, o que dificulta a análise crítica das posições assumidas pelo protagonista; (c) cenas com uso excessivo de violência; (d) em menor quantidade, a forma ridicularizada com que os movimentos sociais são apresentados.

Talvez o filme mais decepcionante de todos os tempos por ter ganhado o Urso de Ouro no festival de cinema de Berlim. Há muitos clichês brasileiros de *slum-porn*, *gun-porn* e *poverty-porn*, todos retirados da obra-prima sobre favelas, Cidade de Deus. O cinismo evasivo do filme, mudando gradualmente e insidiosamente em adoração labial aos machos homens da lei em seus uniformes pretos estilo SS, é patético. O pior momento é quando o anti-herói Capitão Nascimento (Wagner Moura) zomba de um frágil policial que se inscreveu para se juntar a eles: 'você pertence às prostitutas, você pertence aos cafetões, você pertence às clínicas de aborto'. Hum, com licença? Clínicas de aborto? Sermão reacionário de um homem animado de uniforme é a última coisa de que precisamos¹⁰⁵.¹⁰⁶

No Brasil, por outro lado, o cunho fascista da obra passou praticamente despercebido pelos críticos. Os poucos que mencionaram essa questão, como Pablo Villaça¹⁰⁷, o fizeram para defender a obra dos ataques estrangeiros. Além disso, a crítica brasileira, em suma, assumiu o ponto de vista do protagonista e do diretor. A seguir, uma análise das diferentes recepções internacionais e nacionais de maior repercussão:

Internacionais

Variety, NYPost e NYMag¹⁰⁸:

¹⁰⁵ Tradução livre de "Here is the biggest, fattest, dampest squib of the week: perhaps the most disappointing film ever to have won the Golden Bear at the Berlin film festival (...). There's an awful lot of very cliched Brazilian slum-porn, gun-porn and poverty-porn, all knocked off from the influential favela masterpiece City of God. The movie's evasive cynicism, morphing gradually and insidiously into lipsmacking adoration of the macho lawmen in their SS-style black uniforms, is pathetic. The worst moment comes when the anti-hero Captain Nascimento (Wagner Moura) jeers at a feeble cop applying to join their ranks: "You belong with the whores, you belong with the pimps, you belong with the abortion clinics." Um, excuse me? Abortion clinics? Getting a reactionary sermon from a pumped-up man in uniform is the last thing we need".

¹⁰⁶ BRADSHAW, Peter. Elite Squad. The Guardian, Agosto de 2008. Disponível em <https://www.theguardian.com/film/2008/aug/08/worldcinema.thriller>

¹⁰⁷ Cinema em Cena <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/6191/tropa-de-elite>

¹⁰⁸ The Elite Squad: One-note celebration of violence-for-good that plays like a recruitment film for fascist thugs" <http://variety.com/2008/film/markets-festivals/the-elite-squad-1200548140/>. New York

O texto da Variety, uma das críticas mais lidas, inicia afirmando que Tropa de Elite é uma celebração da violência gratuita, que funciona como um “filme de recrutamento para fascistas” cuja narrativa em primeira pessoa dificulta visões “inteligentes” sobre a obra. O crítico Jay Weissberg destaca a proximidade do enredo com debates sobre brutalidade policial e afirma que a representação é posta de forma a celebrar comportamentos policiais psicopatas. Na última parte do texto, são analisadas questões imagéticas de símbolos do filme, como as semelhanças entre a caveira do BOPE com a utilizada pela organização nazista “SS Death’s Head Brigade”, responsável pelo controle dos campos de concentração alemães durante o Holocausto.

Já as publicações do NYPost e NYMag ressaltam o teor fascista do roteiro, personagens e escolhas técnicas. O NYPost baseia a análise criticando a forma pouco profunda como o tema e os personagens são apresentados. Com o título “Personagem violentamente sem personalidade”¹⁰⁹, a análise questiona a falta de conteúdo da obra e a representação problemática dos mecanismos de segurança pública do Rio de Janeiro. A banalidade com que o excesso de violência é tratado e o sadismo das cenas foram pontos destacados por ambos. “Atear fogo em um bandido ou explodir o rosto de alguém com um tiro são parte de um dia de trabalho”¹¹⁰, menciona o texto do Post. A revista NYMag segue a mesma linha e acrescenta analisando a transformação do Sargento Matias, homem negro com consciência social, em um oficial intolerante que tortura e mata sem remorso. A publicação retoma a crítica da escolha de Padilha pelo uso da voz off e narrativa em primeira pessoa. Tal formato daria ao filme um ar de “realismo social” comparável aos thrillers dos anos 70, entre eles o filme “The French Connection” (1971), no qual “apenas fascistas poderiam fazer o que era necessário ser feito”, afirma a publicação.

Nacionais

Cinema em Cena¹¹¹

Magazine <http://nymag.com/listings/movie/elite-squad-tropa-de-eli/> . NYPost <https://nypost.com/2008/09/19/violently-lacking-character/>

¹⁰⁹ Do original: “Violently Lacking Character”

¹¹⁰ Tradução livre de “Setting a bad guy on fire or blasting away somebody’s face with a shotgun are all in a day’s work”.

¹¹¹ Cinema em Cena <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/6191/tropa-de-elite>

Entre os textos nacionais, a crítica de Tropa de Elite feita por Pablo Villaça para o blog Cinema em Cena, que na época integrava o site da revista de esquerda Carta Capital, foi a análise que deu melhor embasamento teórico e argumentação para defender os pontos de vista apresentados. Villaça inicia a crítica apresentando os personagens, menciona as angústias do Capitão Nascimento e elogia as escolhas de montagem e cortes, que, segundo ele, resultam em uma aparência de realidade mais intensificada e angustiante, devido às diversas cenas carregadas de tensão – recursos apontados como problemáticos e antiéticos pelos críticos internacionais. Em relação às cenas de violência, o texto afirma que tanto a brutalidade policial quanto a violência urbana apresentada pela obra são questões problemáticas. Mas, para o crítico, o filme permite compreender a relação de corrupção entre poderosos e o tráfico, assim como a suposta hipocrisia de jovens de classe média que pertencem a movimentos sociais e, paralelamente, consomem maconha. Embora apontando a violência como um problema, Villaça assume o mesmo ponto de vista apresentado pelo protagonista da obra. Esse posicionamento fica mais evidente ao longo da crítica, principalmente em relação à naturalização dos processos de desumanização. Para o autor, Capitão Nascimento é um profissional “extremamente racional” e, embora assustador, necessário. Assim como o ponto de vista apresentado pelo filme, Villaça compreende a violência gratuita como única solução para as questões de segurança pública apresentadas na obra.

Mas talvez seja esta a grande mensagem (e a deprimente constatação) apresentada por Tropa de Elite: a de que chegamos a um ponto no qual, lamentavelmente, a Sociedade precisa de monstros assim para garantir sua continuidade¹¹².

Na segunda parte do texto, a crítica se torna uma espécie de manifesto em defesa do diretor e da obra. Villaça se ocupa em defender o filme das acusações estrangeiras, afirma que nem o diretor e nem a obra são fascistas e escreve por diversas vezes que aqueles que criticam o fazem por não conseguirem encarar a realidade brasileira. Para ele, o uso brutal da violência policial é justificado para defender a segurança do corpo social perante o inimigo do Estado. É interessante notar neste trecho que as críticas estrangeiras feitas em relação ao excesso de violência e cunho fascista de Tropa de Elite incomodaram mais do que as próprias

¹¹² VILLAÇA, Pablo. Tropa de Elite, 2008. Disponível em <https://cinemaemcena.com.br/critica/filme/6191/tropa-de-elite>

cenar de violência gratuita apresentadas pela obra. O autor finaliza o texto afirmando que a reação natural, ao assistir ao longa, é torcer pelo personagem principal, e, portanto, compreender todas as atrocidades cometidas por ele durante a narrativa.

Neste sentido, o momento-chave de *Tropa de Elite* é justamente aquele em que um personagem recebe a incumbência de executar friamente outro. Relembre a cena e verifique sua reação à mesma: você torceu para que o gatilho fosse apertado ou desejou que o indivíduo em questão se negasse a disparar a arma? De minha parte, confesso que fui seduzido pela primeira opção – e, mesmo horas depois do filme, não conseguia vencer a surpresa por ter tido este sentimento, já que tenho repulsa pela pena de morte e por qualquer ato de brutalidade¹¹³.

Omelete¹¹⁴

O site voltado para o público cinéfilo Omelete, um dos mais acessados sites do gênero no país, tem como foco a promoção do cinema comercial. As críticas são pouco voltadas para a recepção do cinema como produção artística e permitem que nos aproximemos de como o grande público recebe as obras audiovisuais nos meios de comunicação de massa. Escrita por Marcelo Hessel, a análise também se distancia da feita pelos autores estrangeiros. Em certas passagens, ela chega a ser exatamente oposta. O aspecto fascista da obra nem sequer é mencionado e a escolha pela narrativa de voz off em primeira pessoa é vista com bons olhos. Ao mesmo tempo, as questões técnicas levantadas e elogiadas são feitas de forma superficial e, assim como no texto de Villaça, o autor assume o ponto de vista do personagem principal e do diretor. O autor não poupa elogios ao filme, afirmando se tratar de uma “estrutura dramática sem furos e altamente persuasiva”. No fim do texto, entretanto, Hessel faz a ressalva de que, apesar de altamente eficiente e sofisticada, a obra se trata de uma tentativa de convencimento moralmente condenável. Para o autor, “tortura e execução nunca serão justificáveis”. Nesse ponto, a crítica diverge do texto de Villaça.

Adoro Cinema¹¹⁵

¹¹³ VILLAÇA, Pablo. *Tropa de Elite*, 2008. Disponível em

<https://cinemaemcena.com.br/critica/filme/6191/tropa-de-elite>

¹¹⁴ Omelete <https://omelete.com.br/filmes/criticas/tropa-de-elite/?key=29417>

¹¹⁵ Adoro Cinema <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-133548/>

Ao contrário dos sites mais tradicionais, o Adoro Cinema possui um formato diferente de publicações, que não conta com críticos considerados especialistas, mas trabalha com textos do público em geral. A análise feita pelo usuário Roberto Cunha aborda as escolhas técnicas da obra de forma rasa, sem fundamentação, optando por elogiar elementos banais como cenas não cronológicas ou o impacto da cena inicial de baile funk. Entretanto, o que interessa analisar neste texto é a forma como o autor adota, sem qualquer tipo de ressalva, o ponto de vista do protagonista da história. “São muitas pérolas no filme e todas, sem exceção, fazem você mergulhar no submundo da corrupção no Brasil”, afirma Cunha. O texto se apoia em uma sequência de maniqueísmos de pouca reflexão. O cunho fascista e a violência exagerada são pontos tratados como naturais e até celebrados. Em certos trechos, é possível ver que a crítica se assemelha muito ao sadismo do próprio filme, como em: “responsável por várias passagens hilárias como aquela que ele sintetiza o leva e traz de defuntos por policiais, como ‘é a guerra da carne’” e “...quem corrompe é bandido. Ponto. E Capitão Nascimento pensa assim e ‘passa o dedo’ em quem ajuda traficante a se armar”.

A recepção calorosa do público se diferenciou até mesmo da recepção do filme pela própria corporação da Polícia Militar. Em setembro de 2007, um grupo de oficiais do BOPE tentou impedir o lançamento da obra através de uma liminar, alegando que o longa “ataca a corporação e viola a honra, dignidade e até mesmo a integridade física dos policiais”¹¹⁶. O pedido foi negado pela juíza Flávia de Almeida, que alegou se tratar de uma obra que faz críticas às instituições, e não aos membros da polícia militar. Além disso, a juíza ressaltou que o filme representa fielmente o cotidiano das comunidades cariocas. O alcance e impacto que *Tropa de Elite*, uma obra fascista, teve no público brasileiro, assim como a semelhança dela com a cobertura de segurança pública, evidenciam o sucesso da promoção dos discursos do aparelho punitivo para o corpo social através dos meios de comunicação de massa.

¹¹⁶ Justiça Veta Pedido do BOPE para Proibir o Filme *Tropa de Elite*. Setembro de 2007. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2007/09/328145-justica-veta-pedido-do-bope-para-proibir-filmetropa-de-elite.shtml>

3.2. A indústria da propaganda e os meios de comunicação de massa

A segunda totalidade analisada é a indústria da propaganda e a crescente influência dela no comportamento do corpo social após o surgimento dos meios de comunicação de massa. Nessa parte do texto, são levantados os discursos que se aproximam das linhas de pensamentos fascistas, estimulam a ideia de inimigos da nação e obscurecem as camadas subpostas das relações sociais. O ponto de partida da análise é a formação do aparato propagandístico criado durante o regime nazista alemão no início do século XX. Entretanto, o objetivo não é reforçar a ideia do Holocausto como um “Mal metafísico, diabólico, irracional, apolítico, incompreensível, abordável apenas por meio do silêncio respeitoso”¹¹⁷. Nem tratá-lo como uma exceção à regra cujas causas estão descoladas da sociedade contemporânea, como faz o filme candidato ao Oscar de 2020 *Jojo Rabbit* (2019), ao mostrar um regime nazista fantasioso com vilões pitorescos representantes perfeitos da noção kantiana de “mal diabólico”¹¹⁸. (O imperativo categórico de Kant está presente em todo o filme. Para o protagonista, uma criança alemã que frequentava a Juventude Hitlerista¹¹⁹, representante dos seres bons por essência, porém enganado e corrompido por soldados nazistas diabólicos, bastou o mero contato com uma jovem judia para encontrar a luz e voltar à sua essência benigna, entendendo o mal que Hitler representava). Essa dissertação se distancia de ambas as formas de compreender a Alemanha nazista.

Tratar o Holocausto como um tabu cuja causa é inquestionável por supostamente ser um evento de mais crueldade do que outros momentos históricos, além de ser uma abordagem errada, obscurece os reais motivos sociais, políticos e econômicos que abriram caminho para o regime nazista. Serve também para apagar da memória do corpo social a lembrança de que o aparato armamentista, tecnológico e discursivo que permitiu o genocídio de judeus nas câmaras de gás e de povos eslavos e soviéticos por aviões de bombardeio em todo leste europeu não foi inteiramente criado e desenvolvido dentro da Alemanha, nem ficaram restritos à ela. Essa ideia reafirma o recorte problemático e eurocentrista da noção de

¹¹⁷ZIZEK, Slavoj. “Alguém disse Totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção”. *Boitempo*. 2013, p. 53.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 51.

¹¹⁹ Espécie de formação obrigatória de jovens na Alemanha durante o regime nazista.

totalitarismo de Hannah Arendt, que acaba servindo como modelo de “controle dos radicais livres”¹²⁰ que questionam a ordem liberal e os limites da democracia capitalista. Esse conceito, que utiliza a ideia de liberdade burguesa para definir um Estado totalitário, distancia o nazismo do fascismo italiano e o aproxima do autoritarismo soviético, tratando o fascismo como algo essencialmente europeu¹²¹ e negando a complexidade que suas versões latinas e asiáticas trazem para o debate, assim como o vínculo estrutural dessa ideologia com o sistema capitalista.

Da mesma forma, tratar Hitler, os principais agentes nazistas e seus apoiadores da sociedade civil como pessoas diferentes da maioria de nós é um discurso que serve apenas para confortar aqueles que acreditam irreflexivamente que, em uma situação análoga, estariam naturalmente ao lado dos perseguidos. É o debate feito no filme *Um Homem Bom* (2008), quando o protagonista John Halder, um professor universitário, acaba servindo sem querer às teorias sobre eutanásia do regime nazista. O problema de tratar o Holocausto como diferente de diversos outros eventos históricos extremamente violentos, como a colonização das Américas e o sistema escravista, é acabar obscurecendo as heranças dele para o corpo social e para a indústria.

É nesse contexto que devemos interpretar a necessidade desesperada dos historiadores do Holocausto de isolar uma causa determinada ou extrair um sentido dele: na verdade, quando procuram uma patologia ‘perversa’ na sexualidade de Hitler, eles têm medo de não encontrar *nada*, medo de que Hitler, em um nível íntimo e privado, fosse uma pessoa como qualquer outra – tal resultado torna seus crimes monstruosos ainda mais horrorosos e sinistros¹²².

A tecnologia dos meios de comunicação de massa é anterior ao Holocausto, entretanto, como será apresentado a seguir, as principais estruturas discursivas da propaganda nazista foram absorvidas pelos meios de comunicação de massa e, principalmente, pelas redes sociais.

¹²⁰ Termo usado repetida e ironicamente por Žižek na introdução do livro “Alguém disse Totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção” (2013).

¹²¹ Da mesma forma que, por exemplo, o Nacionalismo Showa, no Japão, e a ditadura de Vargas, no Brasil, possuem características diferentes do regime de Mussolini, o nazismo é a versão da Alemanha de Hitler de um povo orientado pela ideologia fascista.

¹²² ŽIŽEK, Slavoj. “Alguém disse Totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção”. Boitempo. 2013, p. 51.

3.2.1. Origens

A propaganda nazista do pré-guerra desenvolveu técnicas de manipulação e convencimento da opinião pública que foram adotadas e aperfeiçoadas pela indústria cultural ao longo do século XX¹²³ (HERF, 2014). Um dos principais recursos utilizados pelos nazistas foi introduzir modelos de pensamentos autoritários e intolerantes através da repetição de perspectivas de mundo padronizadas e do apagamento de pluralidade de opiniões nos meios de comunicação de massa. Eles aproveitaram a capacidade dos meios de comunicação de massa de criar necessidades inventadas e confundi-las com demandas humanas básicas de sobrevivência. Entre os anos 20 e 40 do século XX, a propaganda nazista criou mecanismos de convencimento das massas extremamente efetivos e eficazes, que foram capazes de construir no povo alemão a ideia de que os responsáveis por todos os problemas que o país enfrentava naquele período eram os judeus comunistas.

No alemão, a palavra *Gleichschaltung* está relacionada ao discurso único que tem objetivo de estabelecer uma sociedade padronizada e em conformidade com o autoritarismo do Estado. No nazismo, esse recurso serviu para sustentar antigas crenças europeias que vinculavam o povo judeu com todas as formas conhecidas de **mal**. Após conseguir maioria parlamentar no *Reichstag* em 1932, o Partido Nazista iniciou um programa político de “orquestração” dos discursos nos meios de comunicação de maior abrangência da época: o cinema, o rádio e os jornais. Para isso, comprou gradativamente os principais veículos jornalísticos alemães, demitiu editores opositores, fechou publicações de oposição e, com o tempo, tomou posse de todos os meios de comunicação do país. Os jornais que restaram foram os que se aliaram à ideologia imposta. “Ao todo, 200 jornais social-democratas e 35 jornais comunistas, de circulação conjunta de aproximadamente 2 milhões de unidades, foram fechados”¹²⁴ nos primeiros anos de governo. A falta de pluralidade da imprensa foi capaz de criar um uma verdadeira máquina de controle da opinião pública:

¹²³HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014.

¹²⁴ Ibid., p. 56.

Em todas as semanas de 1937 até a primavera de 1943, aproximadamente 125 mil cópias de jornais-murais semanais em preto e branco ou em cores foram exibidos em cada canto e esquina na vida cotidiana. Edições da *Palavra da Semana*¹²⁵ eram postadas nas praças, mercados, estações de metrô, paradas de ônibus, bancos, salas de espera de hospitais, refeitórios de fábricas, hotéis, restaurantes, correios, estações de trem, escolas e quiosques na Alemanha e na Áustria. Num país tão densamente populoso, em que as pessoas se deslocavam principalmente a pé ou por transporte público, os jornais-murais políticos, estrategicamente situados em pontos nodais onde as “massas” convergiam e se dispersavam ao longo do dia, eram o meio mais efetivo de intrusão no campo visual de milhões de inimigos¹²⁶.

Para a estabilidade política, os nazistas construíram um amplo aparato discursivo apoiado no controle total da imprensa. O principal veículo alemão era o jornal *Parole der Woche* (Palavra da Semana), inaugurado em 1936 durante a campanha no *Reichstag*. O veículo tinha como objetivo apresentar um novo modelo de diálogo com o grande público, trabalhando a relação entre imagem e palavras cuidadosamente escolhidas. Além de promover os grandes eventos da supremacia alemã, o *Parole der Woche* “pretendia manter certos assuntos constantemente presentes diante dos olhos dos leitores”¹²⁷.

Entre os temas de destaque, estavam ataques regulares contra os “inimigos” comunistas e judeus, além de críticas aos governos britânico e norte-americano, apontados como mentirosos e integrantes de um complô internacional cujo objetivo seria tornar a União Soviética dona do mundo. Em resposta às duras críticas internacionais ao autoritarismo crescente do Estado Alemão, um mecanismo discursivo frequentemente utilizado nos periódicos era destacar alguma informação crítica real sobre a nação inimiga e reduzir o país criticado àquela informação específica, para acusá-lo de hipocrisia, e, conseqüentemente, de estar mentindo.

¹²⁵ *Parole der Woche* foi o periódico de massas mais circulado durante o período do regime nazista na Alemanha.

¹²⁶ HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014, p.56.

¹²⁷ Tradução livre: “*Parole der Woche* was also intended to keep certain matters constantly before the eyes of its readers”, retirado do acervo de material nazista do site <https://www.bytwerk.com/gpa>

(imagem 8)

(imagem 8) Edição de 23 de Abril de 1941. Título: "Em nome da liberdade!!!"¹²⁸

“Recentemente, o Sr. Roosevelt mais uma vez se sentiu compelido a retratar a Alemanha Nacional-Socialista como inimiga, enquanto a plutocracia britânica, por outro lado, é o refúgio da liberdade para os povos fracos do mundo. Ao fazê-lo, no entanto, evitou deliberadamente dar exemplos mais específicos do tipo de liberdade com que certos povos sempre foram abençoados pelos exploradores britânicos. No entanto, podemos ajudar facilmente! -

Que tal a Índia, por exemplo, Sr. Roosevelt, onde os plutocratas britânicos destruidores de ninhada – seus amigos – por pura ganância por lucro, exploram, suprimem e matam milhões de pessoas sem um piscar de olhos?

Onde, em nome da liberdade democrática e sob o lema da proteção dos povos fracos, os ministros indianos devem marchar em fila nas prisões, apesar da

¹²⁸ Retirado do retirado do acervo de material nazista do site <https://www.bytwerk.com/gpa>. Tradução livre, a partir da tradução feita em

<https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/parole-uwv.htm> dos trechos:

“In the Name of Freedom!!!” e “Put this picture in your album, Mr. Roosevelt, and show it to your Americans in the name of freedom, show them this picture in the name of humanity as an example of the democratic methods of your friends in London, and do not forget to mention the phrase: ‘By their deeds you shall know them’ — not by their words!!!”

constituição e dos estatutos democráticos, se eles ousam defender os direitos de seu povo?!

Onde patriotas indianos, que não querem se curvar ao terror britânico ilegal, são cercados vivos – como você pode ver na documentação fotográfica adjacente e rara! –. A pura tortura é coberta com madeira por fora, no interesse de uma aparência mais inofensiva e – por humanitarismo, claro!

Não se ditam sentenças formais de morte para os infelizes, mas apenas essas sentenças sentadas por 1 dia a 1 mês e meio, porque você sabe exatamente que as vítimas podem suportar tal provação por um máximo de duas a três semanas e depois morrem de qualquer maneira! – Nesse caso, eles não podem simplesmente morrer de fome, não, eles são até alimentados – até que apodreçam vivos em seus próprios excrementos !! – Tudo em nome da humanidade, da liberdade democrática e da liberdade dos fracos no mundo!!”¹²⁹

Essa edição do *Parole der Woche* trata da então recente fala do presidente norte-americano Franklin Roosevelt acusando a Alemanha de ser “inimiga da liberdade, enquanto a Inglaterra era defensora”¹³⁰. Ao lado do texto, está a imagem do exército britânico, aliado dos EUA, torturando indianos durante o período de domínio europeu no continente asiático – até a década de 30, a Grã-Bretanha controlou o subcontinente indiano de forma autoritária e extremamente violenta. No último parágrafo, a edição do *Parole der Woche* conclui: “ponha essa foto no seu

¹²⁹ Tradução livre de:

“Herr Roosevelt hat sich jüngst wieder einmal bemüßigt gefühlt, das nationalsozialistische Deutschland als den Feind, die britische Plutokratie hingegen als den Hort der Freiheit der schwachen Völker in der Welt hinzustellen. Er vermied es dabei jedoch geflissentlich, nähere Beispiele für die Art von Freiheit zu nennen, mit der seit jeher gewisse Völker von den britischen Ausbeutern beglückt wurden. Da allerdings können wir leicht nachhelfen!

Wie wäre es zum Beispiel mit Indien, Herr Roosevelt, wo die plutokratischen britischen Brutsauger - Ihre Freunde - aus reiner Profitgier Millionen und Abermillionen von Menschen ohne Wimperzucken auszubeuten, zu unterdrücken und verhungern zu lassen pflegen?

Wo im Namen der demokratischen Freiheit und unter der Divise des Schutzes der schwachen Völker indische Minister trotz Verfassung und demokratischer Statuten kolonnenweise in die Gefängnisse marschieren müssen, wenn sie für die Rechte ihres Volkes einzutreten wagen?!

Wo indische Patrioten, die sich dem unausgesetzten britischen Terror nicht beugen wollen, bei lebendigem Leibe eingemauert werden, - wie Sie dies auf dem nebenstehenden, seltenen Bilddokumente sehen können! – Man vereschalt die Folternetze außen mit Holz, im Interesse eines harmloseren Aussehens und – aus Humanität natürlich!

Man diktiert den Unglücklichen keine formellen Todesurteile, sondern lediglich diese Sitzstrafen für 1 bis 1 1/2 Monate, weil man nämlich genau weiß, daß die Opfer eine solche Torturhöchstens zwei bis drei Wochen aushalten können und dann sowieso sterben !! – Man läßt sie in diesem Falle auch nicht einfach verhungern, nein, man füttert sie sogar, – solange, bis sie ihrem eigenen Kote lebendig verfault sind” – Alles im Namen der Humanität, der demokratischen Freiheit und der Freiheit der Schwachen in der Welt!!

¹³⁰ Retirado do retirado do acervo de material nazista do site <https://www.bytwerk.com/gpa>

álbum, Sr. Roosevelt, e mostre ela para seus americanos em nome da liberdade, mostre a eles essa foto em nome da humanidade como um exemplo dos métodos democráticos de seus amigos em Londres, e não se esqueça de mencionar a frase: 'Por seus atos você deve conhecê-los' – não por suas palavras!!!"¹³¹.

(imagem 9)



(imagem 9) Edição de 11 de Março de 1942. Título: "A admissão de um informante" Nessa edição do *Parole der Woche* é possível visualizar a paranoia nazista em relação ao medo da URSS controlar todo o mundo. Na imagem está escrito:

“O embaixador de Stalin para a bolchevização da Inglaterra, Stafford Cripps, recentemente fez um discurso em Bristol, em que este provocador disse:

‘Não há dúvida de que a União Soviética será a maior potência europeia se a Inglaterra e os Estados Unidos ganharem a guerra, já que a guerra provavelmente terminará com a sede do governo em Berlim. Se os britânicos não tiverem relações

¹³¹ Tradução livre de:

"Nehmen Sie dieses Bild in Ihr Album, Herr Roosevelt, zeigen Sie es im Namen der Freiheit ihren Amerikanern, erklären Sie ihnen im Namen der Humanität anhand dieses Bildes die demokratischen Methoden Ihrer Londoner Freunde und vergessen Sie dabei bitte nicht den Hinweis auf das Wort: "An ihren Taten soll man sie erkennen" - nicht an ihrer Phrasen !!!

amigáveis com os soviéticos, a União Soviética determinará sozinha o futuro da Europa’.

Essa é a prova clara que Churchill e Roosevelt deram ao assassino em massa Stalin "mão livre na Europa" – no caso de ganharem com a ajuda dele.

Além da revelação dos infames objetivos de guerra britânico-americanos, o falante Cripps disse o seguinte, com uma vergonha cínica:

‘Stalin assinou o tratado de 1939 com a Alemanha, mas imediatamente começou a produção de guerra para se preparar para o momento em que poderia atacar com sucesso a Alemanha’.

Esta declaração, para quem quer saber, prova a traição de Stalin. Os comentários de Cripps provam ainda melhor para o mundo inteiro que o Führer teve que atacar até o último momento para salvar a Alemanha e toda a Europa da destruição pelas hordas bolcheviques. A Alemanha e os povos despertados da Europa sabem o que é necessário nesta batalha contra a conspiração judaico-plutocrática e seus algozes bolcheviques:

Uma luta amarga até a vitória!¹³²

O *Parole der Woche* alcançava a população alfabetizada, mas o aparelho de propaganda alemão também soube dialogar com os analfabetos, através de cartazes com mensagens repassadas em forma de imagens. Nos anos de crescimento do Reich, o Partido Nazista também manteve jornais especializados em

¹³² Tradução livre: “The Admission of an Insider

Stalin’s ambassador for the Bolshevization of England, Stafford Cripps, recently gave a speech in Bristol in which this warmonger said: ‘There is no doubt that the Soviet Union will be the greatest European power if England and the United States win the war, since the war will probably end with the seat of government in Berlin. If the British do not have friendly relations with the Soviets, the Soviet Union will determine Europe’s future alone.’

That is clear proof that Churchill and Roosevelt have given the mass murderer Stalin a ‘free hand in Europe’ — in the event that they win with his assistance.

Besides that revelation of the infamous British-American war aims, the talkative Cripps said the following with cynical shamelessness: ‘Stalin signed the 1939 treaty with Germany, but immediately began war production to prepare for the moment in which he could successfully attack Germany.’

This statement, by one who should know, proves Stalin’s treacherousness. Mr. Cripps’s comments further prove to the whole world that the Führer had to strike at the last moment to save Germany and all of Europe from destruction by the Bolshevik hordes. Germany and the awakened peoples of Europe know what is necessary in this battle against the plutocratic-Jewish conspiracy and its Jewish-Bolshevist executioners:

A bitter struggle until victory!”

Retirado do acervo de material nazista do site <https://www.bytwerk.com/gpa>. Tradução livre, a partir da tradução feita em <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/parole-uwv.htm>

outros públicos, como intelectuais e oficiais do governo. Além dessas publicações menores, o Estado Alemão produziu materiais de divulgação da ideologia nazista em todos os formatos de comunicação existentes na época: pôsteres, filmes, folhetos, panfletos, cartões postais, brochuras etc. Os textos e imagens eram trabalhados meticulosamente com o objetivo de cancelar ou distorcer qualquer visão externa crítica ao regime, além de trazer a ideia de que a Alemanha precisava se proteger para defender o bem estar do povo ariano.

(imagem 10)



(imagem 10) Pôster de 1938 com a frase “Alemanha está livre”.

(imagem 11)



(imagem 11) Cartaz de 1937 com uma mensagem antibolchevique, parte de uma grande campanha contra os comunistas que aconteceu entre 1936 até 1938. A programação do evento contou com temas, como “Bolchevismo sem máscara”, “Bolchevismo pelo mundo”, “Judaísmo é o núcleo do bolchevismo”, “Marxismo e Bolchevismo subverte povos e Estados”, “A batalha da Itália contra o bolchevismo”¹³³.

¹³³ Programação completa em <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/anti-bolshevism.htm>

(imagem 12)



(imagem 12) Pôster de 1940 para divulgação do filme nazista antisemita “O Judeu Eterno”, que relaciona o povo judeu ao demônio.

(imagem 13)



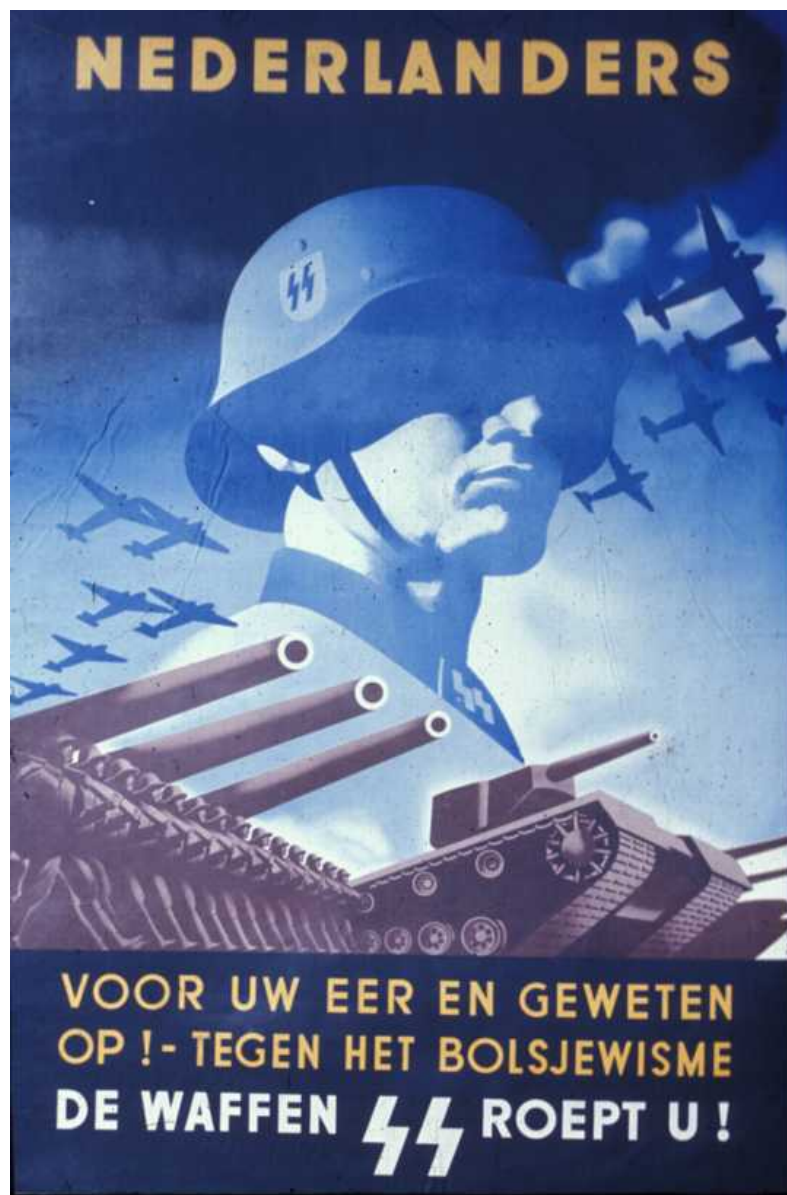
(imagem 13) Cartaz alemão de 1940 com os dizeres: “Todo poder e empenho! Guerra total - guerra mais curta!”. A forma como os elementos estão dispostos em cartazes sobre a guerra foi mantida praticamente igual até os dias de hoje em cartazes de filmes mercadológicos.

(imagem 14)



(imagem 14) Cartaz anti-semita distribuído na Ucrânia em 1941, que diz "Satan tirou a máscara", cuja mensagem é: o diabo é um judeu e usa uma máscara com o rosto de Stalin.

(imagem 15)



(imagem 15) Cartaz de recrutamento da SS distribuído na Holanda entre os anos de 1940 e 1945 que diz "Pela sua honra e consciência! Contra o bolchevismo. A SS liga para você!". É interessante a semelhança entre ele e os cartazes de filmes de guerra norte-americanos atuais.

O número de pedidos para as edições dos veículos do Ministério da Comunicação nazista aumentou exponencialmente nos anos do governo de Hitler. A ampla divulgação foi efetiva e os jornais tiveram grande aceitação do público. O número de pedidos de novas assinaturas do *Parole der Woche* em 1940 foi de 63.121, vindos de organizações divididas entre escritórios regionais, organizações de médicos, restaurantes, pensões familiares, bares, hotéis, prefeituras e até

organizações de jardinagem¹³⁴. Um pôster de 1940 chegou à marca de 149.422 pedidos de cópias.

Os pôsteres eram um meio extremamente eficaz e muito utilizado para divulgar a propaganda, pois permitiam expressar conteúdos de forma simplificada, que exigiam pouco tempo de leitura e chamavam bastante atenção. O formato simplista e carregado de informações visuais conseguia atingir qualquer um que estivesse de passagem, assim como faz um outdoor atualmente. Foi pelo excesso de propaganda veiculada em todos os espaços públicos e da *Gleichschaltung* que o governo alemão trabalhou a manipulação da opinião pública. “Em todas as semanas, de 1937 até a primavera de 1943, aproximadamente 125 mil cópias de jornais-murais semanais em preto e branco ou em cores foram exibidos em cada canto e esquina na vida cotidiana”¹³⁵. Os números do alcance dessa propaganda são impressionantes para a época:

Em janeiro de 1941, o Ministério da Propaganda afirmou ter produzido e distribuído ‘mais de 7 milhões de pôsteres, 2 milhões de panfletos, 6 milhões de periódicos e jornais de parede, além de 67 milhões de folhetos. Propagandistas do partido haviam organizado cerca de 30 mil apresentações de slides e 45 mil exibições noturnas de filmes por mês(!), tendo promovido ainda cerca de 200 mil encontros e passeatas. Mais de 60 mil rádios haviam sido distribuídos entre os soldados’¹³⁶.

Outro recurso muito utilizado pelo Ministério da Propaganda foi trabalhar exaustivamente a ideia de que a crise econômica e social após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial era culpa dos inimigos da nação. O nazismo se apropriou do sentimento de frustração para criar um ambiente de ódio cego contra judeus e comunistas. A *Gleichschaltung* e a ideia de que a população estava permanentemente ameaçada pela entidade judaica comunista internacional foram os pilares de convencimento que estruturaram a aceitação do genocídio pelo corpo social. Se considerarmos que sem o apoio das massas o extermínio dos judeus teria sido inviabilizado, podemos afirmar que o maior responsável por garantir o apoio da população para por em prática o genocídio foram os meios de comunicação controlados pelo Ministério da Propaganda. Os escritórios do Partido Nazista

¹³⁴ HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014, p. 56.

¹³⁵ Ibid., p. 56.

¹³⁶ Ibid., p. 78.

formulavam o conteúdo que seria disseminado através da imprensa, que “deveria mudar a cobertura das notícias internacionais” e limitar o que seria informado internamente e quaisquer opinião contrária. A cobertura não poderia “debater cada discurso de nossos inimigos nem transmitir seus argumentos”. Para os nazistas, escutar uma perspectiva diferente ou argumento crítico “seria análogo a cooperar com o inimigo”¹³⁷.

3.2.2. A propaganda em função da criação do Inimigo do Estado

O código penal fascista utilizou o conceito de inimigo do Estado e a aplicação de medidas de segurança pública de combate a essa ameaça para justificar as perseguições arbitrárias contra os judeus, as chamadas “razões de contenção” que duravam tempo ilimitado. Estimular a sensação de medo no corpo social era necessário para justificar a ostensividade das medidas. Segundo Zaffaroni¹³⁸, a permanência da sensação de perigo em uma população resulta sempre em aumento do autoritarismo estatal: “O desenvolvimento coerente do perigosismo, mais cedo ou mais tarde, acaba no campo de concentração”¹³⁹.

O único componente que o direito penal do nacional-socialismo acrescentou foi o antissemitismo (...) porque por trás de toda individualização de um inimigo há um mito que lhe pretende conferir caráter ôntico¹⁴⁰

No entanto, mesmo com o aparato do Direito Penal, o sucesso da máquina nazista alemã só atingiu tamanha proporção graças à capacidade do Estado de manipular a opinião pública. O inimigo judeu criado pelos nazistas não tinha um rosto ou nome, era um ser amorfo com características variadas e moldáveis. Ao analisar os padrões discursivos dos membros do Partido Nazista, o pesquisador Jeffrey Herf¹⁴¹ descobriu um conjunto de características que eram frequentemente

¹³⁷ Dessa forma, é possível fazer um paralelo com as bolhas de usuários que os algoritmos criam e que dificultam o acesso à conteúdos com pontos de vistas diferentes.

¹³⁸ ZAFFARONI, E. Raúl. “O Inimigo no Direito Penal”. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Revan, 2007, p. 104.

¹³⁹ Ibid., p. 104.

¹⁴⁰ Ibid., p. 105.

¹⁴¹ HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014, p. 22.

associadas à imagem do judeu comunista: os inimigos da nação eram os defensores da democracia social, sindicatos, União Soviética, marxismo, imprensa livre, sífilis, peste e a indústria de guerra estrangeira. Qualquer grupo ou entidade que contestasse a superioridade da nação ariana era chamada de judeu.

A consolidação do Reich e o extermínio nos campos de concentração, que se acentuou após 1942, foram frutos de mais de uma década de impulsionamento da propaganda nazista nos meios de comunicação e do *Gleichschaltung*. O período de campanha anterior à guerra, após o Partido Nazista ser eleito, de 1933 até 1938, foi fundamental para o sucesso do genocídio posterior. Foram nesses cinco anos que Hitler, os generais e seu Ministério da Comunicação se apropriaram de todos os jornais alemães e construíram uma máquina de propaganda do governo, responsável por transformar todo o sentimento de frustração do povo em ódio contra os inimigos do Estado.

De 1933 a 1945, o processo de “radicalização da linguagem”¹⁴² dos meios de comunicação de massa estimulou no corpo social um discurso que relacionava os judeus comunistas à imagem de um inimigo demoníaco, responsável por todo o mal. Na linguagem, existia a forte presença do elemento de generalização da imagem do inimigo do Estado, que afirmava que “todos os judeus estavam em guerra contra a Alemanha Nazista”¹⁴³.

Na mente e nas declarações públicas dos líderes nazistas, a Alemanha e seus aliados lutavam em uma única guerra defensiva contra uma gigantesca conspiração internacional de desiguais, conduzida por figuras judias trabalhando nos bastidores, enquanto seus cúmplices não judeus, sobretudo os Aliados, eram a fachada pública do inimigo¹⁴⁴.

A imagem criada era semelhante a uma narrativa fantasiosa de cinema hollywoodiano: o judaísmo era uma entidade internacional fortemente unida que tinha como objetivo principal acabar com o povo ariano; e “judeu” significava um sujeito político maligno que havia se espalhado sorrrateiramente por todo o planeta. A questão do delírio e da paranoia no discurso nazista era central e o grande mérito do governo alemão foi conseguir transferir a irracionalidade do discurso de forma eficaz para uma parcela da população. Entretanto, apenas uma minoria “fanática,

¹⁴² Ibid, p. 40.

¹⁴³ Ibid, p. 54.

¹⁴⁴ Ibid, p. 50.

mas não pouco numerosa, acreditava que essa mensagem era verdade”¹⁴⁵. O alcance do discurso só atingiu a maioria porque os membros mais radicais disseminaram “formas brandas de antissemitismo” em regiões em que esse preconceito havia se “tornado lugar-comum”¹⁴⁶.

Nas falas de representantes do Partido Nazista, também é possível constatar a presença do uso eventual de informações falsas com objetivo de fortalecer o argumento irracional. Em um discurso de 9 de setembro de 1936 para o congresso durante o *Reichsparteitag*, uma reunião anual do partido nazista realizada em Nuremberg, Hitler “repetiu a falsa afirmação de que os judeus ocupavam '98% dos cargos de liderança' na união Soviética” e, “na Espanha, os imigrantes judeus estavam tentando ‘exterminar’ os líderes indígenas espanhóis”¹⁴⁷. O objetivo era convencer que o comunismo não era um governo voltado para o proletariado e sim para a comunidade judaica internacional, que tentava exterminar todas as culturas tradicionais.

Os nazistas focavam a suposta dominação judaica sobre a vida profissional alemã, apesar da realidade conflitante. Em 1933, de acordo com estatísticas oficiais alemãs, os judeus representavam 10,9% dos médicos e 8,6% dos dentistas; 16,3% dos advogados e 2,8% dos juizes e promotores; 2,6% dos professores universitários e 0,7% dos engenheiros alemães. Nas profissões culturais e intelectuais que os antissemitas declaravam dominadas pelos judeus, as mesmas estatísticas oficiais de 1933 revelam proporções também pequenas. Os judeus eram 2% dos músicos, 5,1% dos editores e escritores, 3% dos dançarinos e atores, 2,4% dos artistas visuais, 1,6% dos fotógrafos e cinegrafistas e 5,8% dos diretores e produtores da Alemanha¹⁴⁸.

Na cobertura internacional dos primeiros anos do Reich, a imprensa desmereceu os discursos dos generais alemães e por um longo período relativizou a importância de dar atenção às mensagens transmitidas pela propaganda nazista. No artigo “Quando Hitler Ameaça”¹⁴⁹, publicado no *New York Times* em 31 de janeiro de 1941, após mais de um ano de guerra, o veículo afirma:

¹⁴⁵ HERF, Jeffrey. “O Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Edipro. 2014, p. 57.

¹⁴⁶ Ibid, p. 57.

¹⁴⁷ Ibid, p. 42.

¹⁴⁸ Ibid, p. 80.

¹⁴⁹ Tradução livre de “When Hitler Threatens”.

Dentro ou fora da Alemanha, ninguém no mundo espera a verdade de Adolf Hitler. Há oito anos ele exerce poder absoluto sobre um povo cuja voz está submersa, como ontem no Sportpalast, pelo clamor mecânico da claqué do Partido. Em todo esse período não houve nenhum precedente que possa provar que ele manterá a promessa ou cumprirá a ameaça. Se podemos extrair alguma garantia de seu histórico, a única coisa que sabemos é que ele não fará aquilo que promete fazer. Por oito anos, ele foi o único e incontestado porta-voz da Alemanha. E hoje, a palavra da Alemanha não tem nenhum valor¹⁵⁰.

¹⁵⁰ New York Times. When Hitler Threatens, 31 de janeiro de 1941. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1941/01/31/archives/when-hitler-threatens.html>>.

4. O fetiche da mercadoria

*“Ser civilizado significa saber que se é potencialmente um bárbaro”*¹⁵¹

A teoria sobre a indústria cultural desenvolvida¹⁵² durante a primeira geração da escola de Frankfurt mostra como a cultura do consumo sobrevive por meio do “alinhamento dos costumes” e da promoção de um pensamento padronizado disseminado para as massas. O que os pesquisadores encontraram, já na década de 1950, são mecanismos de manipulação da vontade que foram melhorados ao longo de todo o século XX. A proximidade das estruturas discursivas nos meios de comunicação de massa com os mecanismos que facilitam a disseminação da ideologia fascista permaneceu, embora o objeto defendido tenha sido substituído e o bode expiatório mudado.

4.1. A expansão da lógica do consumo

Assim como o Colonialismo acompanhou a Revolução Mercantil e o Neocolonialismo a Revolução Industrial, a Globalização acompanhou a Revolução Tecnológica do fim do século XX e início do XXI. Os três momentos marcam as etapas de expansão do modelo de produção capitalista, que culminaram na ascensão de políticas neoliberais pelo mundo a partir da segunda metade do século XX. Nos anos 50, os frankfurtianos já haviam percebido como a lógica das fábricas se expandia para todas as relações da sociedade¹⁵³. Atualmente, podemos dizer que junto a ela, o discurso da propaganda também se expandiu. O avanço tecnológico dos meios de comunicação foi o principal agente responsável por garantir a efetividade dessas mudanças, pois permite não apenas a expansão de mercado como também a construção do imaginário padronizado do corpo social.

Gabriel Tarde¹⁵⁴ identifica a “opinião pública” não como um conjunto de pessoas unidas espacialmente, como nas aglomerações, mas uma coletividade de indivíduos fisicamente separados cuja “coesão é inteiramente mental”. Ao definir o

¹⁵¹ ZIZEK, Slavoj. Sobrevivendo no fim dos tempos. Editora Boitempo, 2012., p. 108.

¹⁵² ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. Paz e Terra, 2009.

¹⁵³ ADORNO, Theodor. Indústria Cultural e Sociedade. Paz e Terra, 2009.

¹⁵⁴ TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. Martins Fontes, 2005, p. 5.

termo, ele faz referência aos meios de comunicação de massa em ascensão na segunda metade do século XX. O rádio, que reinou como principal difusor de ideias para as massas na primeira metade do século, foi gradualmente substituído pela televisão. Desde a popularização da internet na virada do milênio, os conteúdos difundidos pela TV influenciam cada vez menos o debate público e perdem espaço para o que é produzido na internet e reproduzido dentro das redes sociais. A capacidade de disseminar informações de um pólo produtor para um grande número de receptores possibilitou que, com a popularização desses meios, um grande grupo de indivíduos cujas vidas jamais cruzarão o mesmo espaço físico no mesmo momento forme opiniões parecidas.

As transformações que acompanharam o fortalecimento do Estado burguês atingiram a tecnologia, o sistema de produção e o mercado, criando um modelo mundial de atividades econômicas que operam em conjunto e interferem no “estilo de vida, padrões de consumo, divisão social do trabalho e estratificações de classe” do corpo social¹⁵⁵. Como resultado dessas mudanças, houve um processo de intensificação da pobreza, aumento das classes médias e a massificação “de todas as formas de consumo”. As relações que regem a própria burguesia também se modificaram. Após a Segunda Guerra Mundial, a adoção de políticas liberais e de bem-estar social gradativamente perderam espaço para o neoliberalismo. Nesse processo, a teoria capitalista que nasceu após a Revolução Francesa foi repensada, remontada e teve parte de suas premissas esvaziadas¹⁵⁶. Resumidamente, podemos dizer que o primeiro modelo de relação comercial, o “capitalismo competitivo”, contava com espaços para que a burguesia ascendente criasse uma variedade de marcas e produtos. Nesse período, grandes empresas surgiram e cresceram. Aquelas com sede nas grandes potências econômicas, como Ford, Coca-Cola e Marlboro, ganharam mercados que se expandiram para além do país de origem, assim como o poder das famílias que as gerem. Graças a essa expansão, o segundo momento foi marcado pelo “capitalismo monopolista” e a desaceleração da multiplicação das grandes empresas, ao mesmo tempo que as que já estavam estabilizadas se transformaram em oligopólios. A partir daí, as multinacionais

¹⁵⁵ FERNANDES, Florestan. “Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo”. Expressão Popular. 1977. p 20.

¹⁵⁶ Como apresenta a pesquisadora Wendy Brown ao analisar o que os teóricos do neoliberalismo desenvolveram e o que o neoliberalismo, de fato, virou nas últimas décadas. BROWN, Wendy. Nas ruínas do capitalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Editora Politéia. 2019.

passaram a dominar o mercado mundial e a dificultar a entrada de novos competidores, encontrando cada vez menos barreiras territoriais para expandir os mercados da forma como querem. Hoje, a presença dessas grandes empresas está em todos os espaços: um produto produzido na China é vendido na padaria da esquina; as peças de um mesmo celular são moldadas em países diferentes e passam pelas mãos de trabalhadores que provavelmente jamais cruzarão o mesmo espaço do consumidor final.

Ao expandir o mercado para diversos países e vender um mesmo produto em escala mundial, o discurso teve que mudar. Para convencer pessoas de diferentes culturas do valor de uma mercadoria, a propaganda deixou de vender apenas produtos e passou a vender, principalmente, ideologias. Em cada slogan, há modelos padronizados de vida e uma série de pressupostos implícitos que foram desenvolvidos para manter no poder as classes que detêm o controle social. "O que é racional para o capitalismo, o seu fortalecimento e a sua sobrevivência, acaba sendo racional para o homem em geral e para a civilização"¹⁵⁷.

Assim, é por meio da cultura de massa que as premissas que sustentam a sociedade de consumo conquistam o imaginário do corpo social e garantem a aceitação das estruturas dominantes. A partir da propaganda, são criados padrões discursivos que vendem todo tipo de produto: cinema, música, notícias, comidas, roupas, hábitos etc. É assim que as lógicas das fábricas e da propaganda se infiltram em todas as relações humanas. É praticamente impossível escapar da lógica mercadológica quando nada na sociedade de consumo escapa da Indústria Cultural. Algumas das principais consequências disso são a padronização do imaginário do corpo social e um processo gradual de "atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor". Um exemplo recente dessa mudança é o mercado de celulares. Ao se popularizarem nos primeiros anos do século XXI, esses equipamentos estavam disponíveis em modelos com tamanhos, cores e formas variadas. Com o avanço tecnológico e a popularização, os celulares foram gradualmente perdendo as variações até todos assumirem o formato do smartphone.

¹⁵⁷ FERNANDES, Florestan. Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo. Expressão Popular, 1977, p. 23 e 24.

Uma das principais características da indústria cultural é a capacidade de difundir estruturas padronizadas de consumo em que a técnica se sobressai ao conteúdo (técnica, aqui, se refere às técnicas de produção dos modelos padronizados e não à qualidade). É dessa forma que as massas consomem e, implicitamente, absorvem os ideais de vida vendidos e criados pelos donos das grandes empresas por meio da propaganda. Hoje, por exemplo, é quase impossível imaginar uma vida sem celular. Também é difícil manter contatos profissionais e até pessoais quando o sujeito não utiliza aplicativos, como WhatsApp. Conforme essas tecnologias se popularizaram, elas passaram a interferir nos momentos mais íntimos da vida: estão presentes na comunicação íntima entre pessoas, no trabalho e até nos momentos de diversão. Assim, a presença desses produtos, ou seja, de uma empresa que visa lucro, é naturalizada no dia a dia. Nesse contexto, a própria liberdade de escolha serve ao controle “anônimo” das relações vigentes e tudo passa pela indústria, que utiliza a propaganda para criar a vontade – e, ao interferir em ambas as liberdades de escolha e consumo, cria também as necessidades do corpo social.

Dois principais aspectos da Indústria cultural são o culto ao consumo pelo consumo e marcas que vendem padrões de vida junto aos produtos. Essas características, que já existiam em menor escala há 70 anos, se expandiram significativamente ao longo do século. Hoje, o que diferencia o culto a uma marca de qualquer outro fanatismo ideológico? As longas filas de pessoas acampadas em frente às lojas da Apple em semanas de lançamento de novos produtos¹⁵⁸, ou os vídeos quase surrealistas de seres humanos se atropelando para entrar em lojas de departamento na Black Friday. Essas são cenas parecidas com filmes de zumbis, com o mérito de que os zumbis, ao menos, morreram antes de chegarem a tal estado de degradação psíquica. Cenas desse tipo, se substituídas por eventos assumidamente ideológicos, seriam consideradas exemplos de fanatismo; mas deixam de ser vistas dessa maneira quando o objeto cultuado é o próprio consumo. Para as marcas, o estímulo a esse comportamento é vital, uma vez que para vender um mesmo produto em escala mundial é necessário criar uma necessidade comum também em escala mundial. É preciso convencer pessoas das mais diferentes

¹⁵⁸ Ver “How London Reacted To The Launch Of The iPhone X”

<https://www.youtube.com/watch?v=Yflwjg38cyl> e “Black Friday doorbuster deals create chaos in stores” <https://www.youtube.com/watch?v=DDhk6O5TSN0>.

culturas e hábitos de que uma mesma mercadoria pode melhorar a qualidade de vida delas, independentemente de onde vivem. Nesse sentido, quanto mais padronizados forem os mercados consumidores, mais fácil será a venda para as massas.

Como produto, é possível classificar uma variedade (quase infinita) de coisas: celulares, roupas de marca, fast foods, filmes, aplicativos, e até informações e ideais. O termo massas consumidoras, pela própria semântica, diferencia “massas” de “população”: a **massa** está relacionada à cultura massificada que atinge grandes grupos de pessoas e vem de um ou alguns poucos pólos produtores com foco em grandes quantidades de receptores. Ela pressupõe uma estrutura desigual de distribuição; nesse sentido, a palavra **população** está relacionada à cultura popular, ao povo, que tem hábitos e crenças que nascem a partir do próprio corpo social de forma livre e natural.

Na cultura do consumo, o que nasce do popular algumas vezes é apropriado pela indústria, como mostrou Adorno (entretanto, o que escapou ao autor em alguns momentos, como nas análises sobre o jazz, é entender que, mesmo quando absorvida pela indústria, a cultura popular não deixa de existir e nem deixa de ser popular. Isso porque cultura é uma necessidade natural e existe em qualquer ambiente ocupado por seres humanos). Na relação entre demanda e produto, nem todas as necessidades humanas são criações da propaganda e da indústria. O que acontece é que essas necessidades naturais, como as de alimentação, de comunicação e cultural, são usadas pela propaganda para criar outras necessidades ilusórias e não-naturais. Na comunicação de massa, um produto de sucesso é aquele que passa a impressão de suprir as demandas naturais sem deixar transparecer os interesses particulares da empresa que o fornece. Por exemplo, comunicação e expressão são necessidades naturais, mas será que aplicativos como o Whatsapp são suficientes para supri-las? O que a pandemia de COVID-19 deixou claro é que nenhuma tecnologia é capaz de suprir a demanda por contato humano: seja um abraço, um almoço com um amigo ou até uma caminhada por ruas cheias de desconhecidos. O isolamento social de 2020/21 obrigou o mundo a se distanciar abruptamente e, para os mais atentos, a dúvida que surgiu é: até que ponto toda interferência dessa indústria nas relações do corpo social já substituiu outras formas naturais de convívio por tecnologias que simulam o contato, mas são essencialmente incapazes de suprir por completo as necessidades humanas

naturais? Assim como o sistema punitivo demanda um discurso idealista que nem sempre tem relação com a criminalidade factual, os meios de comunicação de massa reproduzem uma ligação com o mundo descolada do que acontece nas relações sociais da vida real.

As tecnologias construídas por conglomerados da comunicação, que não são estruturados sobre qualquer tipo de compromisso social ou transparência, faz com que a própria ideia de liberdade de expressão se torne utopia nesses ambientes. A comunicação dentro de um aplicativo como WhatsApp, redes sociais como Facebook ou Twitter e até em um veículo de imprensa que precisa lucrar e operar dentro da lógica do consumo para sobreviver é qualquer coisa menos livre. Não é possível falar em liberdade de expressão plena em ambientes em que não há liberdade nem para decidir a forma como comunicar: cada aplicativo, rede social ou meio de comunicação de massa exige que os discursos se adequem a um formato pré-estabelecido, seja de texto, foto, vídeo, expressões ou discursos.

Na indústria alimentícia acontece algo parecido e a relação entre necessidade natural e necessidade criada é bastante clara. Todo ser humano precisa se alimentar, mas será que todos precisam se alimentar de um hambúrguer de marca? As 10 maiores redes de fast-food do mundo¹⁵⁹ são de origem norte-americana e nenhuma delas está entre os considerados 50 melhores restaurantes do mundo¹⁶⁰. Se não é qualidade, o que há de tão especial na comida estadunidense que faz com que ela seja consumida em grandes escalas em mais da metade do mundo? A pessoa que compra fast food tendo ao alcance outros alimentos mais baratos e quase sempre mais saudáveis o faz porque consome, junto a um sanduíche, algo que vai além do sabor. É um ritual de compra de um produto que a memória conhece previamente e já atribuiu outros significados formatados a partir da presença constante da propaganda – é mais confortável se manter entre o que já é conhecido do que se arriscar por algo novo e diferente. Com roupas e objetos de marca, o processo é parecido: há quem compre roupas para mostrar que tem poder aquisitivo em um mundo em que ter dinheiro é sinônimo de liberdade e poder. Há quem compre com a ilusão de que aquele produto tem maior qualidade. Os

¹⁵⁹ São elas: Subway, McDonald's, Starbucks, KFC, Burger King, Pizza Hut, Domino's, Dunkin', Baskin Robbins. (Wikipedia).

¹⁶⁰ The World's 50 Best Restaurants 2019: The Full List of Winners. Eater <https://www.eater.com/worlds-50-best-restaurants-awards/2019/6/25/18714984/worlds-50-best-restaurants-2019>.

argumentos que tentam justificar o valor de um produto além do valor do próprio produto são vários. Essa narrativa é necessária porque o único meio de conseguir um alcance de vendas em escala mundial é criando uma máquina de produção de ideais de vida que garantem que os produtos sejam aceitos entre os grupos mais heterogêneos. E, a partir do momento em que um produto conquista um território e cria nele a necessidade de consumo desse produto, abre-se caminho para que outros semelhantes sejam vendidos no mesmo território. Dessa forma, o produto garante não apenas a sobrevivência da empresa que o produz, como também a expansão do ideal de vida implícito.

E o que isso tem a ver com fascismo? No prefácio do livro “Estudos sobre Preconceito”, Horkheimer¹⁶¹ introduz o que os pesquisadores da Escola de Frankfurt haviam descoberto sobre a permanência do pensamento autoritário após a queda do nazismo na Europa. Em uma grande pesquisa de campo, eles descobriram como a lógica fascista sobrevive por meio do estímulo de fraquezas dos sujeitos, que se tornam psicologicamente frágeis em meio à indústria cultural. Segundo eles, esses sujeitos fragilizados acabam adotando como base a opinião disseminada pela propaganda e projetam no objeto externo, naquilo que consideram diferente e estranho, traumas internos gerados pelas contradições da sociedade em que vivem. É a partir daí que o problema se desenvolve. O discurso necessário para vender um produto carrega sempre uma série de premissas que abordam o mundo de maneira rasa, individualista e homogênea, com pouca pluralidade de perspectivas. Com a repetição gradual desse processo ao longo do tempo, sobra cada vez menos espaço para o diferente e o que fica de fora do discurso hegemônico.

Dois comerciais premiados de 2019, ambos da Apple – terceira empresa mais valiosa do mundo em 2020 (US\$ 141 bilhões¹⁶²) e conhecida por vender um estilo de vida – expõem dois dos aspectos levantados até aqui. No comercial ‘Bounce’, desenvolvido pela agência TBWA/Media Arts Lab para vender os fones de ouvido da marca (Airpods), um homem comum caminha para mais um dia monótono de trabalho. O personagem tem a rotina matinal transformada após colocar os fones de

¹⁶¹ HORKHEIMER, Max no prefácio para ADORNO, Theodor W., FRENKEL-BRUNSWIK, Else, LEVINSON, Daniel e STANFORD, Nevitt. *The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series*. 1950.

¹⁶² Este gráfico mostra as 100 marcas mais valiosas do mundo em 2020, Infomoney - 23 de fevereiro de 2020.
<https://www.infomoney.com.br/consumo/este-grafico-mostra-as-100-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2020/>

ouvido da Apple; o som que entra pelo fone o carrega, literalmente, feliz pela cidade, como se estivesse em um musical estrelado por Gene Kelly. Ao longo da propaganda, o homem aparece exageradamente feliz e constantemente se destacando daqueles que estão nas ruas, os tristes mortais sem fones da Apple:

(imagem 16)



(imagem 16) Apple - 'Bounce' 2019 - <https://www.youtube.com/watch?v=S5cY6OQRVoc>

(imagem 17)

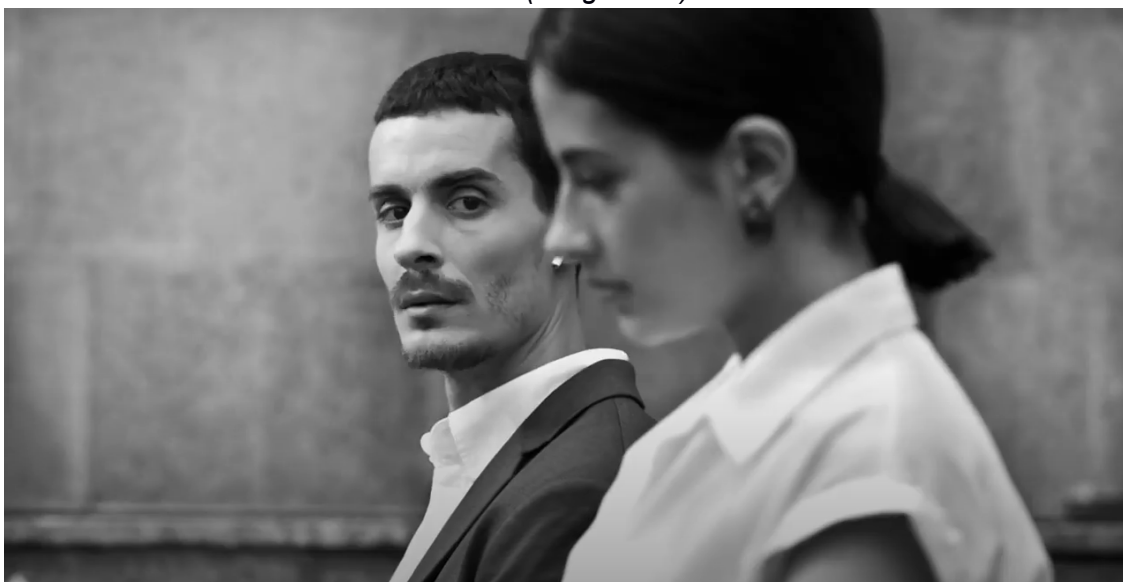


(imagem 17) Apple - 'Bounce' 2019 - <https://www.youtube.com/watch?v=S5cY6OQRVoc>

Subjacente à felicidade exagerada (e delirante) do homem, que parece enfeitado depois de colocar os fones de ouvido, o comercial traz uma segunda premissa: o mundo representado gira em torno do personagem principal, que chega a atravessar no meio de duas pessoas conversando na rua, interrompendo o diálogo

entre elas, e, ao sentar ao lado de uma moça que está lendo um livro e perceber que ela não lhe dava atenção, começa a se jogar na parede tentando obrigar a moça a parar a leitura.

(imagem 18)



(imagem 18) Apple - 'Bounce' 2019 - <https://www.youtube.com/watch?v=SScY6OQRVoc>

(imagem 19)



(imagem 19) Apple - 'Bounce' 2019 - <https://www.youtube.com/watch?v=SScY6OQRVoc>

Um segundo comercial do mesmo ano, 'The Underdogs', também premiado, mostra a equipe de uma empresa preparando um produto novo para tentar vender a um cliente grande. O objetivo desse comercial é apresentar uma série de 'facilidades' que os equipamentos da marca apresentam. O mais interessante é que

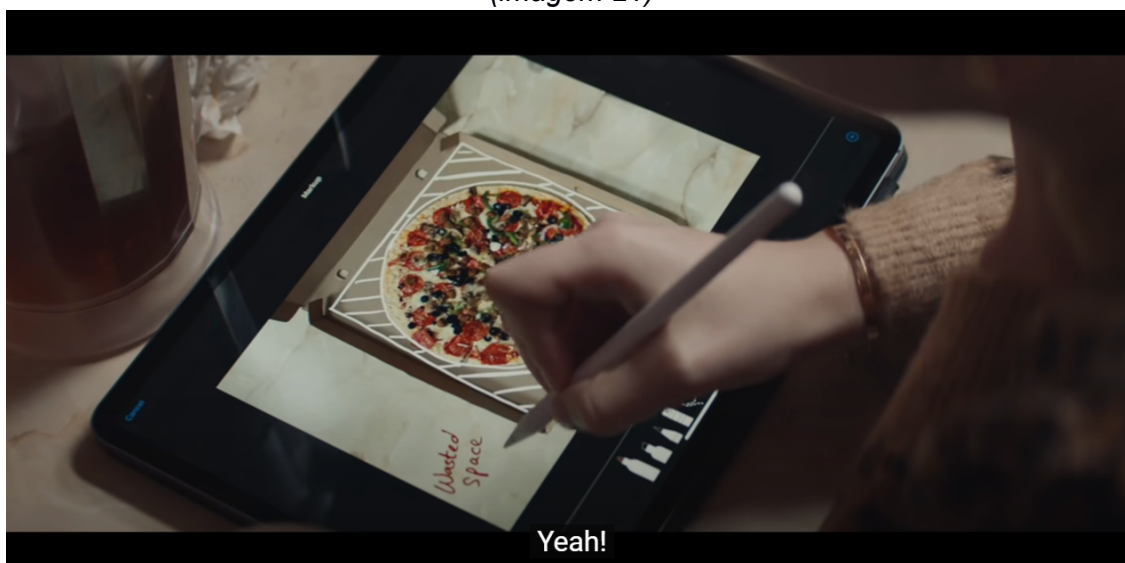
todos os equipamentos apresentados podem ser facilmente substituídos por outros de outras marcas ou até mesmo por um lápis e papel.

(imagem 20)



(Imagem 20) Apple at Work — The Underdogs <https://www.youtube.com/watch?v=G9TdA8d5aaU>

(imagem 21)



(imagem 21) Apple at Work — The Underdogs <https://www.youtube.com/watch?v=G9TdA8d5aaU>

O discurso vazio e individualista e a criação de inúmeros produtos inúteis estão presentes em uma parcela significativa dos comerciais de grandes marcas. Os cenários variam, mas os pressupostos são quase sempre os mesmos: “veja porque é mais interessante comprar meu produto que custa 3 vezes mais ao invés daquele outro”; “ao comprar meu produto, você compra também felicidade/poder/bom gosto/sexo etc.”. É o convencimento a partir da repetição de ideias e do domínio dos desejos do corpo social, ambas características discursivas utilizadas desde o

nazismo – e a mensagem implícita é: o consumo move a vida. “O capital é a substância automobilizadora e autodiferenciadora, um dinheiro-substância tornado sujeito”¹⁶³. O sucesso desses produtos mostra que a tática, de fato, funciona para o aumento das vendas. O problema é que as consequências da repetição desses ideais de vida para o corpo social vão além do aumento do consumo. E quando falamos de grandes empresas da comunicação, como o Facebook e o Google, as consequências podem ser significativamente prejudiciais para a população.

Uma das premissas que acompanha a lógica do consumo é a ideia de que o esforço individual basta para que o indivíduo conquiste tudo aquilo que deseja. É a noção da meritocracia e do Imperativo Categórico de Kant, que se apoia na falsa concepção de que, para que todos encontrem a felicidade e a boa conduta, basta agirem racionalmente. “A insistência sobre a boa vontade é o modo pelo qual a sociedade confessa a dor que produz”¹⁶⁴. Tal noção equivocada da capacidade individual de intervir na realidade é a ideia ilusória vendida junto aos produtos: *you can forget momentarily your frustrations in relation to life and the world by buying these headphones, this hamburger or this brand clothing*. Aceitar esse discurso é uma forma de a população conseguir sobreviver em meio às duras contradições da realidade factual. Entretanto, por meio dele o capitalismo consegue manter massas passivas que acreditam ser capazes de, individualmente, garantir o próprio bem estar. Essa passividade dá ao indivíduo a efêmera sensação de conquista da felicidade ao consumir. Desejar e comprar um produto popular no capitalismo é como tomar um analgésico para uma doença crônica. Para tornar possível o convívio com as contradições de um ambiente hostil e desigual, é necessário ignorá-las.

A própria concepção de liberdade precisa ser vendida parcialmente para que a sociedade acredite na existência de liberdade real dentro do capitalismo. Por exemplo, o discurso majoritário quando o tema abordado é liberdade de movimento, é a ideia de que um país livre é aquele que permite burocraticamente que os cidadãos entrem e saiam dos territórios quando precisam ou querem. Em uma ditadura, por exemplo, considera-se que não há liberdade plena de ir e vir, enquanto uma democracia seria necessariamente livre. Entretanto, a liberdade de movimento no capitalismo não respeita essa ideia porque o que garante a liberdade real é o

¹⁶³ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 178.

¹⁶⁴ ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 51.

poder aquisitivo, não a legislação. Em uma sociedade democrática capitalista, uma família de baixa renda, por exemplo, pode nunca ter dinheiro suficiente para sair do país durante toda a vida¹⁶⁵, nem mesmo fazer uma simples viagem entre estados. Mas, para essa família, o discurso dominante nos meios de comunicação de massa afirma que ela tem total liberdade de movimento – ainda que talvez jamais possa aproveitá-la. A falta de liberdade é ainda mais evidente quando o corpo social percebe alguma desigualdade explícita no dia a dia. Quando o sujeito, por algum motivo, é lesado por alguma instituição estrutural do capitalismo que opera de acordo com a lógica econômica, como uma grande indústria que inflaciona preços de todo um setor ou uma empresa que explora os trabalhadores, a quem ele pode recorrer e pedir ajuda? Ao sistema judiciário, outra instituição construída de acordo com a lógica econômica e operada pelos mesmos agentes que controlam a indústria.

A busca do culpado juridicamente responsável pelos danos faz parte do nosso arcabouço mental legalista; podemos processar (e processamos) as redes de lanchonetes como se fossem responsáveis pela obesidade de seus fregueses, e circulam ideias sobre indenizações pela escravidão, como se fossem devidas há muito tempo. Essa *reductio ad absurdum* deixa claro o que está fundamentalmente errado nessa lógica: ela não é radical demais, mas insuficientemente radical. O verdadeiro desafio não é cobrar uma indenização dos responsáveis, mas mudar a situação de modo que eles não tenham mais condições de causar dano (ou de exercer atividades que causem danos)¹⁶⁶.

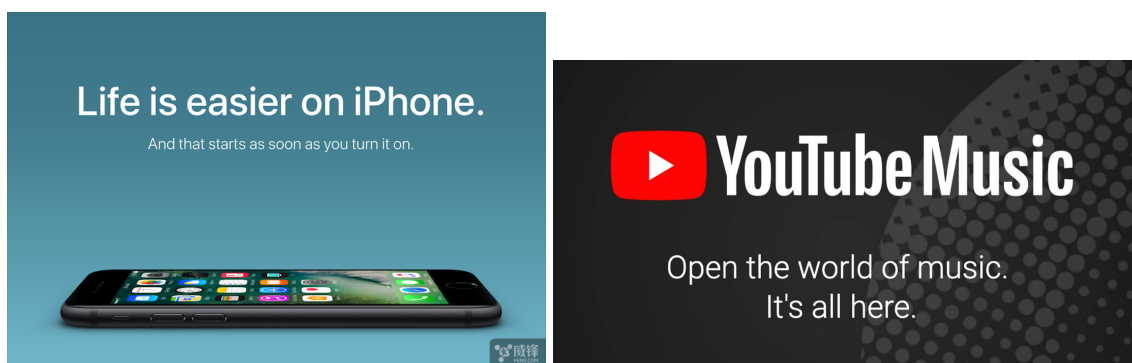
Contrastes como esse, entre discurso e realidade, se expandem para todas as esferas do cotidiano. A leitura imediatista e descolada da realidade e da liberdade está presente em várias situações: você pode comer o que quiser (contanto que tenha dinheiro para comprar a comida que quer); você pode se vestir da forma que quiser (contanto que tenha dinheiro para comprar a roupa e que a roupa esteja à venda); você pode ter a vida que quiser (mas se não tiver uma fonte de renda e não seguir uma série de comportamentos, estará fadado a viver marginalmente). “Ser livre, no capitalismo, significa morrer de fome”, diz Adorno. A leitura imediatista das relações sociais obscurece as limitações subpostas e assim a ilusão de liberdade é

¹⁶⁵ Segundo uma matéria da InfoMoney de 2010, 8,7 milhões de brasileiros pretendiam viajar de avião pela primeira vez na vida nos 12 meses seguintes.
<https://www.infomoney.com.br/amp/noticia/1917469/cerca-milhoes-brasileiros-das-classes-pretendem-viajar-aviao>

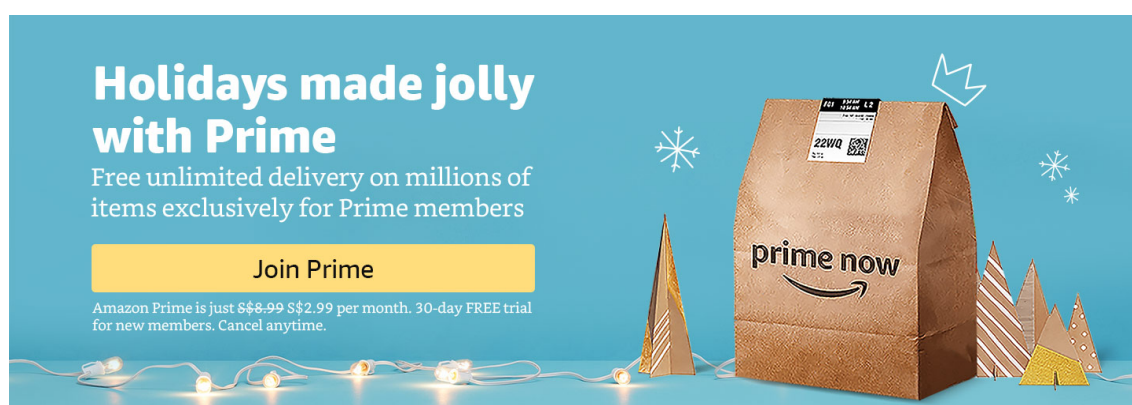
¹⁶⁶ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 308.

construída no capitalismo: imprensa livre, mercado livre, pensamento livre, linguagem livre. Quando nada foge das relações de consumo, a própria concepção de liberdade é construída pela lógica dessas relações. Assim, multiplicam-se propagandas que tentam convencer o consumidor de que o produto garante o bem estar, a felicidade, a facilidade, a praticidade e a liberdade.

(imagens 22 e 23)



(imagem 24)



(imagem 25)



(imagens 21, 22, 23 e 24) Propagandas recentes das 4 marcas (em ordem) mais valiosas do mundo em 2019: Apple, Google, Amazon e Microsoft. Todas relacionam seus produtos com a ideia de alcançar uma vida melhor através da compra da mercadoria.

4.2. As mudanças da relação entre público e propaganda

A propaganda, atualmente, não se limita aos formatos tradicionais de venda que foram populares no século passado, como comerciais na TV, *outdoors* e anúncios em jornais ou sites. Ao longo do século XX, ela expandiu a própria forma de convencimento e apresentação, adaptou-se às mudanças das décadas e hoje está enraizada na sociedade promovendo produtos por meio, principalmente, de ideais de vida. Ela alcançou todas as esferas do cotidiano: está nos espaços de lazer, como shoppings e cinemas, nos ambientes de trabalho, como computadores, e em casa, nas TVs, celulares e na indústria do entretenimento. A lógica mercadológica está impregnada nos filmes, nas notícias, na música, na literatura e, principalmente, nas redes sociais.

Hoje, uma parte significativa do corpo social age como se, para que algo tenha vida, precise ser apresentado para o mundo via redes sociais. O estímulo a essa relação com o real é criado pelos donos dessas plataformas para garantir que os usuários continuem utilizando o produto. Antes da internet, essa demanda por autoexposição também existia em menor escala, estava presente na relação entre público e representantes da cultura pop, por exemplo, no sonho de se tornar famoso e na paixão pelos ídolos. Figuras públicas como Marilyn Monroe, Elvis Presley e Carmen Miranda eram verdadeiras marcas em forma humana, que vendiam estilos de vida acima de tudo. Eles tinham o rosto, corpo e comportamento vendidos como ideais. Porém, para a maioria das pessoas, ser famoso naquele momento era inacessível, uma vez que aparecer nos meios de comunicação de massa era algo restrito a uma parcela pequena da população e os filtros para entrar nessa indústria eram muito mais seletivos. A ideia de ser famoso e a forma como o corpo social compreende os aspectos da vida como mercadoria são frutos da interferência da propaganda.

O que diferencia uma pessoa famosa da pessoa comum é simplesmente a capacidade de tornar a própria vida pública. Com a popularização da internet e a criação das redes sociais, essa capacidade de se tornar público ficou ao alcance de todos. Entretanto, como já foi escrito, a comunicação dentro dessas tecnologias não dá conta da necessidade humana natural de diálogo, e a forma como é feita nesses espaços virtuais não é livre. Isso porque não se trata de contar para pessoas

próximas, de forma espontânea, como está a vida, mas de anunciar para todos, amigos, conhecidos e até desconhecidos, um recorte do dia a dia transformado em propaganda. Nas redes sociais, o sujeito se apresenta como gostaria de ser visto e produz conteúdos que transformam a própria vida em mercadoria. Seja algo bom ou ruim, tudo que é retratado sempre passará por um processo de edição e publicização, que pode ser maior ou menor, mas que nunca chegará a ser a reprodução exata do real.

O problema que surge é que essas redes sociais tentam ocultar os processos e filtros que existem entre a compreensão da realidade e o conteúdo exposto online. Esse processo de obscurecer as estruturas subpostas debilita a capacidade do sujeito de entender as informações publicadas como representações editadas de algo e não como o próprio real. E, diferentemente do cinema, TV e rádio, essas plataformas conseguem passar a impressão de realidade de forma muito mais efetiva. Isso acontece porque nelas cada sujeito se torna produtor de conteúdos e conhece outros produtores de conteúdos, ao contrário da relação distante entre consumidor e produtor que existia nos meios de comunicação de massa anteriores. Essa nova relação passa a impressão de que o público sempre estará próximo do produtor do conteúdo. Além disso, ao exporem a própria vida, comportamentos e ideias, os próprios usuários se transformam em produto, e se no mundo capitalista produtos são capazes de tornar a vida melhor, **ser** um produto é a prova definitiva de felicidade.

Nas redes, cada aspecto simples da vida pode ser transformado em propaganda e todo o mundo é analisado a partir da lógica do consumo. Mas essa necessidade de existir nas plataformas demanda a criação de uma personalidade que dê vida à vida online e, com o tempo, essa relação deforma a capacidade do sujeito de diferenciar a vida vivida no mundo real do que é recebido dentro das redes sociais. Para uma parcela da sociedade, o registro da experiência se tornou mais importante do que a própria experiência e a distinção entre mundo real e ambiente virtual deixou de ser clara.

(Imagem 25)



(Imagem 25) Turistas no Louvre “apreciando” a Monalisa. Foto: Babak Tafreshi

A incorporação da internet nos processos de produção de conteúdo de todos os meios de comunicação deu origem ao **telespaço público**¹⁶⁷. Nele, a dinâmica entre razão e opinião pública se torna ainda mais complexa porque agora, para que algo seja compreendido como relevante, precisa ser transformado em imagem. Essa transformação não está somente relacionada à gravação de um filme ou ao registro de uma fotografia, mas à modificação de qualquer acontecimento, vivido ou não, em conteúdo divulgado nas redes sociais¹⁶⁸. Ao ser transformado em imagem, o objeto

¹⁶⁷ BUCCI, Eugênio. **Ubiquidade e instantaneidade no telespaço público**: algum pensamento sobre a televisão. Revista Caligrama. Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia, 2006.

¹⁶⁸ “YOUR BORING, EVERYDAY LIFE BELONGS ON SOCIAL MEDIA”. Disponível em: <https://www.wired.com/story/your-boring-everyday-life-belongs-on-social-media/>

retratado sempre se descolará da verdade factual que o originou, porque a compreensão de um acontecimento depende de todo o conjunto de fatores, pensamentos e pequenas percepções que o envolvem e que são impossíveis de serem reproduzidos pelos meios de comunicação. Cada uma das reproduções feitas em qualquer rede social distribui os conteúdos com uma série de filtros que selecionam e modelam a realidade, desde o momento do registro do fato até o compartilhamento. Não são as plataformas que se adaptam aos conteúdos, mas o contrário. Dessa forma, esse teleespaço público que só existe com a presença de aparelhos tecnológicos é mais controlável e moldável quando comparado ao espaço público real.

Foi por meio da capacidade de alcançar um grande número de usuários e de trazer uma maior aparência de realidade que as empresas de comunicação se tornaram potências econômicas internacionais. Em 2020, a Apple foi a empresa mais valiosa do mundo, enquanto o Google, dono do YouTube, foi a 4^a¹⁶⁹. Em julho de 2021, o Facebook atingiu US\$1 trilhão de valor de mercado após vencer uma acusação na corte norte-americana de formação de truste¹⁷⁰, se juntando a Apple, Amazon e Microsoft¹⁷¹ no grupo das empresas trilionárias.

Quando comparado com o dos meios de comunicação de massa anteriores, o poder de penetração dessas redes no corpo social é muito maior. As multinacionais da comunicação cresceram até se tornarem as maiores empresas do planeta. Das 10 marcas mais valiosas em 2020¹⁷², 7 estão relacionadas de alguma forma à indústria da comunicação.

As 10 marcas mais valiosas do mundo em 2020:

Posição	Marca	Valor (em US\$ bilhões)
---------	-------	-------------------------

¹⁶⁹ Forbes: <https://forbes.com.br/listas/2020/07/as-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-2020/>

¹⁷⁰ BARTZ, Diane. Facebook hits \$1 trillion value after judge rejects antitrust complaints. **Reuters**, julho de 2021. Disponível em:

<<https://www.reuters.com/technology/us-judge-tells-ftc-file-new-complaint-against-facebook-2021-06-28/>>. Acesso em 28.ago.2021.

¹⁷¹ Redação Poder360. Facebook é 5ª empresa a atingir marca de US\$ 1 trilhão de valor de mercado. **Poder360**, julho de 2021. Disponível em

<<https://www.poder360.com.br/midia/facebook-e-5a-empresa-a-atingir-marca-de-us-1-trilhao-de-valor-de-mercado/>>. Acesso em 28.ago.2021.

¹⁷² "The World's Most Valuable Brands" - FORBES. Disponível em:

<https://www.forbes.com/the-worlds-most-valuable-brands/#10db2d54119c>

1°	Apple	241,2
2°	Google	207,5
3°	Microsoft	162,9
4°	Amazon	135,4
5°	Facebook	70,3
6°	Coca-Cola	64,4
7°	Disney	61,3
8°	Samsung	50,4
9°	Louis-Vuitton	47,2
10°	McDonald's	46,1

Ao operarem em escala mundial, essas empresas construíram mecanismos de difusão de ideias de alcance inédito. Pela primeira vez na história, uma única empresa tem capacidade de atingir tantas pessoas ao mesmo tempo. Somente o Facebook tem mais de 2,7 bilhões de usuários que conversam, se informam, estruturam opiniões e compartilham informações pessoais dentro dos formatos e limites criados pela própria rede. O YouTube tem 2,2 bilhões de usuários, o Instagram tem 1,2 bilhão, o TikTok tem 689 milhões e o Weibo, 511 milhões.

Por interferir na forma como tantas pessoas se comunicam, essas plataformas têm a capacidade de modelar a formação da opinião pública em diversos países ao mesmo tempo e utilizando estruturas discursivas semelhantes. Com uma parcela significativa do corpo social utilizando maciçamente um meio desenvolvido para gerar lucro para grandes empresas, as formas padronizadas de compreensão da realidade criadas a partir da lógica da propaganda se expandem mais facilmente.

A transformação de empresas de comunicação em potências econômicas ocasionou uma série de mudanças na organização do pensamento coletivo. Para o corpo social¹⁷³, essas transformações tiveram duas principais consequências. A produção de conteúdo nos meios se tornou mais acessível à população em geral porque o suporte técnico necessário para criar na TV ou rádio não é comparável

¹⁷³ Massas significam grandes grupos de pessoas. É importante destacar aqui que não há recorte de classe ao tratar da opinião pública das massas, uma vez que os meios de comunicação são operados e organizados pelas camadas mais ricas e o discurso disseminado atinge a população de forma bastante parecida – embora as consequências desse modelo de difusão para as diferentes classes sociais sejam, quase sempre, antagônicas.

com a facilidade da internet. Paralelamente, as maiores empresas de comunicação se transformaram em multinacionais e hoje dominam o mercado mundial – dos meios de comunicação às grandes marcas. Em 2021, as Bigtechs detêm um terço do valor do mercado de serviços bancários¹⁷⁴ e as Big5, Google, Apple, Amazon, Facebook e Microsoft valem, juntas, US\$ 9,3 trilhões¹⁷⁵. Isso significa que, quem quiser chegar ao grande público, precisa falar a linguagem imposta por empresas como o Google, Apple e Facebook. Dessa forma, apesar de ser mais acessível, o ambiente de debate online criado tem o formato muito mais determinado, difícil de ser mudado ou contestado e com maior potencial de modelar a formação da opinião de milhões de pessoas simultaneamente.

4.2.1. Espaço para reflexão

A comunicação não acontece de forma imediata. Ao assistir a um filme, ler uma notícia, visitar um museu, não é possível decodificar as informações por completo apenas no período de contato físico ou espacial com o objeto que comunica. A maneira como algo é compreendido depende do momento de observação e vivência junto ao objeto, mas também do conhecimento prévio, de o sujeito estar mais ou menos aberto para a percepção, do ambiente em que o contato acontece e da reflexão. As informações trocadas entre objeto emissor e receptor, isoladamente, têm efeito apenas de troca de códigos já conhecidos por ambos. Por exemplo, se o ambiente em que a troca de informação acontece mudar drasticamente, a forma como a mensagem é compreendida também muda. Isso acontece porque são os 5 sentidos somados à memória e aos conhecimentos de mundo que servem como base para construir a compreensão. No audiovisual, há inúmeros experimentos que trabalham as pequenas percepções em relação ao som, cores, enquadramento e conhecimentos prévios. O designer de sons Walter Murch, que trabalhou com

¹⁷⁴ MOURA FÉ, Ana Lúcia. Bigtechs detêm um terço do valor do mercado. Valor Econômico, São Paulo, 30.jul. 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/publicacoes/suplementos/noticia/2021/07/30/big-techs-detem-um-terco-do-mercado.ghtml>>. Acesso em 28.ago.2021.

¹⁷⁵ OVIDE, Shira. Big Tech Has Outgrown This Planet. **New York Times**, Nova York, 29.jul. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/07/29/technology/big-tech-profits.html>>. Acesso em 28.ago.2021.

Francis Ford Coppola e Anthony Minghella, em 1995 escreveu¹⁷⁶ sobre a capacidade dos meios de manipular a percepção e destacou o papel do som no cinema:

O perigo do cinema atual é que ele pode sufocar seus temas por sua própria capacidade de representá-los: ele não possui as válvulas de escape embutidas da ambigüidade (moniselitteisyys) que a pintura, a música, a literatura, o drama radiofônico e o filme mudo em preto e branco automaticamente têm simplesmente em virtude de sua incompletude sensorial – uma incompletude que envolve a imaginação do espectador como compensação pelo que é apenas evocado pelo artista. Em comparação, no filme parece estar "tudo lá" (não está, mas parece estar) e, portanto, a responsabilidade dos cineastas é encontrar maneiras dentro dessa completude de se abster de alcançá-la.

Para tanto, o uso metafórico do som é um dos meios mais frutíferos, flexíveis e baratos: escolhendo cuidadosamente o que eliminar e, em seguida, adicionando sons que à primeira vista parecem estar em desacordo com a imagem que o acompanha, o cineasta pode abrir um vácuo perceptivo para o qual a mente do público inevitavelmente se precipitará.

Como resultado, o filme se torna mais 'dimensional'. Quanto mais dimensional é, mais impacto tem no espectador, mais parece falar com cada espectador individualmente (...)¹⁷⁷

Quando afirma que o cineasta pode “abrir um vácuo de percepção, o qual a mente do público inevitavelmente preenche”, Murch fala sobre como as percepções de pessoas diferentes podem, consciente e inconscientemente, fazer interpretações distintas a partir de um mesmo código. Isso acontece porque são as referências da memória e do consciente que direcionam a forma como determinada informação será decodificada. É dessa forma que, ao trabalhar por meio de estruturas discursivas padronizadas e repetitivas, a indústria cultural interfere na memória do corpo social. Essa capacidade de interferência tem uma característica de retroalimentação, uma vez que, para existir qualquer forma de comunicação, é

¹⁷⁶ MURCH, Walter. Sound Design: The Dancing Shadow. In **Projections 4: Film-makers on Film-making**.

¹⁷⁷Tradução livre de: “The danger of present day cinema is that it can suffocate it's subjects by its very ability to represent them: it doesn't possess the built in escape valves of ambiguity (moniselitteisyys) that painting, music, literature, radio drama and black and white silent film automatically have simply by virtue of their sensory incompleteness - an incompleteness that engages the imagination of the viewer as compensation for what is only evoked by the artist. By comparison, film seems to be 'all there' (it isn't, but it seems to be), and thus the responsibility of filmmakers is to find ways within that completeness to refrain from achieving it.

To that end, the metaphoric use of sound is one of the most fruitful, flexible and inexpensive means: by choosing carefully what to eliminate, and then adding sounds that at first hearing seem to be somewhat at odds with the accompanying image, the film maker can open up a perceptual vacuum into which the mind of the audience must inevitably rush.

As a result the film becomes more 'dimensional'. The more dimensional it is, the more impact it has on the viewer, the more it seems to speak to each viewer individually(...)”

necessário que haja certo grau de empatia e proximidade entre o que comunica e o que recebe a informação. Assim, quanto mais acostumados a receber e ler determinados códigos, mais fácil a absorção da informação passada. Por exemplo, a comunicação com alguém que fala a mesma língua é mais fácil do que entre pessoas que falam idiomas diferentes. Dentro da mesma língua, a comunicação é mais fluida entre sujeitos que convivem nos mesmos espaços, usam os mesmos termos e vivem realidades parecidas. Em qualquer meio de comunicação, a mensagem só consegue ser decodificada pelo receptor se, em maior ou menor grau, a informação se apoia em algum registro ou representação da realidade para o sujeito que recebe. Essa empatia também pode ser construída por meio do convívio, seja entre duas pessoas ou entre o sujeito e o meio de comunicação. Nesse cenário, o problema surge quando há pouca opção para o sujeito de não conviver e receber diariamente os códigos e discursos das tecnologias dos meios de massa. Assim, na internet, a comunicação acontece de duas formas, uma intencional, quando o público busca ativamente por uma informação, ou pela força do hábito, quando o convívio com os meios faz com que os indivíduos recebam as informações passivamente e sem espaço para a reflexão.

Bergson¹⁷⁸ pontua a relação entre a **afecção** e a **percepção**, explicando que o primeiro engloba o potencial de uma pessoa estar aberta e receptível para ser atingida pelo que é emitido por outro corpo – que pode ser outra pessoa, um filme, uma obra de arte, as redes sociais etc. O grau de afecção no momento da percepção interfere diretamente na forma como os códigos serão recebidos. Uma percepção sem afecção é caracterizada por indivíduos que já não compreendem um objeto apenas a partir dos códigos por ele emitidos. Nesses casos, a percepção está “contaminada”, e a forma como o sujeito compreenderá já não está relacionada apenas aos códigos transmitidos. Ao receber uma mensagem sem a presença das afecções¹⁷⁹, a compreensão da informação tende a ser deformada, criando uma espécie de percepção “impura”. Assim, o grau de emoção no momento de recepção tende a dificultar a capacidade do sujeito de compreender algo apenas a partir do que está sendo transmitido.

¹⁷⁸ BERGSON, Henri. **An introduction to metaphysics**. Disponível em: <<https://archive.org/details/anintroductiont00berggoog/page/n16>>. Acesso em 5.set.2021.

¹⁷⁹ O que Bergson classificava como a interferência da intuição.

4.3. O telespaço público e a instância da imagem ao vivo

A instantaneidade e o “estar-ao-vivo”, características do telespaço público¹⁸⁰, interferem na percepção e na capacidade de compreensão do mundo devido ao excesso de informações repassadas de forma rasa e à aparência simulada de real.

O estar-ao-vivo não se esgota com o esgotamento do fato a que se refere, mas tem a propriedade de poder expandi-lo. A imagem que perdura no ar faz perdurar o acontecimento num estado de acontecendo, um estado temporal elástico. O "ao vivo" se refere ao fato e à sua simultaneidade com sua própria cobertura, ou seja, com a sua representação e o seu registro pela imagem eletrônica. Mas o fato, aí, entra apenas como aquilo a que se refere a imagem ao vivo. O ao-vivo é um atributo dessa imagem, mais que do fato. Diz-se dela que está ao vivo quando ela, tecnicamente, promove a conexão instantânea e imediata entre o público e o fato em acontecendo. Para além da imagem em questão, ou das imagens que eletronicamente promovem essa conexão específica, o "ao vivo" já não se refere ao fato e nem à imagem do fato em acontecendo, mas se ergue como uma instância abstrata. Esta, esta sim, é uma instância em permanência, ininterrupta, total. Uma imagem ao vivo em particular pode ser efêmera, breve ou duradoura, marcante ou irrelevante, mas a instância da imagem ao vivo é perene. A instância da imagem ao vivo é o altar da verdade factual possível, o seu plano mais algo e mais irrecorrível de registro, é o portal por onde a natureza ingressa na cultura, por onde o real se veste de imaginário, o livro em que dão entrada aqueles, aquelas e aqueles que irão adquirir existência simbólica. A instância da imagem ao vivo abraça a totalidade do "agora" por sobre a totalidade do espaço. Ela não se apaga, não se desliga, não pisca. É uma instância que, para além de evento determinado, determina a totalidade dos eventos. O que está no ar, ao vivo, não são os acontecimentos, mas a instância na qual eles têm lugar. A televisão assim existe como o palco do mundo – e não é o mundo, mas o palco do mundo, quem existe ao vivo¹⁸¹.

Na internet, essa instância pode ser potencializada:

A instância da imagem ao vivo inclui e potencializa o que se chama de "on line". Ela reordena o espaço público e funda um novo, o telespaço público. Aí, a televisão em suas múltiplas possibilidades tecnológicas – a televisão pelo computador, a televisão digital, via satélite, a cabo ou aquela que trafega nas ondas eletromagnéticas – é uma entidade única e, não obstante, contida em muitas. A integração do planeta pela informação on-line é apenas uma das dimensões possíveis do mundo que aflora diante de si mesmo pela

¹⁸⁰ BUCCI, Eugênio. **Ubiquidade e instantaneidade no telespaço público**: algum pensamento sobre a televisão. Revista Caligrama. Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia, 2006.

¹⁸¹ BUCCI, Eugênio. **Ubiquidade e instantaneidade no telespaço público**: algum pensamento sobre a televisão. Revista Caligrama. Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia, 2006.

instância da imagem ao vivo. As redes múltiplas compostas pela Internet, pelos canais interativos de TV, ou mesmo pelas junções desses recursos com novos sistemas de telefonias constituem a disseminação multifacetada da instância da imagem ao vivo¹⁸².

A sensação de urgência gerada pelo aprimoramento da capacidade de reprodução ao vivo, ou quase ao vivo, teve duas consequências principais. A primeira foi permitir que as pessoas conseguissem se conectar às diversas partes do mundo em poucos segundos. A segunda foi o surgimento de uma demanda por conectividade ininterrupta, tanto para receber novas informações quanto para compartilhar. As relações de trabalho, por exemplo, não estão mais condicionadas apenas ao ambiente da empresa ou instituição, elas se expandiram para a internet e podem acompanhar os trabalhadores em qualquer lugar.

Um estudo¹⁸³ ganhador do prêmio Nobel analisou a diferença entre o que se classificou como **pensamento rápido** e **pensamento lento**. Ao receber e processar uma informação de forma rápida, o cérebro se comporta reativamente e tende a utilizar as compreensões intuitivas que recorrem à memória ou aos formatos de entendimento que a pessoa já está acostumada a utilizar. Nesse caso, a chance de aprender algo novo ou reavaliar um pensamento pré-existente é menor. Somado a isso, o maior grau de afeto (como na afecção de Bergson) no momento da recepção também aumenta a possibilidade de deformar a informação recebida. Em contrapartida, a recepção lenta e gradual de uma informação acaba exigindo maior atenção, o que permite e estimula a reflexão do que está sendo absorvido. Entretanto, os cientistas afirmam que a tendência humana é recorrer à percepção rápida em detrimento da forma mais lenta e complexa¹⁸⁴. Assim, sem garantir que existam sempre estímulos para o pensamento lento, é certo que a maioria das pessoas receberá a informação de forma passiva e irreflexivamente. O que podemos concluir é que o tempo de incubação¹⁸⁵ de uma informação após ela ser recebida

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos; Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases - Science, New Series, Vol. 185, No. 4157. (Sep. 27, 1974), pp. 1124-1131.

¹⁸⁴ A justificativa dada por Kahneman e Tversky para a tendência pela percepção rápida é que a necessidade de armazenamento de energia como instinto de sobrevivência acompanhou a humanidade durante a evolução. Entretanto, é difícil saber se de fato essa tendência prevaleceria em outro modelo de sociedade construído. O imediatismo não nasceu com o advento da internet, ele é anterior a isso e apenas foi potencializado pelos novos meios de comunicação. Uma vez que esse foi o universo estudado pelos pesquisadores, não temos como saber se a opção pelo pensamento rápido se manteria em outro modelo de sociedade.

¹⁸⁵ MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou Mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.

garante um maior ou menor grau de compreensão. O cérebro precisa maturar o conjunto de informações recebidas para poder ter chance de escolher como lidar com elas e absorvê-las de forma saudável e livre. Estar apto para compreender algo novo e descongelar o pensamento é uma capacidade que pode ser estimulada e aperfeiçoada com o tempo e, da mesma forma, pode ser debilitada. Assim, a limitação de forma e a instantaneidade fazem com que as informações tendam a ser absorvidas e incorporadas de forma passiva e sem tempo de reflexão, limitando a liberdade do receptor de escolher como absorvê-las.

A mudança da relação entre meios de comunicação de massa e público impactou significativamente a produção e o consumo de notícias. A linguagem do noticiário se tornou um dos principais agentes modeladores da opinião pública, principalmente por estar presente em todos os tipos de ambientes e carregar consigo uma impressão de real. Todas as pessoas se informam, seja o dono de uma multinacional ou o sem teto que mora debaixo do viaduto. Alguns acompanham as notícias mais avidamente, outros menos, alguns vão atrás de informações nas quais podem confiar, outros se informam só por aquilo que chega até eles. Seja por via direta ou indireta, para saber o que acontece além dos ambientes que frequentam, todos dependem dos meios de comunicação. Paralelamente, assim como qualquer produção dentro da indústria cultural, os veículos de imprensa também operam na lógica do consumo. Nas notícias, a propaganda está presente no maior ou menor grau de sensacionalismo, ferramenta que trabalha diretamente as emoções e o afeto. A manipulação do exagero, do desconfortável e do pitoresco tem a capacidade de segurar a atenção da audiência. O resultado dessa relação assume a forma de um forte mecanismo de construção de mundo que intensifica as emoções sem necessariamente se apoiar na verdade factual ou no racional. E, em momentos de crise política, quando as tensões sociais se tornam mais latentes, essa indústria intensifica o “modus operandi” e aumenta a carga emotiva dos discursos:

Deixando o posicionamento ‘distanciado’, acima dos conflitos, para assumir deliberadamente um papel estratégico nas transformações políticas e ideológicas da sociedade. Ela abandona os argumentos racionais e opera diante do leitor, do ouvinte, do telespectador ou do usuário da internet com pensamentos prontos, estereótipos, ideias pré-formadas, buscando, com isso, usar recursos míticos e mágicos

da linguagem, que funcionam como blocos prontos de definições e opiniões¹⁸⁶.

Nesses contextos, há um forte apelo emotivo na visão de mundo apresentada, que muitas vezes se aproxima de narrativas ficcionais maniqueístas com universo discursivo dividido entre símbolos do bem e do mal. O discurso é apresentado como uma espécie de fé cega que estimula o pensamento rápido, a recepção acrítica, polariza conceitos e distorce ou simplifica a realidade. Um dos resultados desse processo é a intensificação de sentimentos inflamados que dificultam o pensamento lento e produzem um “clima” que acarreta o fechamento do universo discursivo. Ele penetra no corpo social e atinge o pensamento, a linguagem, a percepção, a vontade e as sensações.

A capacidade dos meios de comunicação de massa de modelar a forma como o corpo social compreende a realidade fica mais clara em situações de violência, que tendem a estimular emoções e afeto, indo em sentido contrário ao ambiente necessário para o pensamento lento. Por exemplo, ao realizar uma reportagem sobre um crime específico que aconteceu em um determinado local, cria-se uma história, um universo e uma sensação relacionados àquela região. Para quem não vive nesse lugar, todo conhecimento sobre ele foi criado pelo meio de comunicação que transmitiu a mensagem. Assim, ao ambiente é vinculada a ideia de um segundo espaço criado e que não necessariamente corresponde à realidade. Esse mesmo processo de criar uma sensação e construir um clima por meio do compartilhamento de determinadas informações de forma rasa pode ser aplicado a pessoas, objetos, regiões, costumes, crenças, hábitos etc. Processos assim acontecem diariamente nas mídias: relacionando determinados tipos de crime a certos grupos de pessoas ou regiões; ao hipertrofiar características parecidas de fatos diferentes e aproximar acontecimentos distintos sem relação entre si; ao relacionar comportamentos de pessoas a acontecimentos sem que exista relação factual entre eles.

Uma sequência de pesquisas realizadas pelo *The Associated Press-NORC Center for Public Affairs Research*¹⁸⁷ sobre consumo de informações pela geração *Millennial* (nascidos entre os anos de 1980 e 1990, primeira geração cuja formação

¹⁸⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. Excurso Mediológico: Fake News, o contínuo mediático atmosférico e a nova era do jornalismo. In: **Comunicologia ou Mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.

¹⁸⁷ The Associated Press-NORC Center for Public Affairs Research - News and Midia
<http://www.apnorc.org/projects/Pages/Projects%20and%20Programs/news-and-media.aspx>

teve grande influência das novas tecnologias), mostrou que, na internet, as pessoas tendem a acompanhar mais as notícias. Entretanto, a forma como essas notícias chegam até esses novos consumidores é muito diferente do que acontecia nas gerações anteriores. O estudo encontrou quatro perfis principais de leitores de notícias¹⁸⁸:

Solto: recebem as informações via círculo social, principalmente por meio das redes sociais. As notícias surgem na tela e, a partir daí, o interesse em ler aparece. “Assuntos novos envolvendo a comunidade ou o mundo não ocupam interesse central no dia a dia”. Esse perfil engloba principalmente os mais jovens, entre 18 e 24 anos.

Explorador: estão amplamente conectados, têm maior interesse em consumir notícias e até pagar por elas. “São motivados pela crença nos benefícios sociais e cívicos gerados ao acompanhar as notícias”. Esse perfil engloba a mesma faixa etária do anterior, de jovens entre 18 e 24 anos.

Distraído: não têm o hábito de usar notícias para fins sociais e costumam esbarrar nas informações online e, a partir disso, consumi-las. Se informam principalmente através das redes sociais, mas tendem a ler menos notícias que os perfis anteriores e costumam acompanhar mais veículos que tratem de assuntos relacionados ao trabalho que possuem. Esse perfil é caracterizado por millennials mais velhos, entre 25 e 34 anos.

Ativistas: procuram se informar ativamente. É formado por pessoas racialmente e etnicamente diversificadas, sendo o único grupo com maioria não-branca. “Eles adquiriram experiência suficiente no mundo para se preocupar com certas questões, e estabilidade suficiente para gastar tempo e energia com elas”. Esse perfil também engloba millennials mais velhos, entre 25 e 34 anos.

Com a popularização da internet, o consumo de notícias passou a depender das redes sociais. Hoje, qualquer veículo jornalístico que queira sobreviver ao mercado precisa considerar a própria atuação no ambiente digital na hora de traçar as estratégias de atração de público e investidores. Mas esses meios apresentam novos desafios, como a disputa pela atenção dos usuários em meio a todo tipo de conteúdo e à presença dos algoritmos. “Agora, as notícias circulam segundo os

¹⁸⁸ “Breaking down the millennial generation: a typology of young news consumers” - The Associated Press-NORC Center for Public Affairs Research - News and Media
<http://www.mediainsight.org/PDFs/Typology/MillennialTypologyFinal.pdf>

ditames do entretenimento, que se orientam exclusivamente por fontes pulsionais, sem as mediações da razão”¹⁸⁹. Nessas plataformas, informação, propaganda, opinião e ficção são publicados nos mesmos espaços e apresentados em formatos parecidos. Nelas, todo usuário é autor, as análises pessoais se misturam com as notícias da imprensa e têm direito a ocupar o mesmo espaço na tela do computador, assim como as propagandas. Nesses novos meios de comunicação de massa, todos se tornaram produtores de conteúdo em um ambiente sem linha editorial, editor ou revisor, onde não é necessário prestar contas e não há regulamentação. Nem mesmo o usuário que cria e compartilha conteúdo precisa existir na vida real para existir online. E todo esse ambiente é construído para passar de forma mais intensa a sensação de realidade e do apelo às emoções.

Ao contrário dos veículos tradicionais, as redes sociais abriram espaço para o surgimento de todos os tipos de publicações que produzem todos os tipos de mensagens baseadas ou não na verdade factual e destinadas a todos os perfis de usuários. O leque de opções de informações que uma banca de jornal oferece não compete com a diversidade de conteúdo publicado em um dia em qualquer uma das plataformas mais populares. Nelas, todos encontram grupos de pessoas com crenças e visões de mundo semelhantes. E todo esse conteúdo é impulsionado ou filtrado pelos algoritmos de cada rede, desenvolvidos principalmente para gerar lucro para as empresas. Eles são uma espécie de editor de conteúdo movido por inteligência artificial que desempenha um papel central na seleção da informação que cada usuário receberá. As redes sociais que adotaram essa ferramenta privilegiam os conteúdos que tendem a prender mais a atenção de cada internauta ao reforçar as crenças e visões já enraizadas dele. Esse aspecto dos algoritmos deteriora a pluralidade de perspectivas, assim como a possibilidade de debate e comunicação entre grupos com opiniões distintas.

Nas redes sociais, diferentemente do que acontecia na televisão ou no cinema, a propagação das mensagens depende diretamente da ação das audiências, nas quais o desejo leva vantagem sobre o pensamento. Uma notícia (falsificada, fraudulenta ou mesmo verdadeira, pouco importa) só se difunde à medida que corresponda a emoções, quaisquer emoções, “positivas” ou “negativas”. (...) Sobre o factual, predomina o sensacional – daí o sensacionalismo. Sobre o argumento, o sentimento ou o sentimentalismo. Esses registros da

¹⁸⁹ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019, p. 60.

percepção e do sensível, que passam pelo desejo, pelo sensacional, pelo sentimental, proporcionam conforto psíquico aos indivíduos enredados em suas fantasias narcisistas¹⁹⁰.

A presença desses filtros em plataformas onde parte do debate público acontece cria indivíduos incapazes de receber e aceitar o diferente e o novo. Esse mecanismo de limitação da pluralidade de pensamento tende a fazer com que a opinião seja encarada como religião, como uma estrutura fixa e irrefutável que não precisa de lógica racional ou vínculo com a verdade factual para ser explicada – assim como não tolera qualquer questionamento que possa refutá-la ou contrariá-la. “São as multidões de iguais, as multidões especulares, as multidões de mesmos”¹⁹¹.

O problema delas não está na tecnologia ou nas interações intensas que elas propiciam, mas em questões relacionadas à concentração de propriedade, à exploração industrial do olhar do desejo que essas relações engendram e aos moldes monopolistas com os quais elas se apossaram do fluxo das comunicações digitais em todo o planeta¹⁹².

A sensação difusa de que, na comunicação social contemporânea, prevalece o que alguns chamam de ‘pensamento único’ vem da eficiência com que os artefatos substituíram os fatos. Ocorre que o ‘pensamento único’ não é bem um ‘pensamento único’. Sequer um ‘pensamento’ ele é, uma vez que não comporta a crítica aos seus próprios fundamentos. O que se passa aí é outro tipo de bloqueio da razão. (...) Os algoritmos blindados contra o exame do externo, as equações inacessíveis ao debate público e as padronizações linguísticas inconscientes se manifestam na linguagem na exata medida em que a ideologia fala na linguagem – através e a despeito dos sujeitos. A expressão ‘pensamento único’, portanto, carece de sentido lógico, é um oxímoro – pois um pensamento que é único por sufocar divergências não é pensamento, mas doutrina dogmática que não pensa¹⁹³.

O conceito de *Confirmation Bias*¹⁹⁴ ilustrou a tendência humana de se agarrar àquilo que comprova as próprias crenças, sendo esse um dos mais naturais padrões de comportamento cognitivo. O estudo identificou que o cérebro tende a priorizar e interpretar informações de uma maneira que comprove aquilo que a pessoa já

¹⁹⁰ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019, p.61.

¹⁹¹ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019, p. 61.

¹⁹² Ibid., p. 59.

¹⁹³ Ibid., p. 114.

¹⁹⁴ Conceito desenvolvido nos anos 60 pelo psicólogo cognitivo Peter Wason para analisar “tendência de se lembrar, interpretar ou pesquisar por informações de maneira a confirmar crenças ou hipóteses iniciais”. Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/Confirmation_bias

acredita. Paralelamente, é a partir do estímulo a esse processo cognitivo que distorções e correlações ilusórias entre fatos são criadas. O *Confirmation Bias* é um conceito muito trabalhado por psicólogos e estudiosos da cognição. Para a área da comunicação, podemos utilizar algumas das descobertas feitas sem tratá-las como universais, apenas como forma de compreender algumas características de comportamentos que se intensificaram em tempos de redes sociais.

Esse viés de confirmação é o carro-chefe de outros padrões cognitivos de desvio do pensamento que interferem na percepção de mundo e podem ter como consequência a distorção da verdade factual ou apagamento de informações que não contribuem para reforçar a crença já enraizada na mente. Esse padrão cognitivo pode ser intensificado em situações mais emotivas e quando há a expectativa para comprovar ou chegar a um determinado resultado ou fator. Alguns dos principais tipos de distorções são: (1) as chamadas *Atrofenas*, correlações ilusórias com associações entre fatos ou coisas que não têm relação entre si; (2) a tendência de ignorar informações que contestem o próprio posicionamento; (3) crenças enraizadas que persistem mesmo quando a prova contrária é apresentada; (4) o ‘efeito primazia’, a tendência a encarar a primeira informação sobre um assunto ou pessoa como guia para todo o restante relacionado a esse assunto ou pessoa.

O que é inquietante nessa ideia é que nós, seres humanos dotados de pensamento, vontade e experiência do significado, ainda assim somos vítimas involuntárias do ‘contágio do pensamento’, que funciona às cegas e se espalha como um vírus de computador¹⁹⁵.

Há inúmeras situações do dia a dia em que podemos identificar o viés de confirmação. Na abordagem policial de suspeitos na rua: a tendência de abordar mais homens negros do que brancos¹⁹⁶ é a relação entre o racismo e a predisposição do policial para encontrar comportamentos suspeitos em homens com este perfil – é assim que qualquer objeto na mão de um homem negro pode ser transformado em arma na mente do policial. Em diversos fenômenos ditos religiosos e paranormais: no Brasil, em 2002, um espelho embaçado com “formato de santa” foi encontrado em uma casa em Ferraz de Vasconcelos (SP). Até hoje, o “milagre” já

¹⁹⁵ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 139.

¹⁹⁶ SAMPAIO, Fabiana. Pesquisa vai investigar racismo em abordagens policiais no Rio. **Agência Brasil**. Disponível em

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2021-05/pesquisa-vai-investigar-racismo-em-abordagens-policiais-no-rio>>. Acesso em 3.set.2021.

levou centenas de milhares de peregrinos a irem orar em frente à janela de uma casa aleatória do interior paulista¹⁹⁷. Popularizada como ‘Santa da Janela’, a história foi tão aceita que, mesmo depois de 18 anos da aparição, as pessoas ainda vão até a casa para ver a santa.

Nas redes sociais, esses comportamentos cognitivos são estimulados pela estrutura da própria plataforma. Em ambientes em que os usuários são bombardeados incessantemente por informações que não diferenciam a verdade factual, da opinião, da propaganda ou da ficção, e são apresentadas como se fossem a própria realidade, a capacidade de reflexão e de conviver com pensamentos contrários é debilitada. Nesse cenário, a tendência é reforçar os comportamentos já enraizados no corpo social após mais de 100 anos de estímulos de uma sociedade do consumo.

4.4. Os padrões de pensamento

A pesquisa empírica realizada nos anos 50 e publicada em “A personalidade autoritária”¹⁹⁸ encontrou os padrões de pensamentos intolerantes mais comuns em plena democracia norte-americana. Assim como a teoria do *Confirmation Bias*, os resultados encontrados não podem ser encarados como uma ciência exata, mas servem de guia para analisar as tendências de comportamento do corpo social. As linhas de pensamento de um indivíduo podem variar entre os padrões encontrados. A mesma pessoa pode ser classificada em mais de um grupo ou não pertencer a nenhum e, da mesma forma, pode fazer parte de um em um determinado momento da vida e deixar de fazer em outro.

Os resultados obtidos apontaram que há algumas linhas de raciocínio comuns no dia a dia da sociedade capitalista norte-americana que são semelhantes aos discursos de ódio ou sectaristas de períodos de recessão política. Alguns desses padrões identificados são bastante parecidos com os comportamentos estimulados pelas redes sociais. Esses recursos cognitivos servem como uma válvula de escape da frustração que resulta das contradições entre discurso e realidade. O exercício da

¹⁹⁷ Quase 19 anos depois, ‘santa da janela’ ainda atrai fiéis em Ferraz. **Diário de Suzano**, maio de 2021. Disponível em: <<https://www.diariodesuzano.com.br/regiao/quase-19-anos-depois-santa-da-janel/59275/>>. Acesso em 3.set.2021.

¹⁹⁸ ADORNO, Theodor W., FRENKEL-BRUNSWIK, Else, LEVINSON, Daniel e STANFORD, Nevitt. *The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series*. 1950.

memória seletiva se torna recorrente na tentativa de suportar a violência da verdade factual. Nesse contexto, há um permanente processo de falsa projeção que alimenta todas as formas de preconceitos e faz com que a sociedade capitalista tenha sempre uma propensão ao pensamento autoritário, o que Adorno chama de “potencial fascista”. A forma como os meios de comunicação de massa retratam a realidade fortalece esse potencial por meio da reprodução de pontos de vista engessados e da comunicação sem liberdade, que acabam limitando o pensamento lento.

O estudo também apontou que um dos pilares do fascismo são sujeitos psicologicamente frágeis, que adotam como base a opinião externa e projetam no objeto traumas internos. Assim, a partir da medição do potencial fascista em indivíduos com predisposição a adotar pensamentos antidemocráticos¹⁹⁹, os pesquisadores encontraram as principais variáveis:

- a. **Convencionalismo.** Adesão rígida a valores convencionais, de classe média;
- b. **Submissão autoritária.** Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do ingroup;
- c. **Agressão autoritária.** Tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam os valores convencionais;
- d. **Anti-intracção.** Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo;
- e. **Superstição e estereotipia.** A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas;
- f. **Poder e “dureza” [toughness].** Preocupação com a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco, líder-seguidor; identificação com figuras de poder; ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do eu; asserção exagerada de força de dureza;
- g. **Destrutividade e cinismo.** Hostilidade generalizada, desprezo pelo humano;
- h. **Projetividade.** A disposição para acreditar que coisas tresloucadas [wild] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes;
- i. **Sexo.** Preocupação exagerada com “eventos” sexuais²⁰⁰.

A dificuldade de lidar com as contradições da realidade está presente em todos os casos encontrados. São grupos de pessoas incapazes de se compreenderem como sociedade e lidarem com a realidade de forma saudável, passando a enxergar os contrastes, diferenças e críticas como uma ameaça. Nas redes sociais, essa

¹⁹⁹ SANFORD, R. Nevitt; ADORNO, T.W; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; JEVINSON, Daniel J. - Capítulo XII “The Measurement of Implicit Antidemocratic Trends” em “Studies in Prejudice”.

²⁰⁰ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade.** São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 135.

incapacidade acaba sendo estimulada pelos algoritmos e pela instantaneidade, colaborando para a formação de um corpo social cada vez menos capaz de lidar com as contradições.

Nessas plataformas, a presença mais hostil da lógica do consumo, competitiva, individualista e com pouco espaço para reflexão têm maior capacidade de estimular a personalidade autoritária²⁰¹ pré-existente ao se deparar com um ambiente sem pluralidade de perspectivas e pouco espaço para o pensamento lento. Essas plataformas tendem a estimular que cada indivíduo acredite irreflexivamente nas próprias convicções e se torne completamente incapaz de comunicar e receber o novo, limitando a liberdade de pensar.

4.5. Neoliberalismo

Junto com a popularização das redes sociais, a segunda década do século XXI foi marcada pela ascensão de governos de extrema-direita em diversos países. De acordo com a pesquisadora Wendy Brown²⁰², esse movimento tem a ver com o êxodo rural provocado pela adoção de políticas neoliberais que empurrou diversas populações camponesas, historicamente mais apegadas às tradições, para as cidades. Nos espaços urbanos, elas passaram a conviver com um cosmopolitismo repleto de demandas por igualdade de grupos historicamente excluídos e ambientes que iam contra suas crenças. No Brasil, esse é o período da criação das cotas para estudantes negros e vindos de escolas públicas, do Prouni, da criação dos direitos das empregadas domésticas e da ascensão social das classes médias baixas e pobres, que passaram a frequentar ambientes que, até então, eram inacessíveis. Para a classe média tradicional, acostumada com políticas públicas que sempre a tiveram como foco enquanto conviviam com diversas camadas de miseráveis abaixo, esse movimento deu a sensação de que todos receberam mais vantagens do que ela.

²⁰¹ Em “Estudos sobre o preconceito”, os pesquisadores encontraram uma série de raciocínios padronizados que se destacavam em grande parte da sociedade norte-americana da década de 50. Esses pensamentos padronizados estavam ligados a uma variedade de raciocínios intolerantes e eram encontrados principalmente em pessoas consideradas de direita. Entretanto, havia uma parcela pequena de pessoas de esquerda que também apresentavam graus de intolerância. Os pensamentos padronizados que se destacaram estavam relacionados a questões como.

²⁰² BROWN, Wendy. **Nas ruínas do capitalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. 1ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2019.

Esse mesmo período foi marcado pelo forte avanço das políticas neoliberais e consequente fracasso do bem estar social, explícito após 2008. Nas grandes economias mundiais, a classe média foi atingida pela crise econômica de 2008, assim como toda a classe trabalhadora, no mesmo período em que passou a conviver com debates sobre igualdade de direitos levantados por grupos historicamente excluídos, como as famílias de baixa renda, negros, LGBTQIA+, indígenas etc. Ao mesmo tempo, essa classe média e as antigas populações camponesas foram “bombardeadas” com mensagens conservadoras nos meios de comunicação de massa, tanto na internet quanto nos veículos tradicionais, que não conseguiram se adaptar às novas demandas sociais. Ambas encontraram nas redes sociais espaços nos quais puderam debater com outros sujeitos que lidavam com frustrações semelhantes e sem a presença de críticas ou discursos contrários. Assim, esses novos despossuídos puderam compartilhar o ódio com os semelhantes e se organizar politicamente. Essa nova rebelião possui um caráter “radicalmente antidemocrático” e:

considera a demonização do social e do político por parte da governamentalidade neoliberal, nem a valorização da moralidade tradicional e dos mercados como seus substitutos; não reconhece a desintegração da sociedade e o descrédito do bem público pela razão neoliberal, a semear o terreno para os assim chamados ‘tribalismos’ que emergiram como identidades e forças políticas em anos recentes. Não explica como o ataque à igualdade, combinado com a mobilização dos valores tradicionais, pôde aumentar o fogo e legitimar racismos dos legados coloniais e escravistas que há tanto tempo fervem em fogo brando – Nikhil Singh chama de nossas guerras internas e externas – ou ainda o caráter de nunca-vá-suavemente-noite-a-dentro da superordenação masculina”²⁰³

No neoliberalismo, as contradições entre discurso e realidade se tornam ainda mais explícitas, assim como a incapacidade do sistema de garantir que todos tenham acesso aos valores comunitários que ele afirma ter. Nesse contexto, o fundamentalismo surge como uma reação “falsa e enganadora”²⁰⁴ que tenta tapar as falhas reais do sistema. A forma como grupos conservadores se organizaram e promoveram a própria ideologia variou ao longo das duas últimas décadas. Nos primeiros anos da década de 2010, grupos terroristas de caráter religioso se

²⁰³BROWN, Wendy. **Nas ruínas do capitalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. 1ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2019, pp. 15 e 16.

²⁰⁴ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 84.

fortaleceram ao redor de todo o mundo, entre eles o Estado Islâmico, Al Qaeda e Talibã. Embora nem todos tenham sido criados na era da Internet, o fortalecimento e internacionalização da maioria cresceu junto à popularização das redes sociais²⁰⁵, que hoje são o principal meio de promoção da extrema-direita. Entre as facilidades que plataformas como o Twitter, YouTube, Facebook e Reddit trazem para esses grupos²⁰⁶, estão: o baixo custo para manter e fazer propaganda (quando comparadas aos sites tradicionais); falta de regulamentação; estarem acessíveis para pessoas de qualquer lugar; e, principalmente, a facilidade de engajamento.

Os apelos da propaganda, em cuja disseminação as redes sociais têm papel fundamental, alcançam desde intenções externas, como a distribuição do medo, até propósitos internos, como criar um sentimento de solidariedade com o grupo-alvo²⁰⁷.

As redes sociais facilitam que esses extremistas encontrem pessoas que tenham as mesmas convicções ou que estejam inclinadas a adotá-las, da mesma forma permitem que membros desses grupos mantenham contatos e criem vínculos com curiosos ou interessados. Nessas plataformas há maior facilidade de naturalização de comportamentos extremos de todos os tipos, devido aos algoritmos que mantêm as bolhas de internet e eliminam a presença de pensamentos contrários e críticos. Os comportamentos extremos dentro das redes sociais não estão relacionados apenas aos grupos de extrema-direita. Há uma variedade de tipos de extremistas que encontraram eco em grandes grupos de usuários. Entre os principais tipos, estão: os **exibicionistas** (em 2015, um homem morreu em um café de Taiwan após passar 3 dias jogando online ininterruptamente²⁰⁸; no mesmo ano, um russo de 14 anos morreu após encostar em um cabo de alta voltagem enquanto

²⁰⁵ WIRED: “A growing frontier for terrorist groups: Unsuspecting Chats APP” (<https://www.wired.com/story/terrorist-groups-prey-on-unsuspecting-chat-apps/>). THE GUARDIAN: “Far Right Facebook Groups Spreading Hate to Millions in Europe” (<https://www.theguardian.com/world/2019/may/22/far-right-facebook-groups-spreading-hate-to-millions-in-europe>)

²⁰⁶ IT for Peace? Fighting Against Terrorism in Social Media – An Explorative Twitter Study. REUTER, Christian Reuter; PATSCH, Katja; RUNFT, Elena. *i-com* 2017; 16(2): 181–193.

²⁰⁷ Tradução livre de “The aims of the propaganda, in whose dissemination social media play a key role, range from external intentions such as distributing fear to internal purposes such as creating emotional solidarity with the target group”. Em (IT for Peace? Fighting Against Terrorism in Social Media – An Explorative Twitter Study. REUTER, Christian Reuter; PATSCH, Katja; RUNFT, Elena. *i-com* 2017, pp. 181–193).

²⁰⁸ Man dies in Taiwan after 3-day online gaming binge. HUNT, Katie. CNN, 2015. <https://edition.cnn.com/2015/01/19/world/taiwan-gamer-death/index.html>

se filmava escalando uma ponte²⁰⁹; em 2017, um homem filmou a própria morte enquanto praticava Rooftopping na China²¹⁰); a naturalização de **comportamentos obsessivos** (no YouTube estão hospedados incontáveis vídeos de comportamento em que o youtuber pratica métodos de emagrecimento que fazem mal para a saúde. Como exemplo, um vídeo com mais de 850 mil visualizações mostra uma mulher se alimentando apenas de 1 banana, 1 tomate e um copo de leite por dia ao longo de uma semana – nos comentários há mensagens de carinho, admiração e incentivo, com inúmeros usuários comentando que também farão a dieta²¹¹); e a atração pelo **comportamento depressivo** (em 2020, o Tiktok teve que desenvolver um recurso para controlar a divulgação em massa de um vídeo que mostrava o suicídio de um homem²¹²).

Nesse ambiente, que combina a naturalização de comportamentos extremos com a lógica da propaganda, grupos de extrema-direita encontram espaço propício para proliferar. Um crime só é classificado como terrorismo graças às propagandas de terror e da intolerância promovida através dos meios de comunicação²¹³. Assim, esses grupos precisam da divulgação e da estrutura das redes sociais para terem sucesso. Ao lidarem com engajamento do público, um dos recursos discursivos mais utilizados para atrair e convencer pessoas a se juntarem à causa é tratar o possível novo membro como parte de uma família, evocando o sentimento de pertencimento ao ter um papel importante para cumprir no mundo. É o discurso ideal para pessoas frustradas que não conseguem lidar de forma saudável com as contradições da sociedade e que acreditam estar sendo tratadas de forma desigual em cidades que não reproduzem suas crenças conservadoras. Dessa forma, as classes médias

²⁰⁹ Horrifying moment a Russian teen grabbed a 30,000 volt electricity cable while making a free-climbing video and fell. HALL, John. DailyMail, 2015. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3004480/Russian-schoolboy-filmed-falling-100-feet-death-accidentally-grabbing-30-000-volt-electricity-cable-making-free-climbing-video.html>

²¹⁰ Death of Man in Skyscraper Fall in China Puts a Spotlight on 'Rooftopping'. New York Times. HOUSER, Christine. 2017.

<https://www.nytimes.com/2017/12/14/world/asia/china-daredevil-skyscraper.html>

²¹¹ Como são inúmeros vídeos semelhantes, que chegam a ter a mesma estética de filmagem, não é necessário expor a usuária que fez o vídeo mencionado.

²¹² WAKEFIELD, Jane. TikTok tries to remove widely shared suicide clip. **BBC**, 8.set. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/technology-54069650>>. Acesso em 3.set.2021.

²¹³ O Estado Islâmico foi um dos principais grupos extremistas que souberam trabalhar os meios de comunicação de massa para disseminar sua ideologia. O grupo promovia seus atos de terror para todos os veículos de comunicação, como foi o caso do jornalista do GlobalPost, James Foley, que teve seu assassinato em 2012 gravado e divulgado para todos os veículos da imprensa. Em 2014, a vida do jornalista virou documentário e foi exibido no Sundance Film Festival e na HBO. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2016/jan/06/james-foley-documentary-sundance-hbo-islamic-state>>. Acesso em 3.set.2021.

frustradas se tornam candidatas perfeitas para ingressarem em grupos de extrema-direita. No documentário curta-metragem “Ghosts Of Sugar Land”, é possível acompanhar a trajetória de um jovem muçulmano norte-americano com aparentes problemas de identidade até o momento em que ele se radicaliza e abandona toda a vida nos EUA, incluindo família e amigos, para se juntar a um grupo islâmico de extrema-direita. Ao longo de todo documentário, os amigos do jovem enfatizam como jamais imaginaram que ele poderia aderir àqueles pensamentos sendo uma pessoa tão comum e pouco violenta.

Nesse cenário, em que as contradições e tensões estruturais do capitalismo são reproduzidos e noticiados pelos meios de comunicação de massa, a sociedade passa a conviver com dois tipos de “intromissões externas”²¹⁴ em forma de violência: uma real, a verdade factual vivida dentro do espaço público, como a violência urbana, o terrorismo, os estupros etc.; e outra simbólica, vivida dentro do ambiente virtual, como as campanhas de ódio, os ataques coletivos, e, principalmente, a retratação deformada e esquizofrênica do mundo e da verdade factual. Nas primeiras décadas do século XXI, o sujeito passa, então, a conviver com um mundo em crise representado em ambas as formas de violência, que não necessariamente têm relação entre si (a violência simbólica não precisa estar conectada com a realidade para existir). Essas violências causam “traumas que são apenas interrupções brutais e sem sentido que destroem a textura simbólica da identidade do sujeito”. Quanto mais os meios de comunicação de massa penetram em cada um dos momentos do dia a dia, maior a presença da violência simbólica no cotidiano do corpo social.

Nas duas primeiras décadas do século, ao mesmo tempo em que o corpo social passou a conviver com a intensa presença dessas mídias, também assistiu à deterioração da economia capitalista, que se intensificou após a crise de 2008. Algumas das movimentações dessa piora incluem a expansão do neoliberalismo com a precarização do trabalho, junto à ameaça que o colapso climático representa contra a própria existência da humanidade. Nesse cenário, nasceu um corpo social traumatizado e que precisa lidar com uma verdade factual cruel e “completamente fora de nossa experiência coletiva”, ao mesmo tempo que está condicionado a compreender o mundo através de plataformas que impedem a comunicação natural e saudável.

²¹⁴ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012, p.200.

Para enfrentar essa ameaça, nossa ideologia coletiva mobiliza mecanismos de dissimulação e autoengano que incluem a vontade direta de ignorância: 'O padrão geral de comportamento das sociedades humanas ameaçadas é elas se tornarem mais tacanhas à medida que decaem, em vez de se concentrarem mais na crise'²¹⁵

Ao serem criados e desenvolvidos dentro da lógica mercadológica, os meios de comunicação de massa reproduzem os discursos do capitalismo assim como suas falhas estruturais. Se as crises econômicas são inerentes ao próprio sistema, que é incapaz de impedir a própria deterioração, os meios de comunicação geridos pelas empresas que controlam o capital possuem as mesmas incapacidades e contradições do sistema que os produzem.

²¹⁵ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

5. Imediaticidade

No capitalismo, o corpo social desenvolve uma relação com o mundo que tende a obscurecer e tornar difícil a análise concreta da realidade e que considera as múltiplas relações que formam a totalidade maior. Há uma tendência de tratar como naturais estruturas sociais, materiais, objetos e tradições que são frutos de relações complexas e da interferência humana na construção do corpo social – entre os exemplos mais comuns que moldam toda a relação que o sujeito tem com o mundo estão o dinheiro, o automóvel, a propriedade privada, a prisão e, mais recentemente, a internet. Não se trata de fazer juízo de valor para cada uma delas, mas de entendê-las como resultados de construções sociais. Com as revoluções tecnológicas e as mudanças nas relações de trabalho até chegarmos ao neoliberalismo, a presença cada vez maior da automação tende a obscurecer as estruturas particulares de cada processo²¹⁶. O corpo social inserido na ideologia capitalista trata como fato natural e imutável uma série de construções sociais que são expressões de processos complexos, mas que “não aparecem para nós como processos”. Essa relação com o mundo, chamada de **imediatricidade**, atinge desde a compreensão de objetos simples, que demandam um olhar pouco atento para entender as informações subpostas, como um celular ou computador, até a de estruturas sociais complexas, que demandam maior atenção e análise crítica, como o aparelho penal e os meios de comunicação. No capitalismo, o corpo social é estimulado a receber tudo que aparece diante dos olhos como natural ou imutável.

Isso cria mecanismos mentais que fazem o pré conceito como nosso instrumento de orientação na vida cotidiana (...). A consequência disso é que nós desenvolvemos toda uma série de concepções de mundo cujo condicionalismo social nós não temos consciência.²¹⁷

O liberalismo e sua versão deformada neoliberal desenvolveram técnicas eficazes de camuflagem e naturalização dos resultados de processos complexos. A ideia de um sujeito individualmente responsável pela saúde de todo o corpo social e

²¹⁶NETTO, José Paulo. **Curso aberto de método em Marx**, realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0mlvPEIRUIE>>. Acesso em 5.set.2021.

²¹⁷NETTO, José Paulo. **Curso aberto de método em Marx**, realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0mlvPEIRUIE>>. Acesso em 5.set.2021.

capaz de controlar todos os rumos da própria vida exime do Estado e das multinacionais a responsabilidade sobre a sociedade e o próprio planeta. O corpo social que não se compreende como uma coletividade complexa não é capaz de relacionar as mazelas vividas pelo outro com os mecanismos sociais em que ele próprio está inserido. O mundo é compreendido apenas por meio das relações imediatas que o sujeito tem com os ambientes que frequenta, enquanto todas as engrenagens que operam por trás dessas relações são apagadas. Para o corpo social, esse recurso é necessário para ser possível suportar conviver com uma realidade contraditória, que cria a sensação de que o mal está ligado apenas aos outros ambientes e pessoas.

Quando vemos uma campanha com crianças famintas da África e um apelo para ajudá-las ('Pelo preço de dois capuccinos, você pode salvar a vida delas'), a verdadeira mensagem é algo do tipo: 'Não pense, não politize, esqueça as verdadeiras causas da pobreza, apenas aja, dê dinheiro, assim não terá que pensar'. Em resumo, a verdadeira mensagem é: 'Pelo preço de dois capuccinos, você pode continuar levando a sua vida ignorante e prazerosa, não só não sentindo nenhuma culpa, como até se sentindo bem porque participa da luta contra o sofrimento!²¹⁸.

Assim, a imediaticidade é a ferramenta cognitiva necessária para sobreviver no capitalismo, para que o sujeito não lembre a todo momento que grande parte do que é consumido esconde uma série de violências, contradições e relações desiguais tanto entre os seres humanos quanto em relação ao meio ambiente.

5.1. A estrutura das redes sociais

Certas características das redes sociais estimulam a imediaticidade, mecanismos de limitação da capacidade de pensar livremente, assim como inserem ostensivamente a lógica do consumo no dia a dia. O excesso de informações e a forma superficial e limitada que as plataformas reproduzem a realidade incapacitam o sujeito de desenvolver um olhar atento e crítico perante o mundo. Entre os aspectos estruturais que debilitam o pensamento lento, está o mecanismo de *scroll* infinito, usado em plataformas como o Facebook, Twitter e TikTok. Rolar a tela para baixo (que antes apresentavam páginas com começo, meio e fim) sem perspectiva

²¹⁸ ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

de finalizar algo ou concluir uma etapa é uma forma de prender a atenção do usuário que não abre espaço para pausa ou sensação de conclusão, desestimulando a reflexão. Com um movimento simples das mãos, o sujeito consegue passar por centenas de informações em poucos minutos. A quantidade e variedade do conteúdo apresentado, sem qualquer diferenciação de temas ou tons de discursos, fazem com que tudo que aparece na timeline tenha pesos iguais e passe a impressão de ter importância equivalente. Assim, um vídeo de gatinhos brincando, um tutorial de tratamento de pele, uma dica de cozinha e um atentado à democracia têm a mesma aparência e o mesmo potencial de prender a atenção do usuário. Além disso, quando esse modelo de página é aplicado na inicial, a pessoa não tem liberdade para escolher o conteúdo que deseja acessar no primeiro momento. Ao entrar em uma página com essa estrutura, quem escolhe o que será apresentado é a própria rede social – apenas em um segundo momento é possível filtrar aquilo que deseja ver. Essa capacidade de imposição de conteúdos é inédita nos meios de comunicação de massa. Na televisão e no rádio, o telespectador e ouvinte precisava sintonizar um canal da própria preferência antes de receber informações. Nas redes sociais, há uma aparência de controle do conteúdo pelo usuário devido à capacidade de publicar e seguir ou não determinadas pessoas e contas. Mas esse aspecto esconde uma série de processos complexos automatizados que filtram conteúdos, dão maior ou menor visibilidade para determinados temas e formatos de discursos, além de captarem informações pessoais e íntimas sem autorização. Além disso, há uma priorização de conteúdos chamativos e carregados de afeto, passados de forma rápida, rasa e simplificada, que exigem pouco tempo de leitura, como acontecia nos cartazes nazistas. A própria ideia de espaço público é contraditória dentro dessas plataformas – no momento da publicação elas se tornam espaços públicos em que cada usuário tem liberdade e direito de se expressar da forma que quiser. Entretanto, ao receber informações indesejáveis, elas se tornam espaços privados em que a opinião contrária se torna um atentado contra o sujeito.

Sobre os algoritmos, o desenvolvimento tecnológico somado à forma como essas ferramentas trabalham probabilidades do cotidiano é um dos principais avanços recentes das ciências. Devido à capacidade de armazenamento massivo de dados – a Big Data – os cientistas encontraram e continuarão a encontrar padrões de comportamentos que permitirão, no futuro próximo, desenvolver tecnologias que terão impactos incalculavelmente benéficos para a humanidade. Ainda que essas

pesquisas ainda sejam iniciais, já é possível ter ideia do alcance desse processo. Entre as atividades desenvolvidas a partir do trabalho com a Big Data, hoje é possível calcular, por exemplo, qual a predisposição de uma pessoa para desenvolver um determinado tipo de câncer e os possíveis tratamentos; saber as chances que um embrião tem de desenvolver algum tipo de doença; evitar uma série de acidentes de trânsito com carros inteligentes; e até ajudar a solucionar uma das questões mais antigas e importantes das ciências: como a vida surge?²¹⁹.

Entretanto, apesar dos incalculáveis benefícios que essa tecnologia poderá trazer, ela também abre espaço para incalculáveis ameaças. Em nenhum momento da história da humanidade foi possível armazenar e organizar tamanha quantidade de informações sobre tantas características físicas e comportamentais individuais de grandes grupos de pessoas. Apesar desse novo mundo guiado pelos algoritmos ainda estar no início, já há inúmeras preocupações e demandas por uma construção democrática do uso da Big Data. Entre os principais temas a serem discutidos, estão: quem terá controle sobre a Big Data? Quais os limites éticos desse armazenamento de dados? Como essa coleta de informações será feita e até onde uma empresa ou Estado tem direito de recolher dados de um cidadão sem claro consentimento? Hoje, o principal problema da Big Data e dos algoritmos é que a forma como esse processo é feito ainda é desconhecida. Quem decide como desenvolver e onde aplicar os algoritmos são empresas multinacionais privadas que operam para gerar lucro. A falta de transparência em relação a quem controla a Big Data e como ela é utilizada junto à sociedade já abriu caminho para uma série de crimes cibernéticos, com destaque para os que acontecem dentro das redes sociais.

O escândalo da relação comercial que o Facebook manteve com a consultoria Cambridge Analytica, que estourou no início de 2018, mostrou como dados de milhões de usuários nas redes sociais podem ser explorados das piores maneiras. A rede de Mark Zuckerberg não apenas vendeu dados pessoais sem consentimento, incluindo mensagens particulares, como permitiu que fossem utilizados para testar a capacidade da plataforma de estimular comportamentos depressivos, além de orientar propagandas direcionadas, como a favor da campanha eleitoral do

²¹⁹ Algorithm discovers how six simple molecules could evolve into life's building blocks
https://www.chemistryworld.com/news/algorithm-discovers-how-six-simple-molecules-could-evolve-into-lifes-building-blocks/4012505.article?utm_source=Nature+Briefing&utm_campaign=8accfbb4ad-briefing-dy-20201001&utm_medium=email&utm_term=0_c9dfd39373-8accfbb4ad-44180457

ex-presidente Donald Trump²²⁰, político abertamente antidemocrático. Nos Estados Unidos, em 2017, uma mulher que havia acabado de perder o bebê após uma complicação durante a gestação denunciou a plataforma após receber propagandas de produtos para recém-nascidos incessantemente por semanas durante o luto. O Facebook só interrompeu as propagandas após a mulher organizar um coletivo de usuários que pediram o fim daquela tortura psicológica – ela, sozinha, não havia conseguido impedir que aquele conteúdo fosse apresentado no próprio perfil. Essa relação abusiva e de exploração só é possível dentro dessas plataformas porque os usuários não têm controle ou conhecimento de quais informações estão fornecendo ao utilizá-las, assim como o poder público tem pouca capacidade de intervir nessa relação de exploração. A lógica da propaganda e as premissas do Estado capitalista têm acesso direto às particularidades do corpo social e, assim, podem manipular e explorar o lado mais íntimo e vulnerável de cada sujeito – já debilitado pelas contradições da realidade. As redes sociais interferem, trabalham e lucram em cima das fraquezas mentais dos usuários – fraquezas essas geradas, em grande parte, pelo próprio sistema capitalista.

Nesse novo ambiente virtual, muito mais capaz de moldar a opinião pública a favor do mercado, surge também um novo espaço de compartilhamento de ideias com novas características. O pesquisador Ethan Zuckerman²²¹, ao analisar as bolhas da internet, mostrou como o avanço das redes sociais permitiu uma pluralidade tão grande de produtores de notícias e conteúdos que foi possível adaptar os mais variados nichos de produção de informação à vontade de todos os perfis de usuários. Isso gerou um leque infinito e desorganizado de dados que nutrem os algoritmos, reforçam as crenças particulares e dando a sensação de que a visão de mundo subjetiva de um sujeito ou grupo de sujeitos representa a realidade do todo.

Dessa forma, os discursos se retroalimentam e, com o tempo, podem fazer com que um indivíduo acredite que aquela realidade vivida dentro da bolha é a realidade do mundo exterior. A relação de imposição de conteúdos, falta de espaço

²²⁰ A Vox explicou de forma resumida como funcionou a manipulação neste link: <https://www.vox.com/policy-and-politics/2018/3/23/17151916/facebook-cambridge-analytica-trump-dia-gram>

²²¹ ZUCKERMAN, Ethan. *Mistrust, Efficacy and the New Civics: a whitepaper for the Knight Foundation*, 2017. Disponível em: <<http://www.ethanzuckerman.com/blog/2017/08/17/mistrust-efficacy-and-the-new-civics-a-whitepaper-for-the-knight-foundation/>>. Acesso em 5.set.2021.

para o pensamento lento e a limitação da compreensão dos processos gera um corpo social incapaz de diferenciar a verdade factual da percepção subjetiva do mundo²²². Nos meios de comunicação de massa, a forma como a realidade é retratada, muitas vezes desconsiderando os dados que comprovam a verdade factual, tende a distorcer os fatos e passar uma perspectiva deformada deles para o público. Nas plataformas, esse descolamento do mundo real com o que é retratado nos meios de comunicação é mais intenso e tem maior capacidade de deformar a percepção. Para o indivíduo, o resultado dessa relação com a realidade em meio às crescentes tensões de uma sociedade em crise gera o que Zizek chama de “sujeito pós-traumático” e “autista”. Um corpo social que se torna cada vez mais incapaz de lidar com a dureza da verdade factual e passa a negá-la, ao mesmo tempo que projeta os traumas interiores em outros objetos e pessoas. Outra característica desse sujeito “autista” é a incapacidade de exercitar a alteridade e compreender outras realidades que não sejam a dele mesmo. Após anos de relação conflituosa e traumática com o mundo em um sistema que não é capaz de suprir ou acabar com as contradições e desigualdades, nasce um sujeito de “psique abandonada, emocionalmente desafeiçoada e indiferente”, que se torna incapaz de transferência. “Vivemos na época do fim da transferência(...). Em outras palavras, esses pacientes não tentam saber nem não saber”²²³.

A primeira figura, que corresponde ao cercamento da natureza externa, é, talvez, inesperadamente, a noção de *proletário* de Marx, o trabalhador explorado cujo produto é tomado dele, reduzindo-o a uma subjetividade sem substância, ao vazio da pura potencialidade subjetiva, cuja realização no processo de trabalho se iguala à sua desrealização.

A segunda figura, que corresponde ao cercamento da ‘segunda natureza’ simbólica, é a do *sujeito totalmente ‘mediatizado’*, totalmente mergulhado na realidade virtual: embora ele pense ‘espontaneamente’ que está em contato direto com a realidade, sua relação com a realidade é sustentada por uma complexa maquinaria digital. (...)

²²² Antes das redes sociais, essa maneira esquizofrênica de compreender a realidade era mais evidente em situações relacionadas à segurança urbana. Um sujeito que vive ou presencia direta ou indiretamente uma situação de violência em um determinado lugar está fadado a absorver esse acontecimento e a incluí-lo na relação futura com aquele espaço. A melhora dos índices de violência dessa mesma região não é capaz de impedir que o sujeito absorva aquele acontecimento como trauma. Se um assassinato acontece em um prédio ou uma rua, por exemplo, é quase inevitável que os moradores desse prédio ou rua passem a ter a sensação perigo ou ameaça latente.

²²³ ZIZEK, Slavoj. **Alguém disse Totalitarismo?:** Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 219.

A terceira figura, que corresponde ao cercamento de nossa natureza 'interior', é o sujeito pós-traumático: se quisermos ter uma ideia do *cogito* em seu aspecto mais puro, de seu 'grau-zero', temos de dar uma olhada nos 'monstros' autistas, um espetáculo extremamente doloroso e perturbador. É por isso que resistimos tão firmemente à visão do *cogito*²²⁴.

Zizek apresenta as formas como a realidade do século XXI impacta no corpo social: a crise econômica e social acompanhada da expansão do neoliberalismo e consequente enfraquecimento da classe trabalhadora e dos mais pobres; o colapso climático; a presença constante de meios de comunicação de massa que prejudicam o pensamento livre, assim como estimulam a visão imediatista das relações; e o surgimento do "sujeito pós-traumático" e "autista", que não consegue lidar com a verdade factual de forma saudável.

Um relatório da OCDE²²⁵ de 2021 mostrou que 67% dos estudantes de 15 anos do Brasil (geração nascida após a popularização da internet, cuja alfabetização aconteceu concomitantemente com a ascensão das redes sociais) não sabem diferenciar fatos de opiniões. Esse é um dos resultados catastróficos da interferência dessas plataformas na formação do corpo social. A média brasileira está 14% mais alta do que a mundial, que ficou em 53%. O que esses dados apresentam é que, cerca de metade dos jovens de 15 anos de todo o mundo acham que a verdade factual é uma questão de opinião e que não existem formas concretas de compreensão do real – tudo pode ser apenas uma questão de perspectiva subjetiva.

É nessa onda que o negacionismo pega carona. Se tudo é uma questão de opinião, ao mesmo tempo que não existe uma realidade concreta, a realidade subjetiva tende a se tornar mais rígida e inquestionável. Nos discursos dos movimentos antivacina durante a epidemia de covid-19, a compreensão esquizofrênica de mundo sustentou dúvidas que vão desde "será que a vacina funciona?" até "se eu não morri com a doença, então a pandemia é uma mentira global". É uma relação deturpada com a realidade e de completa insensibilidade em relação ao outro e à própria humanidade. Nesse discurso, a liberdade individual sempre é sobreposta ao coletivo, mesmo em casos que essa liberdade significa a

²²⁴ ZIZEK, Slavoj. **Alguém disse Totalitarismo?**: Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 219.

²²⁵ OLIVEIRA, Elida. 67% dos estudantes de 15 anos do Brasil não sabem diferenciar fatos de opiniões, afirma relatório da OCDE. **G1**, 6.mai.2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/06/67percent-dos-estudantes-de-15-anos-do-brasil-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opinioes-afirma-relatorio-da-ocde.ghtml>>. Acesso em 3.set.2021.

ameaça à integridade física ou psicológica de outra pessoa. A multiplicação de notícias falsas e negacionismo em períodos de crise política, entretanto, não é novidade. O historiador Marc Bloch²²⁶, ao analisar o aumento da propagação de notícias falsas durante a Primeira Guerra Mundial, afirmou sobre elas que:

O erro se propaga, cresce e, em última análise, sobrevive apenas com uma condição – que encontre um caldo cultural favorável na sociedade em que está se espalhando. Por meio dela, as pessoas expressam inconscientemente todos os seus preconceitos, ódios, medos, todas as suas emoções fortes. Somente grandes estados de espírito coletivo (...) têm o poder de transformar uma percepção equivocada em uma lenda²²⁷.

A campanha de desinformação atual está ligada às redes sociais não por ser inédita na história da humanidade mas por apresentar novos elementos que permitem que ela se torne parte da estrutura dos meios de comunicação de massa. Não se trata apenas de uma campanha mentirosa para implantar discursos de ódio no corpo social, como aconteceu no nazismo, mas de criar formas de lucrar direta ou indiretamente por meio da divulgação de informações distorcidas e mentirosas. O lucro gerado pode vir de diversas formas, tanto pela publicidade em sites de divulgação de notícias falsas quanto pelo ganho que um setor ou empresa terá ao fazer circular uma desinformação. A venda de ivermectina no Brasil, remédio ineficaz para combater a covid-19, cresceu 857%²²⁸ em 2020 após uma campanha mentirosa que afirmava que a substância era uma forma de tratamento preventivo.

Notícias fraudulentas dão lucro. Dentro do ambiente virtual do Google e do Facebook, a fraude compensa. Quanto maior o número de clicks, mais o autor fatura. E, como a mentira é fácil de produzir (é barata) e desperta o furor das audiências, um dos melhores negócios da atualidade é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de

²²⁶ BLOCH, Marc. **Reflections of a Historian on the False News of the War**, 1921. Traduzido pelo Michigan War Studies Review. Disponível em <<http://www.miwsr.com/2013/downloads/2013-051.pdf>>.

²²⁷ Tradução livre de “The error propagates itself, grows, and ultimately survives only on one condition—that it finds a favorable cultural broth in the society where it is spreading. Through it, people unconsciously express all their prejudices, hatreds, fears, all their strong emotions. Only great collective states of mind (...) have the power to transform a misperception into a legend”.

²²⁸ ANDRÉ, Natália. Venda de ivermectina cresce 857% no último ano. **CNN Brasil**, 6.mai.2021. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/06/venda-de-ivermectina-cresce-857-no-ultimo-ano>>. Acesso em 3.set.2021.

verdade – e que, mesmo assim, despertam emoções fortes nos chamados internautas”²²⁹.

A novidade que as redes sociais trouxeram foi permitir que qualquer pessoa ou empresa tenha capacidade de gerar, divulgar e lucrar com uma mentira sem qualquer forma de restrição, prestação de contas ou regulamentação. Somado a isso, a relação problemática que essas plataformas mantêm com a própria forma de comunicar intensifica a percepção esquizofrênica das questões sociais e estimula a desinformação. Uma pesquisa²³⁰ realizada pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) e publicada em 2018 investigou a propagação de notícias falsas em relação às verdadeiras nos anos de 2006 e 2017 e descobriu que as desinformações se espalham 70% mais rápido e com maior alcance do que as verdades "em todas as categorias de informação". E o principal motivo que leva a essa facilidade de propagação é a capacidade dessas campanhas de reafirmar os pensamentos preconceituosos e delirantes pré-existentes ou apresentarem um mundo que o sujeito gostaria que fosse real.

5.2. Análise de notícias falsas de alta circulação nas redes sociais

A seguir, algumas das notícias falsas que circularam nos últimos anos no Brasil, analisadas a partir dos tipos de discursos fascistas levantados por Umberto Eco. As fake news destacadas foram selecionadas a partir de matérias de veículos jornalísticos brasileiros que levantaram as mentiras com alta circulação. Não há qualquer tipo de monitoramento de alcance de notícias falsas por períodos longos, como de um ano ou mais, realizadas no Brasil.

Em parceria com a página *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, a *Vice Brasil* selecionou 14 notícias falsas de ampla circulação no Brasil em 2017²³¹. Das 14 fake news que mais foram compartilhadas naquele ano, oito possuem conteúdo

²²⁹ BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores. 2019, p. 61.

²³⁰ VOSOGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, 9.mar. 2018. Disponível em: <<https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.aap9559>>.

²³¹ DECLERQ, Marie. As fake news mais bizarras que circularam pelas redes brasileiras em 2017.

Vice Brasil. 12. dez. 2017. Disponível em <https://www.vice.com/pt_br/article/wjpd7b/as-fake-news-mais-bizarras-que-circularam-pelas-redes-brasileiras-em-2017>. Acesso em 4.set.2021.

político e cinco têm relação com a temática da sexualidade. Naquele ano, a paranoia com figuras políticas de esquerda ou personalidades que representam quebra de tabus sobre sexualidade e gênero foi clara:

- Governo de Goiás está distribuindo bonecas com órgãos sexuais trocados (imagem 26);
- Projeto de lei exigirá uniforme unissex em 2018;
- Escola estadual obriga alunos a participar de exposição que defende pedofilia e suicídio;
- Maria do Rosário e Jean Wyllys se uniram para defender pedófilos;
- Mulher enfia jiboia na vagina e quase morre;
- Pablo Vittar ganhará programa infantil com o apoio da Lei Rouanet;
- Filho do ex-presidente Lula é visto com uma Ferrari banhada a ouro no Uruguai;
- PSOL quer Pablo Vittar como candidato à Presidência em 2018;

Aqui, encontramos o elemento do “culto à tradição” e o “medo da diferença” nas fake news que envolvem sexualidade e questões de gênero de diversas formas. A cantora travesti Pablo Vittar, o ex-deputado militante dos direitos LGBTQIA+ Jean Wyllys e a deputada feminista Maria do Rosário representam uma ameaça à família tradicional e, por isso, são vinculados a diversos atentados e crimes contra as crianças. O “filho do ex-presidente Lula”, figura que apareceu diversas vezes em fake news, mas que poucos lembram sequer do nome, aparece relacionado ao pecado cristão da usura, muito utilizado entre os nazistas para atacar os judeus durante o Holocausto.

Durante a campanha eleitoral de 2018, as redes sociais foram bombardeadas por desinformação. Algumas das principais fake news compartilhadas naquele ano foram²³²:

- O “kit gay” para crianças de 6 anos que foi distribuído nas escolas (*imagem 26*);

²³² BARRAGÁN, Almudena. Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. **El País Brasil**, 19.out. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html>. Acesso em 4.set.2021.

- O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula;
- A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro - que na verdade era Beatriz Segall (*imagem 27*);
- Haddad defende o incesto e o comunismo em um de seus livros;
- Se Haddad chegar ao poder, pretende legalizar a pedofilia (*imagem 28*).

Nas eleições, a figura do inimigo do Estado começou a ser melhor delimitada. O partido de oposição ao governo de extrema-direita, assim como seus seguidores, foi vinculado a diversos crimes, principalmente contra crianças. Nas notícias, os inimigos são vinculados à pedofilia, ao incesto, à violência gratuita, à corrupção de crianças e ao antigo bode expiatório da extrema-direita, o comunismo. Aparecem os discursos de “culto à tradição”, “medo da diferença”, o “Irracionalismo” e o “os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais”. Nas imagens que circularam para promover essas notícias, as mensagens tendem a trabalhar imagem e frases curtas de efeito com objetivo de chocar e atingir o emocional:

(*imagens 26 e 27*)



(*imagem 28*)



Entre as que mais circularam desde o início da pandemia de covid-19, estão²³³:

- **“A vacina contra covid-19 altera o DNA humano”;**
- **“A vacina contra covid-19 pode inserir um microchip no corpo do vacinado”;**
- **“O vírus foi criado em laboratório”.**

Todas levantam a ideia de uma conspiração mundial que ameaça a integridade de toda a humanidade até na formação genética. O inimigo, nesse caso, é a própria ciência e a verdade factual. Para elas, “os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais” com o elemento de “recusa da modernidade”. Ambas as notícias falsas reúnem uma série de elementos que misturam medo em relação aos avanços tecnológicos, como o mapeamento genético e a microtecnologia relacionada aos avanços da computação, da comunicação e da Inteligência Artificial. Ao mesmo tempo que existe uma desconfiança em relação a esses avanços, há também uma crença exagerada na capacidade deles de atingir e controlar o corpo social.

²³³ CARMICHAEL, Flora. Vacina contra o coronavírus: a verdade sobre os boatos de DNA alterado, microchips implantados e efeitos colaterais. **BBC Brasil**. 20.nov.2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55013716>>. Acesso em 5.set.2021.

- **Termômetros infravermelhos causam doenças cerebrais**
- **Máscaras oferecem riscos à saúde.**

Nessas duas mensagens há o elemento de negação das formas de monitoramento e prevenção contra a covid-19 do dia a dia, ou a “recusa da modernidade”. É como se, ao acreditar nelas, o sujeito pudesse esquecer da realidade pandêmica em que está inserido. O corpo social, obrigado a lidar com uma verdade factual cruel e traumática, prefere ignorar a existência do problema.

Nas manifestações nacionalistas e antidemocráticas que aconteceram no dia 7 de setembro de 2021 no Brasil, a campanha de divulgação dos atos do dia da independência contou com mensagens que reproduzem diversos discursos fascistas e reafirmam a ideia de proteção da nação do inimigo do Estado. Alguns dos materiais de ampla divulgação, estão:

(imagem 29)



(imagem 29) O cartaz foi originalmente compartilhado pela página do Facebook “Mensagens Espíritas - Anjos da Noite” para promover os atos do dia 7. A imagem é uma montagem de outro cartaz cristão, após acrescentarem a bandeira do Brasil no lugar do desenho do Planeta Terra – a edição trata a Nação como superior ao planeta como um todo. A imagem original a seguir (imagem 30):



(imagem 31)



(imagem 31) Cartaz distribuído entre bolsonaristas através do grupo do canal de extrema-direita Terça Livre no Facebook. Aqui, aparece o elemento de 'A "solução final" via violência – o pacifismo é 'conluio com o inimigo'".

(imagem 32)



(imagem 32) Outra imagem compartilhada através do grupo do canal de extrema-direita Terça Livre no Facebook, que traz o elemento de “culto à tradição” com apelo a um passado mítico.

(imagem 33)



(imagem 33) No cartaz, compartilhado no grupo “Fechados Com Bolsonaro 2022”, do Facebook, aparece o elemento do “culto à tradição”, além do nacionalismo quase unânime nos materiais.

(imagem 34)



(imagem 34). Na imagem, compartilhada no grupo “Fechados Com Bolsonaro 2022”, o bode-expiatório do nazismo reaparece na campanha da extrema-direita brasileira contro o suposto perigo comunista.

(imagem 35)



(imagem 35) Por último, na imagem também compartilhada nos grupos “Fechados Com Bolsonaro 2022”, do Facebook, os elementos de “culto da ação pela ação”, “apelo às classes médias frustradas” e “a ‘solução final’ via violência – o pacifismo é ‘conluio com o inimigo’”.

6. Conclusão

6.1. Apropriação e instrumentalização das deficiências do capitalismo

O fascismo surge a partir das contradições entre o discurso necessário para manter o corpo social sob controle e as instabilidades estruturais do modo de produção capitalista. As crises financeiras, a incapacidade de garantir a liberdade e a igualdade política – características fundamentais de toda democracia plena – e o estímulo às percepções imediatistas das relações sociais desembocam em periódicas revoluções conservadoras. Os pressupostos necessários para movimentar e manter vivos os pilares da economia impossibilitam que ela coexista com uma democracia plena e capaz de conter as múltiplas formas de violência e desigualdade que atingem o corpo social. A partir daí, o fascismo se apropria das consequências sociais geradas pelas contradições e transforma as frustrações e o trauma do corpo social em ódio direcionado contra um bode expiatório utilizando a ideia de inimigo do Estado. Essa relação esquizofrênica com a verdade factual recebe estímulos do aparelho punitivo através de discursos em defesa da ordem e contra uma suposta ameaça estrangeira, necessários para justificar as políticas de repressão de grupos indesejados. Paralelamente, o monopólio dos meios de comunicação de massa, estruturado para gerar lucro e dentro da lógica da propaganda, debilita a comunicação saudável, o espaço para a reflexão e o pensamento lento e crítico. A somatória desses fatores fez com que, nas duas primeiras décadas do século XXI, os grupos fascistas encontrassem espaço para se proliferar, principalmente nas redes sociais, apropriando-se de discursos da modernidade e do conhecimento científico para deformá-los e utilizá-los a favor da manutenção das estruturas e valores hierárquicos conservadores, em detrimento de quaisquer debates sobre avanços sociais. Nesse cenário, os grupos de pessoas, ideias e comportamentos contrários ou críticos ao sistema capitalista foram transformados em inimigos do Estado e acusados de serem responsáveis por todos os males que atingem o corpo social em crise.

6.2. Construção do inimigo do Estado

O principal discurso do fascismo reafirma a existência de um suposto inimigo da nação que ameaça a integridade e os valores que o corpo social (fascista) preza. Ele transforma tudo que simboliza a crítica ou pensamento contrário aos valores conservadores em inimigo do Estado. O argumento de proteção da nação contra essa suposta ameaça serve como justificativa para a perseguição, a limitação de direitos, a desumanização e conseqüente extermínio do adversário. A violência real e simbólica da verdade factual é transfigurada e transformada em ódio contra um inimigo comum, que é gradualmente desumanizado para que o fascista não encontre semelhanças entre si e o suposto mal. A ideia de inimigo do Estado, entretanto, não nasceu no capitalismo. Ela existe desde o direito romano, com o conceito de *hostis alienigena*, mas foi instrumentalizada pelo Estado durante a formação do poder punitivo contemporâneo.

A manutenção das sensações de perigo permanente e de uma suposta ameaça do inimigo do Estado é necessária para o controle do corpo social. Sem ela, a tendência é que as tensões sociais se agravem devido às contradições e desigualdades estruturais. O aspecto desse bode expiatório criado precisa ser amorfo, uma vez que é necessário recorrer a ele sempre que o capitalismo e, eventualmente, o fascismo, são criticados – o inimigo precisa ser moldável para caber nos discursos ideológicos. Em períodos de crise econômica e social, essa ideia serve como justificativa para extrapolar os limites que a própria democracia estabelece e promover a perseguição de grupos de pessoas e ideias.

Paralelamente, no Brasil, os meios de comunicação de massa, da imprensa ao cinema, absorvem o discurso do aparelho punitivo e o reproduzem sem reflexão e olhar crítico. No sistema judiciário e no jornalismo, os inimigos do Estado aparecem na forma de usuários e vendedores de drogas e nos sujeitos vistos como criminosos em geral. Nos veículos da imprensa, a cobertura da violência urbana é tendenciosa: reproduz os argumentos da acusação, prioriza a fala de policiais, acompanha apenas as primeiras etapas do processo – que não reproduzem a complexidade de um julgamento justo – e obscurece os argumentos da defesa e do réu. As conseqüências dessa relação é a formação de um corpo social que convive coniventemente com a tortura dentro de presídios que, em certas regiões, são

equivalente a campos de concentração, assim como com o genocídio de populações pobres e negras nas periferias.

6.3. Meios de massa que debilitam a comunicação saudável

O avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa permitiu que eles passassem a representar um poderoso instrumento de difusão de ideias padronizadas para o corpo social. Junto à expansão do liberalismo e, posteriormente, do neoliberalismo, uma indústria da comunicação foi formada e hoje opera em escala mundial. A propaganda está presente em toda essa indústria, criada, desenvolvida e estruturada para gerar lucro para as empresas que a comanda. Assim, esses meios assumem um papel importante para a expansão da produção e padronização dos mercados por meio da repetição de ideias e perspectivas de mundo. Com a internet, essa indústria alcançou todas as esferas do cotidiano e hoje está presente ininterruptamente nos momentos de trabalho, de lazer e íntimos, através, principalmente, dos aplicativos de celulares. Esse movimento fez com que a capacidade de modelar a perspectiva de mundo do corpo social atingisse um alcance inédito. Paralelamente, esse novo meio de comunicação de massa abriu espaço para o surgimento das redes sociais, que têm como característica a tentativa de passar a sensação de realidade através dos conteúdos, obscurecendo os diversos filtros que os regem. O principal deles são os algoritmos, desenvolvidos para prender os usuários nos aplicativos e gerar mais lucros para as empresas. Algumas das características desses filtros são o reforço de ideias de mundo pré-existente nos internautas, o agrupamento de pessoas que têm pensamentos parecidos e o afastamento da pluralidade de visões e críticas. Com o convívio e a utilização desses aplicativos para comunicar, as noções de realidade são gradualmente deformadas e o sujeito passa a acreditar que a visão subjetiva da verdade factual representa o mundo real, se tornando incapaz de diferenciar opinião de fato.

6.4. Propaganda nazista e redes sociais

O nazismo alemão do início do século XX criou algumas das estruturas mais importantes da indústria da propaganda, que foram apropriadas pela economia capitalista como um todo e desenvolvidas através dos meios de comunicação de massa após o fim do Holocausto. As principais estruturas que permaneceram foram: a repetição de discursos ideológicos e o excesso da presença da propaganda com a função de construir modelos de mundo padronizados. No nazismo, esse recurso foi necessário para a criar o universo fantasioso do inimigo judeu-comunista, e na Indústria Cultural, é necessário para homogeneizar o mercado e garantir a expansão do comércio.

Nas redes sociais, além da construção de mundo padronizado, outras estruturas da propaganda nazista que permaneceram foram instrumentalizadas de forma ainda mais eficaz. A popularidade dos cartazes e jornais nazistas entre os alemães foi mérito de modelos discursivos que estimulavam as emoções, a imediatividade e o pensamento rápido. Hoje, esses mecanismos são utilizados na produção de conteúdo das redes sociais. Entre as características desses discursos, estão:

- Conteúdos expressos de forma simplista e simplificada, que exigem pouco tempo de leitura;
- Conteúdos com forte apelo emotivo e que trabalham em conjunto com imagens apelativas;
- Conteúdos filtrados pelos algoritmos, que têm: (a) função de limitar a pluralidade de opiniões; (b) eliminar as perspectivas de mundo diferentes e múltiplas; (c) reforçar as crenças enraizadas do sujeito;
- Conteúdos expressos de forma padronizada, que acabam colocando como equivalentes assuntos variados e de importâncias sociais diferentes.

Nas redes sociais, a imediatividade, o excesso de informações e dados, e a forma superficial e limitada com que as plataformas reproduzem a realidade debilitam a capacidade do sujeito de desenvolver o pensamento lento, a reflexão e o olhar crítico perante o conteúdo apresentado. Paralelamente, a criação e popularização das plataformas aconteceram em um momento de expansão do neoliberalismo e conseqüente crise econômica e social, que abriu caminho para a ascensão de movimentos e governos de extrema-direita ao redor do mundo. Devido ao baixo custo de produção de conteúdo e a capacidade de alta circulação, elas se

tornaram ambientes propícios para a expansão e promoção de grupos extremistas e de notícias falsas.

6.5. Sujeito pós-traumático

A partir do fim dos anos 90, a ascensão das políticas neoliberais acarretou crises que dilapidaram gradualmente a capacidade do Estado democrático de defender as garantias fundamentais da sociedade perante o fortalecimento de conglomerados internacionais. Essas políticas crescem em detrimento de direitos trabalhistas, sindicatos e instituições que atuam em defesa dos interesses do corpo social, intensificando o processo que ficou conhecido como a uberização do trabalho. Paralelamente, esse modelo de produção parece ter esgotado a capacidade do próprio planeta de sustentá-lo, somando o colapso climático às tensões provocadas pelas crises econômicas e sociais que explodiram após 2008. O resultado dessa somatória foi o nascimento de um corpo social formado por sujeitos traumatizados que não conseguem lidar com a violência simbólica e real do mundo em que estão obrigados a viver. Assim, eles recorrem a mecanismos cognitivos que negam ou distorcem a verdade factual, transferindo a responsabilidade do colapso da sociedade para indivíduos, grupos ou ideias que criticam e contestam aquilo que eles acreditam. Esse novo sujeito pós-traumático encontrou nas redes sociais ambientes que permitem que ele reafirme as próprias convicções sem precisar encarar a verdade factual e opiniões contrárias – como aconteceria no espaço público. Outra novidade que as plataformas trouxeram foi a impossibilidade de viver sem conviver com um mundo em colapso e com a reprodução deformada e esquizofrênica desse colapso dentro dos meios de comunicação de massa. A popularização da internet e a criação das redes sociais obrigou o corpo social a lidar diariamente com as tensões do sistema – um corpo social desacostumado a ver o mundo e compreender seus processos complexos, e acostumado a desvincular as instituições e relações da própria vida do lado desigual e violento das estruturas sociais em que está inserido. Além disso, essas plataformas se encaixaram no modo de produção e tornaram-se parte dele como instrumento de promoção da propaganda. Esse movimento fez com que elas se tornassem presentes no dia a dia de cada sujeito, que, gradualmente, foi treinado a se relacionar com a realidade

através delas. Devido às estruturas dessas plataformas, esse sujeito foi desestimulado a diferenciar o que é a percepção subjetiva de mundo e a objetiva, passando a acreditar que não existem formas confiáveis de compreensão da realidade concreta. Ele perdeu a capacidade de separar o que tem a ver com a própria consciência e sensibilidade do conhecimento científico sobre a verdade factual. Para ele, o fato passa a ser aquilo que aparece diante da tela e a realidade compreendida a partir do que foi apresentado nas redes sociais. “O *locus communis* ‘É preciso ver para crer’ deveria ser sempre lido com sua inversão ‘É preciso crer para ver’”²³⁴. Somado a isso, a falta de regulamentação da internet e dos limites dos conglomerados da comunicação, onde as redes sociais operam, permitiu que campanhas de desinformação fossem monetizadas sem que os responsáveis por elas precisassem prestar contas ou se responsabilizar pelos impactos negativos.

6.6. Nota sobre a regulamentação da internet

*“Liberdade e regulação não são opostas: somos livres de fato, isto é, podemos andar por aí e fazer escolhas livres, porque um denso fundo de regulamento sustenta essa liberdade”*²³⁵.

Ao contrário dos meios de comunicação de massa anteriores, a internet inaugurou um novo conceito de espaço, o teleespaço público. Assim como a legislação de um território dentro da democracia existe para garantir que os direitos fundamentais de cada sujeito sejam protegidos, o ambiente digital também precisa ser regulamentado para garantir esses mesmos direitos dentro do teleespaço público. Esse debate é necessário porque a internet (e provavelmente as redes sociais) é um meio de comunicação que veio para ficar e negar a importância de debatê-la não impedirá que ela siga existindo. Regulamentar a internet significa que cada sujeito terá controle de tudo aquilo que expõe online, saberá quais dados estão sendo coletados e o que será feito com eles, poderá ter controle sobre quais informações aparecerão na própria tela e terá liberdade de escolher como e se essas informações serão filtradas. Ela também deve abrir um caminho que permita que o usuário tenha capacidade de se defender perante os conglomerados da

²³⁴ ZIZEK, Slavoj. Sobrevivendo no fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2012

²³⁵ Ibid., p. 150

comunicação. Assim, as plataformas precisam se adaptar em formato, estrutura e transparência de dados para respeitar as garantias fundamentais dos próprios usuários que as sustentam. O objetivo dessa regulamentação não deve ser caçar culpados ou estabelecer o que e como a sociedade deve se comportar, mas criar mecanismos que eliminem o estímulo ao pensamento rápido, superficial e sem espaço para reflexão, assim como deve promover formas de garantir a pluralidade de ideais em todos os ambientes, assim como priorizar o pensamento lento – aquele que permite que o sujeito possa escolher concordar ou não com a informação que recebe. Em resumo, deve se distanciar das estruturas, modelo discursivo e propagandístico que se aproximam do fascismo.

A liberdade dentro e fora das redes sociais pode conviver com pequenos grupos de extremistas, lunáticos, neonazistas etc., porque na democracia real não se trata de eliminar os discursos intolerantes, mas de “criar uma estrutura de sociedade que não permita a hegemonia de um grupo sobre o outro”²³⁶. Assim, para garantir a liberdade dentro da internet e das redes sociais, é necessário encará-las como estruturas complexas com alto potencial de impacto no corpo social, que exigem a construção de ambientes em que o sujeito tenha os próprios direitos protegidos por lei.

²³⁶ZIZEK, Slavoj. *Sobrevivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 69

APÊNDICE

Na etapa final da redação desta dissertação, uma pesquisa sobre irracionalidade e comunicação foi retirada por ser um tema complexo e amplo demais para ser desenvolvido no tempo disponível. Entretanto, esse assunto é central para a compreensão do modus operandi do fascismo e engloba desde pesquisas realizadas pela primeira geração da Escola de Frankfurt, como o livro "Eclipse da Razão", de Max Horkheimer, as origens no século XIX, assim como a perspectiva da psicanálise, de Lacan a Zizek. Esse é um tema que pode ser desenvolvido em pesquisas futuras.

Paralelamente, é interessante expandir a compreensão dos governos fascistas do séc. XX, entender os casos italiano e japonês, assim como seus reflexos na América Latina, sobre os integralistas, Getúlio Vargas, até a permanência desses grupos no Brasil. Outro tema que ficou incompleto nessa dissertação foi o aprofundamento nas estruturas dos algoritmos, assim como o estudo de propostas de regulamentação da internet em andamento no Brasil e no mundo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Allan de. PCC na contramão da crise. **Revista Piauí**, 13.out. 2020. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/pcc-na-contramao-da-crise/>>. Acesso em 5.set.2021.
- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ADORNO, Theodor. **The Stars Down to Earth and Other Essays on the Irrational in Culture**. 1ª ed. Routledge, 1994.
- ADORNO, Theodor W., FRENKEL-BRUNSWIK, Else, LEVINSON, Daniel e STANFORD, Nevitt. **The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series**. 1950.
- ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BATISTA, Vera Malaguti. **Introdução crítica à criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan. 2011.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudo da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.
- BLOCH, Marc. **Reflections of a Historian on the False News of the War**, 1921. Traduzido pelo Michigan War Studies Review. Disponível em <<http://www.miwsr.com/2013/downloads/2013-051.pdf>>.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do capitalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. 1ª ed. São Paulo: Editora Politeia, 2019.
- BUCCI, Eugênio. **Ubiquidade e instantaneidade no telespaço público: algum pensamento sobre a televisão**. Revista Caligrama. Revista de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Mídia, 2006.
- BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

BUENO, Samira; CERQUEIRA, Daniel; SÉRGIO DE LIMA, Renato. **Sob fogo cruzado II: letalidade da ação policial.**

CULLEN, James. **The History of Mass Incarceration.** Brennon Center for Justice, 2018.

CARMICHAEL, Flora. Vacina contra o coronavírus: a verdade sobre os boatos de DNA alterado, microchips implantados e efeitos colaterais. **BBC Brasil.** 20.nov.2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55013716>>. Acesso em 5.set.2021.

DIETER, Vitor Stegemann. A política penal de drogas proibidas nos EUA e Brasil: uma breve introdução histórica / Penal policy and illegal drugs in USA and Brazil: a brief introduction. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 97-118, set. 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/1535>>. Acesso em: 4.set.2021.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno.** Trad. Eliana Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERNANDES, Florestan. **Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo.** São Paulo: Expressão Popular, 1977.

GIRARD, Renée. **O Bode Expiatório.** São Paulo: Paulus, 2004.

GRIFFIN, Roger. **Faschismus hat eine existentielle Dimension.** Instituto Rosa Luxemburgo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H7XhAR5SxIE&t>>.

HERF, Jeffrey. **O Inimigo Judeu:** propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. São Paulo: Edipro, 2014.

HORKHEIMER, Max. **Studies in Prejudice.** 1962.

HORKHEIMER, Max. **The Authoritarian Personality - A Volume in Studies in Prejudice Series.** Prefácio, p. 2.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. **Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases**. Science, New Series, Vol. 185, No. 4157. (Sep. 27, 1974), pp. 1124-1131.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou Mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. Excurso Mediológico: Fake News, o contínuo mediático atmosférico e a nova era do jornalismo. *In: Comunicologia ou Mediologia? A fundação de um campo científico da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2018.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2009.

Mídia, Sistema de Justiça Criminal e Encarceramento: narrativas compartilhadas e influências recíprocas. 2021

MURCH, Walter. Sound Design: The Dancing Shadow. *In Projections 4: Film-makers on Film-making*.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Curso aberto de método em Marx**, realizado pelo Centro de Pesquisa e Extensão em Ciências Criminais, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0mlvPEIRUIE>>. Acesso em 5.set.2021.

SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado pelos Demônios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANFORD, R. Nevitt; ADORNO, T.W; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; JEVINSON, Daniel J. - Capítulo XII "The Measurement of Implicit Antidemocratic Trends" em **Studies in Prejudice**.

SOUZA MARTINS, José de. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SPINOZA. **Ética**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

V-Dem. Democracy Report 2021. Autocratization Turns Viral. Disponível em: <https://www.v-dem.net/media/filer_public/74/8c/748c68ad-f224-4cd7-87f9-8794add5c60f/dr_2021_updated.pdf>. Acesso em 5.set.2021.

WAGNER, Meg. **Blood and soil**: Protesters chant Nazi slogan in Charlottesville. CNN, 2021. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/08/12/us/charlottesville-unite-the-right-rally/index.html>>. Acesso em 5.set.2021.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

ZAFFARONI, E. Raúl. **O Inimigo no Direito Penal**. Coleção Pensamento Criminológico. Instituto Carioca de Criminologia. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZIZEK, Slavoj. **Sobrevivendo no fim dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ZIZEK, Slavoj. **Alguém disse Totalitarismo?** Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. São Paulo: Boitempo, 2013.

ZIZEK, Slavoj. **Slavoj Žižek Explains Fascism in 2 Minutes or Less**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wx3MKue1EWQ>>. Acesso em 5.set.2021.

ZUCKERMAN, Ethan. **Mistrust, Efficacy and the New Civics**: a whitepaper for the Knight Foundation, 2017. Disponível em: <<http://www.ethanzuckerman.com/blog/2017/08/17/mistrust-efficacy-and-the-new-civics-a-whitepaper-for-the-knight-foundation/>>. Acesso em 5.set.2021.

Sites:

Acervo do British Pathé: <https://www.britishpathe.com>

STF: <https://www.stf.jus.br>

UOL: <https://noticias.uol.com.br/>

CNN: <https://edition.cnn.com/>

G1: <https://g1.globo.com>

Ministério da Comunicação do Governo Federal: <https://www.gov.br/mcom/pt-b>

ONU: <https://news.un.org>

Instituto Rosa Luxemburgo.
Infopen: <http://antigo.depen.gov.br/>
A Pública: <https://apublica.org/>
Fiocruz: <https://portal.fiocruz.br/>
BBC <https://www.bbc.com/>
Ponte <https://ponte.org/>
El País <https://brasil.elpais.com/>
Senado <https://www12.senado.leg.br/>
Agência Brasil: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>
Atlas da Violência, IPEA.
IBGE <https://www.ibge.gov.br/>
CNJ <https://www.cnj.jus.br/>
Wikipedia <https://pt.wikipedia.org/>
Folha <http://www1.folha.uol.com.br>
Variety <http://variety.com/>
The Guardian <https://www.theguardian.com>
New York Magazine <http://nymag.com/>
New York Post <https://nypost.com>
Cinema em Cena <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br>
Omelete: <https://omelete.com.br>
Adoro Cinema <http://www.adorocinema.com>
Calvin <https://research.calvin.edu>
Bytwerk <https://www.bytwerk.com/>
New York Times: <https://www.nytimes.com>
Infomoney <https://www.infomoney.com.br/>
Forbes <https://forbes.com.br>
Reuters: <https://www.reuters.com>
Poder360 <https://www.poder360.com.br/>
Wired: <https://www.wired.com/>
The Associated Press-NORC <http://www.apnorc.org>
Midia insight <http://www.mediainsight.org>
Agência Brasil <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>
Vox <https://www.vox.com>